



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

IRON MENDES DE ARAÚJO

EM BUSCA DAS MULHERES NA FILOSOFIA:

A participação das filósofas nos livros didáticos de filosofia do Programa Nacional do
Livro Didático – 2018

Recife
2019

IRON MENDES DE ARAÚJO

EM BUSCA DAS MULHERES NA FILOSOFIA:

A participação das filósofas nos livros didáticos de filosofia do Programa Nacional do
Livro Didático – 2018

Dissertação apresentada, para defesa pública, como
requisito parcial para obtenção do título de mestre,
no Programa de Pós-graduação – Mestrado
Profissional em Filosofia.

Área de Concentração: Ensino de Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Itamar Nunes da Silva

Recife
2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Valdicéa Alves Silva, CRB4-1260

A663e Araújo, Iron Mendes de
 Em busca das mulheres na filosofia: a participação das filósofas nos livros
 didáticos de filosofia do Programa Nacional do Livro Didático – 2018 / Iron Mendes
 de Araújo. – 2019.
 130 f.: Il. 30 cm.

 Orientador: Prof. Dr. Itamar Nunes da Silva.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
 Programa de Pós-graduação em Filosofia, Recife, 2019.
 Inclui referências e Apêndices.

 1. Filosofia. 2. Filósofas. 3. Mulher - Sujeito secundário na sociedade. 4. filósofos
 homens sobre elas. 5. Beauvoir, Simone de. I. Silva, Itamar Nunes da (Orientadora),
 II. Título.

100 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2019-253)

IRON MENDES DE ARAÚJO

EM BUSCA DAS MULHERES NA FILOSOFIA:

A participação das filósofas nos livros didáticos de filosofia do Programa Nacional do
Livro Didático - 2018

Dissertação apresentada, para defesa pública,
como requisito parcial para obtenção do título de
mestre, no Programa de Pós-graduação –
Mestrado Profissional em Filosofia.

Aprovada em: 28/08/2019.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Itamar Nunes da Silva (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Junot Cornélio Matos (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Eleonoura Enoque da Silva (Examinador Externo)
Universidade Católica de Pernambuco

Dedico esse trabalho a minha família representados nas figuras de minha esposa Fátima, minha filha Júlia e meu filho Iron JR. Tudo que procuro realizar na vida tem em última instância vocês como destinatário final.

AGRADECIMENTOS

Quando concluímos um trabalho é enobrecedor agradecer aqueles que nos pegaram pelas mãos e nos guiaram pelo caminho da perseverança e da determinação até o objetivo final. Nesse sentido, quero agradecer a meus ilustres professores do Proffilo, nas pessoas do meu orientador prof. Dr. Itamar Silva, sempre solícito para contribuir com a pesquisa, sempre disponível todas as horas que precisei e tendo consciência que sem sua providencial orientação o trabalho não teria sido tão produtivo. Ao coordenador do programa e membro da banca prof. Dr Junot Matos, exemplo de servidor público e alma do proffilo minha eterna gratidão. Um agradecimento especial à examinadora externa da Unicap, profa. Dra. Eleonoura Enoque da Silva que tão gentilmente aceitou fazer parte da minha banca de avaliação e deu muitas contribuições ao aperfeiçoamento do trabalho.

Registro um agradecimento também especial, a todos os professores e professoras que ministraram as disciplinas do curso, e aos meus amigos e amigas da turma pioneira do proffilo, com quem aprendi tanto ao longo dessa convivência tão enriquecedora. Os laços foram estabelecidos e somos todos agora amigos da sabedoria e caminantes irmanados pela filosofia nesse mistério que é a vida. Por fim, mas não menos importante, um agradecimento especial à gestora da Erem Vila Rica, profa. Márcia Maria Oliveira que com sua compreensão de educadora muito ajudou para que pudesse concluir essa pesquisa.

“Não é que não houvesse mulheres que filosofassem. É que os filósofos preferiram esquecer-las, talvez depois de se apropriarem de suas ideias. ”

(Umberto Eco)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender o porquê dos livros didáticos de filosofia do PNLD 2018 apresentarem pouquíssimas mulheres como protagonistas da história da filosofia, bem como examinar se a dominação patriarcal contribuiu para a ocultação das mulheres filósofas, e se o discurso dos filósofos homens sobre elas não reforçou ainda mais a sua invisibilidade. O trabalho foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica e do método de análise crítica do discurso (ACD) elaborado por Norman Fairclough, a partir da temática escolhida “mulheres na filosofia”, e de sua presença nos conteúdos dos livros didáticos. O referencial teórico utilizou os textos desenvolvidos por Simone de Beauvoir sobre o patriarcalismo e a representação social da mulher como sujeito secundário na sociedade para explicar a ocultação das mulheres filósofas, assim como, Weber, Peteman e Bordieu, além de algumas filósofas brasileiras e portuguesas que trabalham o tema. O trabalho contempla também um relato de experiência de uma disciplina eletiva fruto de uma intervenção pedagógica com a metodologia de Silvio Gallo, que prioriza num curso de filosofia para o ensino médio, a sensibilização, a problematização, a investigação e a produção de conceitos.

Palavras-Chave: Mulheres Filósofas. Ocultação. Dominação patriarcal. Livros didáticos.

ABSTRACT

This paper aims to understand why the PNLD 2018 philosophy textbooks present very few women as protagonists of the history of philosophy, as well as to examine whether patriarchal domination contributed to the concealment of female philosophers, and whether the discourse of male philosophers about them did not further reinforce their invisibility. The work was developed through bibliographic research and the method of critical discourse analysis (ACD) elaborated by Norman Fairclough, from the chosen theme "women in philosophy", and its presence in the contents of textbooks. The theoretical framework used the texts developed by Simone de Beauvoir on patriarchy and the social representation of women as secondary subjects in society to explain the concealment of philosophers, as well as Weber, Peteman and Bordieu, as well as some Brazilian and Portuguese philosophers who work the theme. The work also includes an experience report of an elective subject resulting from a pedagogical intervention with the methodology of Silvio Gallo, which prioritizes in a course of philosophy for high school, awareness, problematization, research and the production of concepts.

Keywords: Philosophers Women. Concealment. Patriarchal domination. Didactic books.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 –	Cronologia das filósofas antigas.....	30
Figura 2 –	Análise comparativa no livro Filosofia e filosofias.....	78
Figura 3 –	Análise comparativa no livro Filosofando: introdução à filosofia...	79
Figura 4 –	Análise comparativa no livro Filosofia: experiência do pensamento.....	80
Figura 5 –	Análise comparativa no livro Iniciação à filosofia.....	80
Figura 6 –	Análise comparativa: Resultado geral.....	81

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Livros de Filosofia - PNLD 2018.....	47
Tabela 2 -	Livros didáticos do PNLD 2018 selecionados para pesquisa.....	50
Tabela 3 -	Espaço físico do EREM Vila Rica.....	91

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	MULHERES NA FILOSOFIA.....	21
2.1	A DOMINAÇÃO PATRIARCAL COMO FONTE DE OCULTAÇÃO DAS MULHERES FILÓSOFAS.....	21
2.2	O DISCURSO DOS FILÓSOFOS SOBRE AS MULHERES COMO ELEMENTO QUE CONTRIBUIU PARA DIMINUIR SUA PRESENÇA NA FILOSOFIA E TORNÁ-LAS INVISÍVEIS.....	25
2.3	BREVE PANORAMA DAS MULHERES FILÓSOFAS NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA OCIDENTAL.....	29
2.4	AS VOZES DAS FILÓSOFAS DO PASSADO.....	34
3	O LUGAR DAS FILÓSOFAS NOS LIVROS DE FILOSOFIA DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO – 2018.....	45
3.1	O DISCURSO SOBRE AS FILÓSOFAS DA ANTIGUIDADE E ERA MEDIEVAL NOS LIVROS DIDÁTICOS.....	51
3.2	AS VOZES DAS FILÓSOFAS DOS PERÍODOS MODERNO E CONTEMPORÂNEO.....	56
3.2.1	A voz de Simone Weil.....	61
3.2.2	A voz de Simone Beauvoir: Como aparece nos livros?.....	62
3.2.3	A voz de Hanna Arendt.....	65
3.3	ANÁLISE COMPARATIVA EM PERCENTUAL DOS GRÁFICOS DA PARTICIPAÇÃO DAS FILÓSOFAS NOS LIVROS DIDÁTICOS EM RELAÇÃO AOS FILÓSOFOS.....	78
4	RELATO DE EXPERIÊNCIA COM UMA DISCIPLINA ELETIVA DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO, NA ESCOLA ESTADUAL DE REFERÊNCIA VILA RICA, DENOMINADA “EM BUSCA DAS MULHERES NA FILOSOFIA”.....	83
4.1	METODOLOGIA.....	88
4.2	ESTRATÉGIA DE AÇÃO.....	91
5	CONCLUSÃO.....	100
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
	REFERÊNCIAS.....	104

APÊNDICES.....	107
APÊNDICE A – FAIXA DA EXPOSIÇÃO.....	107
APÊNDICE B – BANNER 1: OLYMPE DE GOUGES (1748 – 1793).....	108
APÊNDICE C – BANNER 2: HIPACIA DE ALEXANDRIA (+- 351/70a.C. – 450d.C.).....	109
APÊNDICE D – BANNER 3: SARAH KOFMAN (1934 – 1994).....	110
APÊNDICE E – BANNER 4: ANGELA DAVIS (1944).....	111
APÊNDICE F – BANNER 5: HILDEGARDA DE BINGEN (1098 – 1179).....	112
APÊNDICE G – BANNER 6: LOU SALOMÉ (1981 – 1937).....	113
APÊNDICE H – BANNER 7: HELOISE DE PARÁCLITO (+- 1090 – 1164).....	114
APÊNDICE I – BANNER 8: ASPÁSIA DE MILETO (+- 470 – 400 a.C.).....	115
APÊNDICE J – BANNER 9: SAFO DE LESBOS (+- 630 a.C.).....	116
APÊNDICE K – BANNER 10: SIMONE DE BEAUVOIR (1908 – 1966).....	117
APÊNDICE L – BANNER 11: HANNA ARENDT (1906 – 1975).....	118
APÊNCIDE M – BANNER 12: ROSA DE LUXEMBURGO (1871 – 1919).....	119
APÊNDICE N – BANNER 13: EDITH STEIN (1891 – 1942).....	120
APÊNDICE O – BANNER 14: LOUISE LABÉ (1524 – 1566).....	121
APÊNDICE P – BANNER 15: MARILENA CHAÚÍ (1941).....	122
APÊNDICE Q – BANNER 16: JUDITH BUTLER (1956).....	123
APÊNDICE R – BANNER 17: MARY WOLLSTONECRAFT (1759 – 1797).....	124
APÊNDICE S – BANNER 18: MÁRCIA TIBURI (1970).....	125
APÊNDICE T – BANNER 19: DIOTIMA DE MANTINÉIA (+- SÉC. V a.C.).....	126
APÊNDICE U – BANNER 20: SIMONE WEIL (1909 – 1943).....	127
APÊNDICE V – FOTOS DA CULMINÂNCIA DA DISCIPLINA 1.....	128
APÊNDICE W – FOTOS DA CULMINÂNCIA DA DISCIPLINA 2.....	128

APÊNDICE X – FOTOS DA CULMINÂNCIA DA DISCIPLINA 3.....	129
APÊNDICE Y – FOTOS DA CULMINÂNCIA DA DISCIPLINA 4.....	129
APÊNDICE Z - FOTOS DA CULMINÂNCIA DA DISCIPLINA 5.....	130
APÊNDICE A1 – FOTOS DA CULMINÂNCIA DA DISCIPLINA 6.....	130

1 INTRODUÇÃO

A partir da observação dos atuais livros didáticos de Filosofia, selecionados com base no último edital do Programa Nacional do Livro Didático para o ensino médio, nota-se que o número de Filósofos, presentes no conteúdo dos livros de filosofia é bem maior do que o de Filósofas. Isso sugere que: ou a história da filosofia ocidental foi majoritariamente feita por homens ou as mulheres que participaram dessa história estão ocultas¹.

Para Simone de Beauvoir (1970), uma característica marcante da história ocidental é o chamado patriarcalismo e a submissão do gênero feminino ao gênero masculino que tem como uma de suas características essa forma de dominação:

Assim, o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso nem o resultado de uma revolução violenta. Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos (BEAUVOIR, 1970, p. 97).

Essa ideia que afirma a sujeição da mulher ao homem em vários espaços sociais foi uma constante ao longo de quase toda a história ocidental como veremos ao longo da pesquisa. Segundo Simone de Beauvoir:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1967, p. 9).

Neste sentido é razoável afirmar que ninguém nasce filósofo (a). Tornar-se um filósofo ou uma filósofa é também uma construção cultural que independe do fato de se nascer homem ou mulher considerando que ambos são dotados de racionalidade, característica essencial para o exercício do filosofar. É possível tomar esta ideia emprestada, para ajudar a tentar elucidar a pouca presença das mulheres nos livros didáticos de filosofia.

Os estudos desenvolvidos por Simone de Beauvoir sobre o patriarcalismo e a representação social da mulher como sujeito secundário na sociedade, colaboram e

¹ Conforme veremos mais adiante na seção 2.4

nos ajudam a responder, ao questionamento posto nessa investigação, que tem como problema central responder à seguinte questão: por que os livros didáticos de Filosofia apresentam pouquíssimas mulheres como protagonistas da história da filosofia: ausência de interesse filosófico por parte das mulheres ou ocultação histórica de sua produção filosófica? O que faremos aqui é buscar uma explicação de forma mais precisa a tendência que se mostrar mais forte em nossa investigação. Destacando que ambas demandam explicações diversas para o fenômeno apresentado.

O trabalho foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica e do método de análise crítica do discurso (ACD) elaborado por Norman Fairclough (2001), a partir de uma análise do corpus da temática escolhida, ou seja, as mulheres na Filosofia, e de sua presença nos conteúdos dos livros didáticos selecionados no último Programa Nacional do Livro Didático - PNLD, buscando interpretar, quando for o caso, o discurso sobre as mulheres filósofas para além daquilo que é dito objetivamente, procurando inferir as entrelinhas desse discurso e nos baseando na frequência das ocorrências quantitativas com que elas são citadas nos livros didáticos de Filosofia do PNLD 2018 e na compreensão qualitativa dos valores e interesses dessas ocorrências.

O método de análise crítica do discurso provém do linguista britânico Norman Fairclough que o criou em 1985. Essa abordagem científica é originária da denominada linguística crítica, e se constitui numa abordagem teórico metodológica para investigar como as formas linguísticas atuam na reprodução, manutenção e transformação social.

A ACD adota a concepção de que muitas das relações entre linguagem e as estruturas sociais criam um véu, ou seja, se tornam pouco visíveis, passando despercebidas pelos indivíduos, todavia, os textos apresentam traços e pistas de rotinas sociais que revelam essas relações (FAIRCLOUGH, 2001).

A ACD tem como objetivo metodológico investigar e elucidar essas relações buscando aquilo que está oculto nos textos seja através de uma ideologia ou de uma hegemonia de determinados grupos.

Levando em conta que a ACD se constitui numa teoria e num método Resende e Ramalho (2017) afirmam que:

A ADC é por princípio uma abordagem transdisciplinar. Isso significa que não somente aplica outras teorias como também, por meio do rompimento de fronteiras epistemológicas, operacionaliza e transforma tais teorias em favor da abordagem sociodiscursiva. Assim sendo, a ADC provém da operacionalização de diversos estudos, dentre os quais, com base em Fairclough (2001a), destacamos os de Foucault (1997, 2003) e de Bakhtin (1997, 2002), cujas perspectivas vinculam discurso e poder e exerceram forte influência sobre a ADC (RESENDE; RAMALHO, 2017, p. 14).

Consideramos essa forma de abordagem apropriada para a nossa pesquisa, na medida em que, pela sua natureza transdisciplinar, a ADC nos permite, ao buscar pistas para explicar a invisibilidade das filósofas, dialogar com outros aportes teóricos que se complementam.

Fairclough (2001), em seu método, trabalha com uma prática tridimensional do discurso que se constitui de prática social, prática discursiva e texto. Segundo Resende e Ramalho (2017):

A prática social é descrita como uma dimensão do evento discursivo, assim como o texto. Essas duas dimensões são mediadas pela prática discursiva, que focaliza os processos sociocognitivos de produção, distribuição e consumo de texto, processos sociais relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares (RESENDE; RAMALHO, 2017, p. 28).

Como observamos, ao estudar a produção filosófica das mulheres é importante perceber que o texto referente à produção das filósofas e do discurso que sobre ele é dito ou não dito não é só gramatical, nesse aspecto a ADC nos ajuda a discernir, como nos mostra a citação acima, que ele é produto de uma prática social e de processos sociais relacionados a um ambiente específico que comportam elementos econômicos, políticos e institucionais característicos de um determinado tempo e lugar. Ou seja, de um contexto permeado de intertextualidade, interdiscursividade, práticas sociais hegemônicas, políticas ideológicas, etc.

Nesse sentido, como afirma Silva (2015), depois da ADC manter as três dimensões do discurso, a que nos referimos anteriormente, ela virá a incorporar um novo modelo, com novos aportes teóricos, que privilegiarão, mais ainda, a análise da prática social, onde o discurso é visto como uma etapa das práticas sociais:

[...] as categorias bakhtinianas da intertextualidade e da interdiscursividade são amplamente reconhecidas na interpretação da prática discursiva tornando-a mais precisa e objetiva. A importância da intertextualidade decorre da historicidade que o conceito confere ao texto por estar em interlocução contínua com outros textos (SILVA, 2015, p. 14).

Mais adiante, Silva (2015), ao analisar a categoria de interdiscursividade para a ADC, vai remetê-la ao conceito de dialogismo em Bakhtin que diferente do diálogo, que se refere à busca de entendimento, consenso, solução de conflitos, possui um sentido mais de enfrentamento onde pode haver ou não acordo entre as partes.

Finalizando, como resume Silva (2015): “A terceira dimensão da ADC, a prática social, está articulada ao contexto da produção do discurso, pois faz uma leitura dos fenômenos sociais tendo implicações diretas na formatação dos enunciados [...]” (p. 15).

Com a citação acima, que estabelece a articulação da prática social com o contexto de produção do discurso, procuramos justificar a presença da análise de discurso como método a partir de Fairclough, para a nossa pesquisa, em especial no capítulo dois, que trata do discurso sobre as filósofas nos livros didáticos de ensino médio de filosofia, momento em que serão analisados os textos dos autores sobre as filósofas e as vozes delas próprias.

No capítulo três, que trata do relato de experiência, referente, à disciplina eletiva objeto da intervenção pedagógica, optamos por utilizar o método de Silvio Gallo, por entendermos que seu método é mais adequado para se trabalhar em sala de aula com a filosofia para jovens de ensino médio, na medida em que ele prevê uma sequência de etapas para serem aplicadas didaticamente com os estudantes, objetivando, dessa forma, o filosofar como experiência de pensamento e produção de conceitos.

Nosso estudo foi baseado também nas análises sobre o patriarcalismo vigente na história ocidental a partir da obra, “O Segundo Sexo”, da filósofa francesa Simone de Beauvoir (1970), em Max Weber (2004) na obra “Economia e Sociedade” e seus estudos sobre dominação patriarcal, em Pierre Bourdieu (2012) no livro “A Dominação Masculina”, sobretudo o seu conceito de violência simbólica, em Carole Peteman (1993) na obra “O Contrato Sexual”, bem como em Michelle Perrot (2008) em “Minha História das Mulheres”.

Usamos com especial destaque, pelo acúmulo sobre o tema, os estudos da investigação interdisciplinar, através de suas publicações, desenvolvido pelo Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa intitulada de “Uma Filosofia do feminino”, coordenado pela professora Maria Luiza Ribeiro Ferreira (2010) que apresenta essa problemática da seguinte forma:

A temática ‘Os filósofos e as mulheres’ surgiu como ponto de partida. Ao querer justificar a pergunta acima referida – por que é que as mulheres não fizeram/não fazem filosofia? – Verificamos que os próprios filósofos são responsáveis por sua formulação e que a inverdade nela contida muito se deve aos ‘cultores da verdade’. Assim, o presente estudo pretende explicar de modo que como alguns filósofos ocidentais pensaram a mulher, que conceito tiveram da natureza feminina e até que ponto esse conceito se integra de maneira consistente nos sistemas globais que construíram (FERREIRA, 2010, p. 9).

Foi utilizada também a produção acadêmica sobre o tema das mulheres na filosofia elaborada por diversas filósofas brasileiras, com destaque para Marcia Tiburi (2002) e Juliana Pacheco (2015) que junto com outras pesquisadoras trabalham o tema abordado em nossa dissertação.

Foi necessário investigar como complemento, para formar um mosaico da participação da mulher na Filosofia e sua presença no conteúdo dos livros didáticos, o papel do patriarcalismo como um elemento dificultador para que mais mulheres filosofassem o que pensaram alguns dos principais filósofos da tradição ocidental sobre o feminino e verificar até que ponto essas reflexões, quase sempre de natureza discriminatória, não ajudaram a criar estereótipos sobre uma suposta inferioridade intelectual das mulheres no campo da reflexão filosófica. Pois, como diz Tiburi:

Se a tradição filosófica que conhecemos foi escrita por homens, apenas quando analisada em seus avessos a história da Filosofia pode ser uma história das mulheres. Escrita por homens, todavia é preciso que se acrescente que não “apenas” por homens. Várias mulheres, desde que as cadeias históricas sociais passaram a permitir o direito a figurar na produção intelectual, o que ocorre mais intensamente a partir do século XIX, tornaram pública a discussão que também as envolvia enquanto representantes de uma parcela da população excluída, por sua diferença sexual, da liberdade de expressão de pensamentos (TIBURI; MENEZES; EGGERT, 2002, p. 07).

Nesse sentido, o presente trabalho, visa compreender o porquê dos livros didáticos de Filosofia do PNLD 2018 apresentarem pouquíssimas mulheres como protagonistas da história da filosofia assim como examinar, já no segundo capítulo - item 2.1, se a dominação patriarcal contribuiu para a ocultação das mulheres filósofas bem como, se o discurso dos filósofos homens sobre elas não reforçou ainda mais a sua invisibilidade. Para isso, procuramos investigar a presença das mulheres ao longo da História da Filosofia e nos livros didáticos do último PNLD ensino médio, procurando explicar as causas de os livros didáticos de Filosofia fazerem pouca referência às mulheres filósofas.

A pesquisa contribuiu também, para a elaboração de material didático para o ensino médio, vide apêndices com os banners e a faixa de apresentação das 20 (vinte) filósofas que compõem a exposição itinerante denominada “Em Busca das Mulheres na Filosofia”, com o objetivo de resgatar e apresentar aos discentes, docentes e comunidade escolar a produção filosófica das mulheres ao longo da história da filosofia, com o intuito de suprir a pouca presença desse conteúdo nos livros didáticos.

Realizamos também como complemento da pesquisa, que resultou na produção do material didático mencionado acima, uma intervenção pedagógica em formato de disciplina eletiva na Escola de Referência em Ensino Médio Vila Rica, na cidade de Jaboatão dos Guararapes – PE, pertencente à rede pública estadual, tendo seu resultado sido consubstanciado num relato de experiência que compõe a última parte desse trabalho.

Considerando que a temática de gênero ganhou muita importância na sociedade brasileira e no mundo tornando-se de grande relevância social e acadêmica, pois procura problematizar e afirmar a contribuição das mulheres em todas as áreas do conhecimento e do convívio social. No caso específico da Filosofia, por se tratar de uma área onde sua história é um desfilar do discurso masculino, é muito importante investigar onde o discurso feminino se fez e se faz presente. Bárbara Valle (2002) afirma que:

A figura do feminino na Filosofia é discutida por meio de um sujeito que não é o que representa, mas sim outro sujeito: o sujeito masculino. Mesmo assim, esse discurso é quase sempre evitado no campo filosófico. É por isso que se torna necessário o estudo desse tema, para que possamos fazer uma releitura da História da Filosofia levando em consideração o que foi “esquecido” por ela, aquilo que foi negado, procurando talvez algo como um auto esclarecimento da própria Filosofia (VALLE, 2002, p. 69).

Por consequência desta formulação, faz-se necessário resgatar também para poder explicar o problema colocado na pesquisa, na história da filosofia e nos livros didáticos de Filosofia, a presença das mulheres, desocultando-as, revelando seu “quefazer” filosófico, contribuindo assim para minimizar preconceitos e estereótipos sexistas sobre uma suposta inferioridade intelectual das mulheres no terreno da Filosofia. Juliana Pacheco, em sua obra, “Mulher e Filosofia: As relações de gênero no pensamento filosófico” (2015) observam que “Não há como modificar a invisibilidade sofrida pelas mulheres no passado, mas para que não permaneçam invisíveis no presente e nem no futuro, é necessário questionarmos e ao menos fazê-las visíveis no agora da Filosofia” (PACHECO, 2015, p. 30).

Com esse espírito, entendemos que o estudo dessa temática contribuirá também para chamar a atenção no ambiente escolar, sobre a necessidade de discutir com mais amplitude e menos discriminação, o papel da mulher entre os adolescentes que frequentam o ensino médio e as aulas de Filosofia, na medida em que valoriza a contribuição das mulheres no campo filosófico e ajuda a minimizar o machismo que está impregnado em nossa cultura e na formação educacional dos nossos jovens.

Tomando por base essa compreensão, passaremos a analisar as possíveis causas que levaram essas mulheres a se tornarem praticamente invisíveis na filosofia.

2 MULHERES NA FILOSOFIA

2.1 A DOMINAÇÃO PATRIARCAL COMO FONTE DE OCULTAÇÃO DAS MULHERES FILÓSOFAS

O conceito de patriarcalismo deriva de patriarcado, cuja origem vem do termo grego pater. Quem primeiro usou o termo com o sentido de supremacia do homem na organização social foram os hebreus com o intuito de qualificar o líder de uma comunidade judaica. Todavia é importante frisar que os gregos também se referiam ao termo, na medida em que concebiam as mulheres como seres inferiores e como um objeto de satisfação dos homens. Portanto, o sistema patriarcal já estava presente nas relações sociais já no nascedouro da filosofia na Grécia Antiga. Isso explica de certa forma as dificuldades e os preconceitos que as filósofas desse período e dos demais períodos da história da filosofia enfrentaram para se fazerem reconhecidas como seres pensantes, numa sociedade dominada por homens e que restringiam à atuação da mulher a vida privada. Tiburi (2018) em sua obra “Feminismo em Comum” afirma que:

O que chamamos de patriarcado é um sistema profundamente enraizado na cultura e nas instituições [...]. Ele tem uma estrutura de crença firmada em uma verdade absoluta, uma verdade que não tem nada de “verdade”, que é, antes, produzida na forma de discursos, eventos e rituais. Em sua base está a ideia sempre repetida de haver uma identidade natural, dois sexos considerados normais, a diferença entre os gêneros, a superioridade masculina, a inferioridade das mulheres e outros pensamentos que soam bem limitados, mas que ainda são seguidos por muita gente (TIBURI, 2018, p.27).

Como vemos, por todas essas características acima citadas, o patriarcado é também uma forma de poder, na medida em que é feito de dogmas, leis e certezas naturalizadas que não podem ser questionadas. Ele produz uma forte violência simbólica e física adicionado a muito sofrimento e culpa por aqueles que desejam manter seus privilégios.

O patriarcalismo se tornou historicamente um poderoso instrumento ideológico de subjugação das mulheres em todas as áreas da vida social. Limitou suas intervenções nos espaços públicos, inibindo demasiadamente as aptidões e as potencialidades que as mulheres sempre possuíram e instituiu a dominação masculina

como prerrogativa de legitimar as relações de poder entre os gêneros. Todavia, essa supremacia do masculino sobre o feminino não ocorreu sem resistências. O breve inventário que faremos mais à frente sobre as mulheres filósofas, constatando sua presença em todos os períodos da história da filosofia, é uma recusa àqueles que queriam retirar a faculdade de pensar das mulheres transformando-as em seres meramente decorativos, sem acesso a uma vida intelectual reflexiva e crítica, que era o único meio de retirá-las da menoridade imposta pelos homens.

Beauvoir (1970), em sua obra *O Segundo Sexo*, faz uma referência clara a essa resistência das mulheres na sociedade grega, berço da filosofia:

[...] e as Hetairas, meretrizes que vinham geralmente de Corinto e tinham relações oficiais com os homens mais notáveis da Grécia e desempenhavam o papel social das "mundanas" de hoje. [...]. Dispondo livremente de si mesmas e de sua fortuna, inteligentes, cultas, artistas, eram tratadas como pessoas pelos homens que se encantavam com seu comércio. Pelo fato de escaparem da família, situam-se à margem da sociedade e escapam também do homem: podem então apresentar-se a ele como uma semelhante e quase uma igual. Com Aspásia, Frinéia, Lais, afirma-se a superioridade da mulher liberta sobre a mãe de família. [...] salvo essas brilhantes exceções, a mulher grega é reduzida a uma semiescavidão; ela não tem sequer a liberdade de se indignar. Mal se ouvem alguns protestos de Aspásia e, mais apaixonadamente, de Safo (BEAUVOIR, 1970, p. 111).

O interessante observar nesta citação de Simone de Beauvoir é que no contexto da sociedade grega, quando uma fração das mulheres conseguia algum grau de autonomia e emancipação do sistema patriarcal dominante, logo lhes atribuíam um termo pejorativo, meretriz, mundana, como que as censurando pela ousadia de fugirem ao padrão social que predominava naquela sociedade. Presenciamos aqui o que Fairclough (2001) denomina de processos de luta hegemônica sobre a estrutura das ordens do discurso. A tensão que se estabelece nos grupos em contenda faz com que cada lado procure a partir da linguagem e dos discursos formulados por ela exprimir valores que vão de encontro aos interesses de cada grupo em disputa.

Segundo Tiburi (2018) na obra *Feminismo em Comum*:

Os homens produziram discursos, apagaram os textos das mulheres e se tornaram os donos do saber e das leis, inclusive sobre elas. Tudo o que sabemos sobre as mulheres primeiro foi contado pelos homens. Da filosofia à literatura, da ciência ao direito, o patriarcado confirma a ideia de que todo documento de cultura que restou é um documento de barbárie (TIBURI, 2018, p. 48).

Quando procuramos a razão da opressão das mulheres e as limitações que lhes foram impostas, inclusive na própria filosofia, não podemos esquecer que por milênios o patriarcalismo impôs às mulheres uma sociedade extremamente hierarquizada baseada na figura do pater, pai/homem que sempre foi considerada como princípio da vida social e familiar. Nesse sistema as mulheres possuíam um lugar preestabelecido que demandava uma luta permanente para modificá-lo.

Os padrões de gênero que predominam no patriarcado retratam o gênero masculino como o mais inteligente e capacitado para exercer suas funções consideradas superiores (definida pelos homens) e são justificadas pela posição social que os homens ocupam no espaço público. Resta, portanto, ao gênero feminino, por natureza, o exercício de funções inferiores (também definida pelos homens) tais como, cuidarem do lar, dos filhos, do marido etc. Como afirma Tiburi (2018):

O machismo se sustentou no mando, na autoridade e no autoritarismo. [...] a misoginia é uma espécie de ódio histórico às mulheres, que aparece no mundo patriarcal em momentos diferentes da História. Ele está fundamentado nos textos e nas práticas. Sustenta toda a linguagem conhecida e, muitas vezes, até mesmo as feministas que são muito atentas são capazes de falar reproduzindo algum aspecto misógino (TIBURI, 2018, P.47).

A construção social do homem como um ser forte, macho, duro, e da mulher como um ser frágil e delicado nada mais é do que um discurso que visa reduzir a mulher e menosprezar os valores femininos. É esse o legado da sociedade patriarcal.

Carole Petemam (1993) ao estudar as teorias do contrato vai constatar que:

[...] A dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas é uma história de sujeição. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história, que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. A liberdade civil não é universal – é um atributo masculino e depende do direito patriarcal. (PETEMAN, 1993, P.16-17)

Isso fica evidente, segundo Peteman (1993), na concepção contratual do casamento em Kant, na medida em que ela identifica nele o “teórico do contrato que mais se aproximou de uma visão do casamento como nada mais do que um contrato de uso sexual” (PETEMAN, 1993, p. 250). Ao considerar o casamento como uma relação puramente contratual, no esteio do patriarcado, ele pressupõe a propriedade da mulher como objeto de uso sexual. É importante frisar que a posição de Kant é ambígua em relação ao contrato de casamento, como identifica a própria autora, ao afirmar que:

Por um lado, sua filosofia apoia-se na suposição de que, em virtude de ser humano, todos têm a razão e, portanto, são capazes de agir com as leis morais universais e de participar da vida civil. Por outro lado, a capacidade humana é sexualmente diferenciada (PETEMAN, 1993, p. 250).

Passaremos agora a expor o padrão de dominação do patriarcado como formulado por Max Weber (2004) que fundamenta a concepção de patriarcado. Para ele:

A ‘dominação’, como conceito mais geral e sem referência a um conteúdo concreto, é um dos elementos mais importantes da ação social. Sem dúvida, nem toda ação social apresenta uma estrutura que implica dominação. Mas, na maioria de suas formas, a dominação desempenha um papel considerável, mesmo naqueles em que não se supõe isto à primeira vista. Assim, por exemplo, também nas comunidades linguísticas (WEBER, 2004, p. 188).

No caso específico do patriarcado, a forma de dominação se dá a partir de vínculos pessoais que são estabelecidos entre o senhor, com os demais membros da família e com os servos e se fundamenta na autoridade do chefe de família ou na comunidade doméstica.

Para Weber:

Na dominação patriarcal é a submissão pessoal ao senhor que garante a legitimidade das regras por este estabelecidas, e somente o fato e os limites de seu poder de mando têm, por sua vez, sua origem em “normas”, mas não em normas estabelecidas, sagradas pela tradição (WEBER, 2004, p. 234).

O poder da autoridade doméstica estava concentrado na posse da propriedade, na medida em que filhos, esposa, escravo e servos não passavam de bens que o chefe de família disporia sempre que julgasse necessário.

Numa concepção tão rígida de papéis como essa do patriarcalismo, era quase natural que as mulheres tivessem dificuldades de exercerem atividades intelectuais típicas do domínio masculino e do espaço público como é característica da filosofia desde sua origem.

Quando quebravam as regras e enveredavam pelos domínios filosóficos, as mulheres, ou eram ridicularizadas ou eram acusadas de querer se tornar homens e quando, não obstante, se firmavam e conseguiam se impor nesse campo, se deparavam com a tentativa, quase sempre bem-sucedida, de torná-las invisíveis para a História da Filosofia, banindo-as de seus relatos. Podemos talvez inferir, com base nos elementos analisados acima, que a dominação patriarcal parece ser um elemento que contribuiu para que menos mulheres filosofassem, bem como um elemento de justificativa da ausência das mulheres dos manuais de história da filosofia e dos livros didáticos.

2.2 O DISCURSO DOS FILÓSOFOS SOBRE AS MULHERES COMO ELEMENTO QUE CONTRIBUIU PARA DIMINUIR SUA PRESENÇA NA FILOSOFIA E TORNÁ-LAS INVISÍVEIS

Passaremos agora a analisar até que ponto a misoginia externada pelos filósofos em seus discursos, e sua má vontade em reconhecer méritos intelectuais nas mulheres, contribuíram para afastá-las da filosofia e, mesmo as que a ela se dedicaram terem sido menosprezadas e sofrido um processo de silenciamento por parte dos filósofos “cultores da verdade”.

Referindo-se a esse tema, a professora Luiza Maria Ribeiro Ferreira (2010) em sua obra “O que os Filósofos Pensam Sobre as Mulheres”, reporta que foi um pequeno livro de Nancy Tuana, que a alertou para:

[...] O problema da não neutralidade sexual dos textos filosóficos, quer por parte de quem os escreve, quer por parte de quem os lê. Para essa professora da Universidade do Texas, a mulher tem dificuldades de identificar-se com a maior parte dos textos da tradição filosófica, na medida em que explícita ou implicitamente neles aparece excluída. A proposta de Tuana é de uma releitura da história da filosofia a partir da situação da mulher na economia dos diferentes sistemas. Segundo ela, o estatuto atribuído a natureza feminina não pode ser considerado um pormenor irrelevante no pensamento de um filósofo. [...] E o problema da mulher aparece quase sempre como um espinho, pela reformulação que obriga a fazer no que respeita à coerência global do pensamento de certos autores (FERREIRA, 2010, p. 10).

Como não é tarefa dessa pesquisa expor o pensamento sobre a condição feminina do conjunto dos filósofos da tradição, mas apenas ilustrar e pontuar em que medida o pensamento e o discurso dos filósofos foram em sua maioria depreciativos em relação às mulheres, contribuindo com estereótipos que as desqualificavam em geral e de modo particular no campo da filosofia, passamos a analisar alguns deles a título de exemplos. Inicialmente Tiburi (2018), em sua obra “Feminismo em Comum”, nos recorda que:

Para lembrar de um exemplo bem antigo e tradicional que orientou a visão de mundo de muitos filósofos homens sobre as mulheres, temos Aristóteles, para quem a natureza às vezes produzia uma mulher inteligente, embora fosse um fato contranatural. Muitos justificarão os filósofos dizendo que são homens do seu tempo, ao que podemos contrapor: não seriam eles que deveriam estar mais atentos aos aspectos ideológicos da sociedade e às suas mentiras para mudar o mundo? Mas os filósofos nem sempre quiseram mudar o mundo [...] (TIBURI, 2018, p.70).

Pela influência que Aristóteles exerceu na história da filosofia, como observamos na citação, ele comete uma terrível violência simbólica contra as mulheres ao disseminar a ideia de que uma mulher inteligente era algo que contrariava a própria natureza, me parece até pela sua grande autoridade como filósofo, que ele está sentenciando as mulheres a incapacidade para o filosofar e nesse sentido,

banindo-as da filosofia o que nos faz parecer que ele estava pouco preocupado em mudar o mundo. Pelo menos o mundo das mulheres do seu tempo. Esse equívoco de Aristóteles me parece tão grave como o fato de ele ter adotado como correto o geocentrismo de Ptolomeu e de ter assimilado a escravidão como algo natural.

O fato é que Aristóteles tornou a vida das mulheres mais difícil no campo da filosofia em seu tempo e no decorrer dos séculos seguintes a sua morte, pela influência e aceitação que o seu pensamento exerceu sobre os filósofos da posteridade. É ele que vai instituir a partir das diferenças biológicas das mulheres, uma inferioridade do gênero feminino, no aspecto cognitivo e no aspecto ético-político. Aristóteles é portador de uma visão negativa do sexo feminino que é baseada num pressuposto inquestionável que as supostas deficiências das mulheres são provenientes de sua própria natureza o que acaba legitimando a dominação masculina. Não foi sem propósito que filósofos quando encontravam mulheres dedicadas à filosofia tentavam desqualificá-las acusando-as de quererem se tornar homens.

Tiburi (2003), em seu artigo, “As Mulheres e a Filosofia Como Ciência do Esquecimento”, referindo-se a essa tradição canônica da filosofia de desprestigiar a mulher e mencionando Sócrates, vai afirmar que:

A história da Filosofia, em qualquer de seus tempos, é marcada pelo horror dos filósofos homens às mulheres que, dedicando-se ao saber, almejam a filosofia: nada melhor do que domesticá-las pela sensibilidade, dominá-las pela própria imagem. Sócrates – esse filho da parteira – sabia de seu poder e de sua ameaça (a ameaça política que implica a defesa de direitos) e, por isso, copia-lhes [...] o procedimento corporal do parto elevando-o a método: a maiêutica é o parto das ideias que cabe aos homens, enquanto às mulheres cabe o parto do corpo. Essa superação revela-se, após uma longa história de argumentos, como um mecanismo suspeito (TIBURI, 2003, p.3).

A citação de Tiburi vem corroborar o temor dos filósofos com as mulheres que de alguma forma enveredaram pela filosofia. O fato é que os filósofos buscavam inspiração nas mulheres, mas sempre delimitando as esferas da vida teórica aos homens na medida em que criavam uma imagem de que a natureza da mulher era mais prática e destinada aos afazeres do corpo e do lar, construindo assim um discurso, como forma de legitimar a dominação dos homens sobre as mulheres.

Bordieu (2012) em sua obra *A Dominação Masculina*, quando trata da violência simbólica sobre as mulheres, chama a atenção para o fato de que:

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma de relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas ele põe para se ver e avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (BORDIEU, 2012, P.47).

Na citação de Bordieu, temos uma demonstração do que as mulheres enfrentaram historicamente para se tornarem filósofas, tendo que conviver permanentemente com a violência simbólica, imperceptível, muitas vezes introjetada e naturalizada por elas mesmas, na relação com seus dominadores, advinda do poder social masculino exercido sobre elas.

A misoginia e a opinião depreciadora da capacidade intelectual das mulheres na tradição filosófica feita pelos filósofos, é tão forte que como nos diz Ferreira (2016):

Se fizermos uma incursão pela história da filosofia à procura de textos que os pensadores dedicaram às mulheres, verificamos que são raros e que, quando existem, revelam geralmente uma visão negativa. Exemplifico com alguns clássicos: Platão no *Timeu* (41d – 42d) ameaça os homens que se portaram mal nesta vida com o castigo de reencarnarem num corpo de mulher; Aristóteles sustenta que a fêmea é um macho mutilado (*Geração dos Animais*, 737a 24-25); Espinosa recusa a participação das mulheres num governo democrático e constata sua “imbecilidade” (*Tratado Político*, XI, §4); Kant considera difícil a passagem das mulheres à maioria intelectual (Resposta à pergunta: que é o Iluminismo?); Nietzsche afirma que até na cozinha a mulher é estúpida (*Para Além do Bem e do Mal*, §23) (FERREIRA, 2016, p. 130).

Ouvindo as opiniões de filósofos tão respeitados pela tradição filosófica como os citados acima, nos perguntamos, que mulheres contemporâneas ou não desses filósofos teriam algum gosto em se aproximar da filosofia, tendo em seus praticantes opiniões tão esdrúxulas e preconceituosas sobre elas e ao mesmo tempo tão

incapacitantes para que elas pudessem desejar o exercício da filosofia? O que podemos constatar é que tanto esses discursos dos filósofos sobre as mulheres, como o elemento da dominação patriarcal presente em sua história, se constituíram em quase um impeditivo para que mais mulheres se dedicassem a filosofia, bem como, contribuíram decisivamente para invisibilizar aquelas que, não obstante todos os percalços desafiaram as amarras da dominação patriarcal e do discurso misógino dos filósofos que afugentava as mulheres da prática da filosofia.

2.3 BREVE PANORAMA DAS MULHERES FILÓSOFAS NA HISTÓRIA DA FILOSOFIA OCIDENTAL

Antes de adentrarmos em busca das mulheres na história da Filosofia ocidental cabe-nos aqui elucidar algumas considerações da necessidade dessa investigação, levando em conta que o objeto central da pesquisa é de compreender, o porquê dos livros didáticos de Filosofia do último PNLD (2018) apresentarem pouquíssimas filósofas como protagonistas dessa disciplina comparadas com a quantidade de filósofos. Sendo assim, por que então não nos limitamos apenas a estudá-las nos livros didáticos?

Consideramos insuficiente essa forma de abordar o problema, ou seja, estudá-las apenas nos livros didáticos, e por isso, partimos da formulação de que só podemos responder à pergunta objeto central da pesquisa na medida em que analisamos a história da filosofia ocidental em seus diversos períodos, com o intuito de verificar se efetivamente existe uma presença significativa de mulheres que se dedicaram a reflexão filosófica. Afinal, se as filósofas não estiverem presentes de uma forma substancial na história da filosofia como estariam, portanto, presentes nos livros didáticos de filosofia do ensino médio numa justa proporção? Não fora assim, estaria justificada a pouca presença ou até mesmo a ausência dessas filósofas nos livros didáticos não necessitando, portanto, de maiores esclarecimentos.

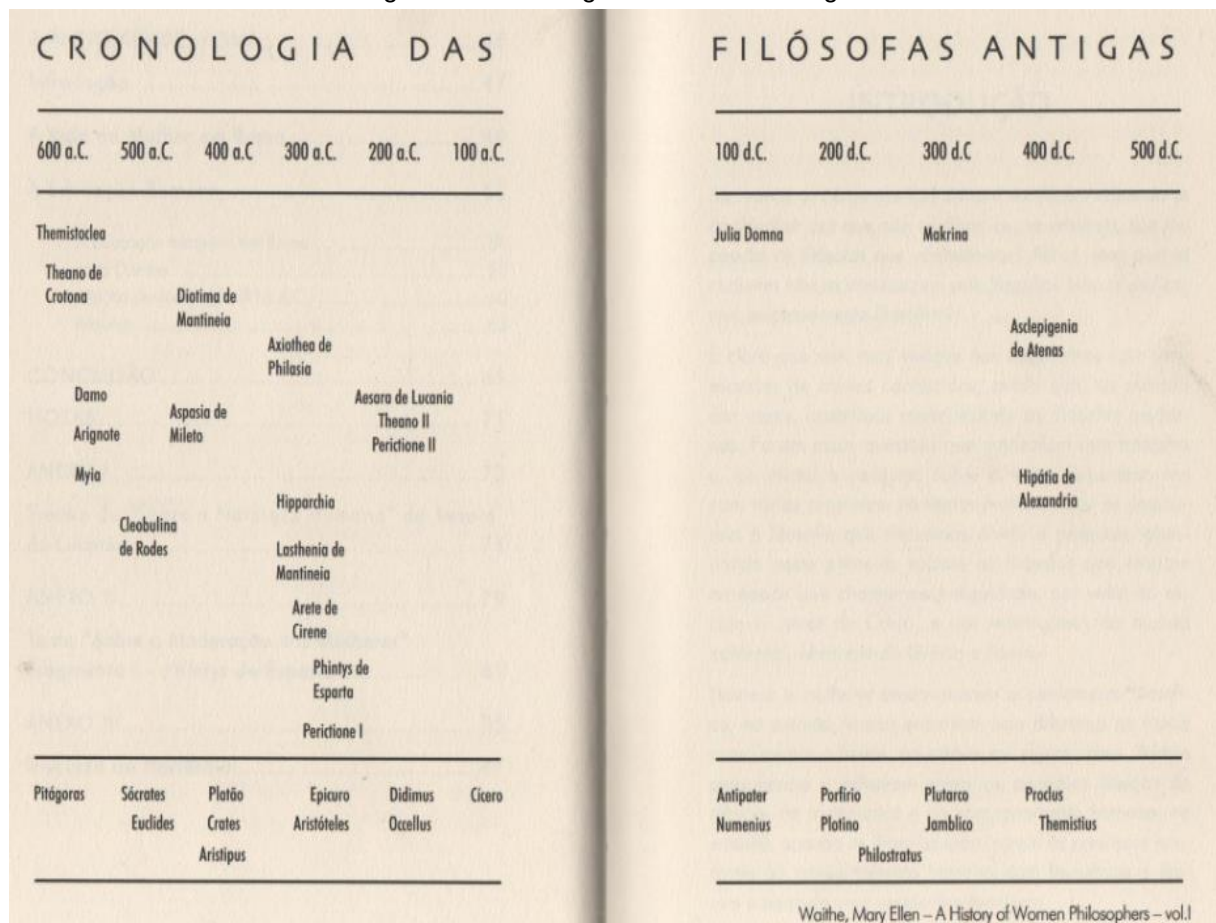
A linha de investigação que adotamos nessa parte da pesquisa, vinculada à história da filosofia, consiste em fazer emergir as vozes das filósofas do passado, tirando o véu de suas reflexões, tornando-as visíveis e afirmando a importância do que produziram e do impacto que exerceram sobre seus contemporâneos e as gerações futuras e não apenas sendo meras discípulas de filósofos ilustres procurando demonstrar, sempre que possível, a existência de um pensamento

autônomo por parte delas expresso através dos meios cabíveis e possíveis de serem divulgados em suas respectivas épocas, tais como ensaios, tratados ou até mesmo cartas.

Ao fazer o estudo a partir da bibliografia coletada, pudemos constatar uma presença marcante das mulheres na História da Filosofia Ocidental tanto quantitativamente quanto qualitativamente, não obstante de haver uma “inexplicável” invisibilidade dessas filósofas em relação aos filósofos.

A professora Mary Ellen Waithe (1987) em sua obra “*A History of Women Philosophers*” – volume um, apresenta uma cronologia das filósofas antigas onde relaciona e destaca a presença de vinte e duas filósofas que compreende o período que vai de 600 A.C até 500 D.C conforme quadro abaixo:

Figura 1 – Cronologia das filósofas antigas



Fonte: Waithe apud Piovenzani, 2016.

Observando a cronologia do quadro, temos um indicativo de uma profusão de filósofas que coincide com os períodos de grande produção filosófica da antiguidade grega, já na origem da filosofia, o que mostra que o interesse filosófico por parte das

mulheres já se encontrava presente. Isso aumenta mais ainda a nossa curiosidade da causa de tamanha invisibilidade dessas mulheres, considerando que muitas dessas filósofas mantiveram estreitas relações com diversos filósofos importantes da Grécia Antiga, sendo algumas até mesmo parentas em primeiro grau da família de alguns deles, e que pertenceram a escolas filosóficas importantes como a Pitagórica, da qual fizeram parte Themistoclea, Arignote, Damo, Theano de Crotona, Myia, Aesara de Lucania, Phintys de Esparta e Perictione (PIOVEZANI, 2016).

Existe também filósofas que pertenceram às escolas Hedonista, Platônica, Aristotélica e Cínica como Arete de Cirene, Aspásia de Mileto, Axiothea de Filos, Lasyhenia de Mantinea, Hiparchia de Maronea e Asclepigenia de Atenas, esta última já do Séc V D.C, período romano, foi contemporânea de Hipátia de Alexandria. Com interesses filosóficos comuns e às vezes distintos, essas filósofas refletiram sobre diversas áreas do saber filosófico e científico. Só a título de exemplo, explica-nos a professora Helenice Vieira Piovezani (2016) e o astrofísico e divulgador da ciência Carl Sagan (1982) que:

[...] enquanto Hipátia aplicava seu conhecimento da Filosofia platônica e aristotélica às grandes questões matemáticas e científicas de sua época, Asclepigenia aplicava seu conhecimento de Platão e Aristóteles às grandes questões metafísicas e religiosas de seu tempo (PIOVEZANI, 2016, p. 43).

Na mesma direção ratifica Sagan (1982) que:

O último cientista a trabalhar na biblioteca de Alexandria foi uma astrônoma, matemática, física e a líder da escola neoplatônica de filosofia – uma gama extraordinária de instrução para um indivíduo em qualquer idade. Seu nome era Hipácia. Nasceu em Alexandria em 370. Em uma época em que as mulheres possuíam poucas opções e eram tratadas como propriedade. Hipácia movia-se livre e desinteressadamente pelos domínios masculinos tradicionais [...] (SAGAN, 1982, p. 355).

Segundo Ménage (2010) é importante registrar também que existia na antiguidade filósofas que são consideradas de escolas filosóficas incertas pela doxografia. A exemplo de Cleobulina de Rodes, filha de Cleóbulo, um dos sete sábios da Grécia, que viveu por volta de 570 A.C, e Julia Domma, do período romano, que foi imperatriz de Roma da dinastia Severo.

Reforçando essa análise Gilles Ménage (2010), gramático e latinista francês, publicou na França em 1690 uma “História das Mulheres Filósofas” em que são relacionadas setenta e cinco filósofas antigas que se constitui também numa importante obra para se conhecer um pouco dessas mulheres que em todas as épocas sempre refletiram sobre o mundo, sobre elas mesmas e sobre o sentido da vida.

O germanista e estudioso de Filosofia Ingeborg Gleichauf (2010) em sua obra “Mulheres Filósofas na História – Desde a Antiguidade até o século XXI”, descreve cinco filósofas da antiguidade, ou seja, Teano de Crotona, Aspásia de Mileto, Diotima de Mantinea, Phintys de Esparta, Perictione que teria vivido em Atenas, além de Hipatia de Alexandria (GLEICHAUF, 2010).

Grande parte das fontes que contêm informações da vida e da produção filosófica dessas mulheres da antiguidade é proveniente dos estudos dos doxógrafos homens², o que acaba revelando sempre uma visão parcial dessas pensadoras, e de pequenos textos fragmentados que chegaram até nós, nos moldes daqueles que existem para o estudo dos pré-socráticos.

Como fuge a natureza de nossa pesquisa, apresentar um estudo aprofundado sobre cada uma dessas filósofas, na medida em que o que pretendemos aqui é identificar e comprovar a presença delas na história da filosofia para entender o motivo da pouquíssima presença delas nos livros didáticos de Ensino Médio de Filosofia optamos por destacar algumas por interesse pessoais, relevância de suas reflexões filosóficas, influência que exerceram no seu tempo e relativa confiabilidade das fontes, bem como de sua existência histórica, uma vez que há por parte de alguns estudiosos (a)s dúvidas sobre a existência de algumas delas.

Adiante passaremos a discorrer sobre algumas dessas filósofas, mas não sem antes lembrar o episódio simbólico que Sócrates protagonizou, por ocasião de sua morte, e que se encontra relatado no Fédon de Platão, ou seja, a ordem para que as mulheres se retirem do recinto onde ele beberia a cicuta que poria fim a sua vida. Ferreira (2009) em sua obra “As mulheres na Filosofia” refere-se a esse episódio da seguinte maneira:

² São autores que interpretam ideias de outros autores da história da filosofia.

A saída das mulheres, ordenada por Sócrates, é aceite pelos discípulos deste como algo de natural. Há um silêncio conivente dos filósofos, para os quais a condição feminina se circunscreve ao espaço privado, enquanto a filosofia é um acontecimento público, mesmo quando se desenrola num quarto e diz respeito ao ato íntimo de morrer. Um silêncio que se mantém ao longo dos séculos. Intercalada por algumas intervenções femininas, a voz dominante da Filosofia é masculina (FERREIRA, 2009, p. 27).

Sem querer abstrair as condições históricas, culturais e sociais de seu tempo, e fazer uma leitura do passado com os olhos do presente, podemos afirmar que é no mínimo suspeito que Sócrates tendo atribuído a duas mulheres Aspásia de Mileto - suas habilidades retóricas, como descrito no diálogo “Menexeno” de Platão, e Diotima de Manteneia - que lhe havia ensinado sobre o amor, conforme relatado no diálogo “O Banquete” de Platão, tenha ficado tão incomodado com a presença de mulheres no momento de sua morte a ponto de ordenar a expulsão delas do recinto. Esse episódio da retirada das mulheres acaba representando simbolicamente a decretação da invisibilidade delas ao longo dos séculos de História da Filosofia Ocidental, que reproduzirá o caráter androcêntrico, ou seja, o homem como o centro, e muitas vezes até misógino, de aversão à mulher, que a filosofia vai adquirir desde sua origem em relação às mulheres em geral e também em relação às mulheres que filosofavam.

É importante destacar que o pensamento grego já havia estabelecido uma identificação entre racionalidade e masculinidade como nos relata Ferreira (2009):

A aliança entre racional e masculino tem uma longa história, sendo Aristóteles, um dos maiores responsáveis pelo afastamento da mulher relativamente ao modelo dominante, devido às fragilidades físicas e mentais que este filósofo considera própria do sexo feminino (FERREIRA, 2009, p. 19).

Como podemos constatar na citação acima, grande parte da formação discursiva que colaborou e deu substrato ideológico para diminuir a mulher também como produtora de reflexões filosóficas já estava explicitada nos filósofos gregos basilares da tradição ocidental.

Tudo indica que parecem existir outras situações em que a tradição filosófica sempre exclui a mulher e a remete a um papel subalterno. Quando estudamos a lógica aristotélica e seu maior exemplo clássico de silogismo, observamos uma desvalorização da mulher que não é afirmada de modo explícito:

Todo homem é mortal
 Sócrates é homem
 Logo, Sócrates é mortal.

A palavra **homem**, nesse silogismo, é tomada como sinônimo de **ser humano**. Todavia, basta trocarmos **Sócrates** por **Maria** e o silogismo deixa de fazer sentido, considerando que Maria não é um homem e sim uma mulher. O que vemos aqui é a tentativa de consolidar, de forma sutil, e apresentar um argumento filosófico como razão universal a partir de uma perspectiva eminentemente masculina.

2.4 AS VOZES DAS FILÓSOFAS DO PASSADO

Iniciaremos a partir de agora um breve olhar pela História da Filosofia Ocidental, pontuando a vida e obra de algumas mulheres filósofas, com o objetivo de retirar a invisibilidade que paira sobre elas, com reflexo nos livros didáticos de filosofia do ensino médio e que, não obstante todos os empecilhos e incompreensões foram mulheres capazes de desafiar seus limites e dar sua contribuição ao grande edifício da filosofia no ocidente.

Na antiguidade destacaremos, em virtude dos critérios já mencionados, Aspásia de Mileto, Diótima de Mantinéa e Hipátia de Alexandria:

Aspásia de Mileto, viveu durante o século V A.C. É mencionada nas obras de Platão, Aristófanes, Xenofonte e Plutarco. Considerada uma mestra da eloquência, mulher Bela e inteligente dedicou-se ao estudo da Filosofia e da retórica. Ao chegar, na condição de meteca³ a Atenas, que na época era o centro do poder e do conhecimento da Grécia, conheceu Péricles com quem teve um longo romance. Por ter uma convivência com homens famosos da Polis como Sócrates e o próprio Péricles dentre outros, e frequentar espaços masculinos, seu comportamento era considerado escandaloso pelos atenienses que afirmavam que ela seria uma hetera⁴ (BERQUÓ, 2016).

Gleichenhauf (2010) afirma em sua obra *“Mujeres Filósofas En La Historia”* que:

³ Mulheres, na Grécia Antiga, que chegavam a Atenas na condição de estrangeiras.

⁴ “Cortesãs cujo cultivo das artes tinha como objetivo torna-las agradáveis companheiras dos homens em seus momentos de lazer” (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 12).

[...] La filosofía de Aspásia se desarrollaba predominantemente en los espacios públicos. La pensadora vivía los momentos de diálogo, amaba la conversación y la alocución en forma de discurso. Este modo de filosofar tiene un flerte componente pedagógico. Una filosofía que se hace realidad al hablar resulta más educativa y tiene de este modo un efecto social (GLEICHAUF, 2010, p. 14).

Aspásia fazia uma distinção entre opinião e verdade afirmando que não são a mesma coisa e que a retórica se constitui num instrumento que pode levar a audiência ao engano. Afirmam algumas fontes que Cícero teria baseado seu trabalho sobre argumentação nas lições de Aspásia sobre indução. É atribuído a ela também a criação de uma academia para mulheres que foi frequentada por filósofos ilustres da época inclusive o próprio Sócrates (PIOVEZANI, 2016).

Diotima de Mantenéia, embora seja uma das filósofas da antiguidade grega que mais existe polêmica sobre a sua existência, o que a priori iria de encontro a um dos critérios que mencionamos anteriormente, ou seja, o da existência histórica. Por estar citada na obra de Platão pela boca de Sócrates atribuindo-lhe o crédito de ter aprendido com ela tudo que ele saberia sobre o amor, como também o método de investigação socrático, justifica sua presença em destaque nas filósofas da antiguidade.

Diotima, Filósofa e professora, que alguns consideravam também como sacerdotisa, foi convocada a Atenas por volta de 441/ 440 A.C para apresentar sugestões de como evitar uma peste que ameaçava chegar a polis tendo obtido sucesso, na medida em que conseguiu atrasar por dez anos a chegada da peste a Atenas.

Diotima só teve questionada a sua existência histórica a partir do Séc. XV devido a uma tradição acadêmica inspirada no filósofo italiano Marcílio Ficino, de natureza preconceituosa a meu ver, que se baseia na impossibilidade de uma mulher ser filósofa na antiguidade, levando em conta que para ele algumas características da filosofia como falar em público e debater, não eram possíveis para uma mulher na Atenas clássica por conta da rígida separação de gêneros. Até então, a existência histórica de Diotima nunca havia sido questionada (BERQUÓ, 2016).

Levando em consideração que as pessoas mencionadas por Platão em seus diálogos sempre tiveram sua existência histórica reconhecida pelos especialistas, com exceção de Diotima, uma filósofa mulher, faz-nos parecer que a condição de ser

mulher e filósofa é que se constitui o motivo da dúvida levantada sobre se ela teria existido.

A propósito dessa questão, a professora Mary Ellen Waithe (1987) vai afirmar que: “A observação de Ficino sobre o absurdo de pensar uma mulher como filósofa alcançou e manteve o status de doutrina recebida pelos próximos 500 anos⁵” (WAITHE, 1987, p. 106).

Temos na formulação de Ficino o reforço de uma prática discursiva com forte componente ideológico, que visa naturalizar uma crença que é impossível a uma mulher filosofar, a ponto de quando há indícios contrários à sua tese, leva-lo a não hesitar em negar a existência histórica de uma mulher filósofa na antiguidade.

Hipátia de Alexandria, pensadora de grande envergadura, um misto de filósofa, matemática, astrônoma e inventora, dotada de um saber enciclopédico, viveu por volta de 370 a 415 D.C e era filha de Theon, famoso filósofo e matemático do Museu de Alexandria, cidade do Egito romano, que foi o grande centro do saber filosófico e científico da antiguidade.

Hipátia viveu numa época de grandes conflitos entre pagãos e cristãos, e sendo pagã e muito influente politicamente, com sua desenvoltura, acabou arranjando inúmeros inimigos em Alexandria, dentre eles o bispo Cirilo, que acabaria selando seu destino e sua trágica morte por uma turba de cristãos enfurecidos que a esfolaram viva com conchas do mar.

O filósofo Ingeborg Gleichauf (2010), relata em sua obra *“Mujeres Filósofas en la Historia”* que:

Un contemporáneo de Hipátia, el erudito Sócrates Escolástico, escribe sobre la filósofa: “Vivió em Alejandria una mujer, Hipátia de nombre, que era hija del filósofo Teón. Tenía una formación extraordinária, que sobrepasaba a todos los filósofos de su tempo. Su actividad docente la llevó a lo más alto de la escuela platónica, conducida por Plotino, y enseñó a todo aquel que se lo pediera, em cualquier campo del saber.” Debido a su cultura inmensa y a su gran inteligência, Hipatia gozaba de la más alta consideración entre los que sabían apreciar estos valores. Se movía com grand naturalidade entre los hombres y no se retractaba facilmente de sus opiniones. Además, de acuerdo con el antiguo ideal de dedicar una vida al servicio de la ciência, permaneció soltera (GLEICHAUF, 2010, p. 20).

⁵ “Ficino’s remark on the absurdity of thinking woman a philosopher achieved and retained the status of received doctrine for the next 500 years”(Waithe, 1987, p. 106).

Hipatia transformou-se, com o tempo, numa espécie de ícone e mártir feminina, da pensadora e intelectual, que combate as superstições de seu tempo e luta com altivez contra o obscurantismo de uma sociedade dominada pelo pensamento masculino e religioso, eivada de preconceitos contra o saber racional e de características misóginas. Em certo sentido podemos compará-la a Giordano Bruno, este homem, outro mártir da liberdade de expressão e de afirmação da razão como instrumento para alcançar a verdade das coisas e de combate aos dogmas.

Com Hipátia encerramos os destaques que escolhemos para representar as filósofas da antiguidade greco-romana. Só a título de registro a professora Helenice Piovezani (2016) elenca em sua obra *As Mulheres na Filosofia – Idade Média e Renascença*, volume II, período que trataremos a partir de agora, dez filósofas do **período medieval** na Europa e quatro do período renascentista o que mostra o interesse das mulheres pela filosofia também nessa época. Passaremos, então, a descrever as filósofas do período medieval que mediante os critérios estabelecidos anteriormente na pesquisa serão Hildegard de Bingen (1098-1179) e Heloise de Argenteuil (1101-1164), não sem antes contextualizarmos os lócus que essas mulheres filosofaram.

Os surgimentos dos mosteiros femininos, durante o período medieval, foram muito importantes por possuírem uma atmosfera espiritual, propícia à reflexão e que acabavam atraindo o interesse de mulheres determinadas e com aspirações intelectuais a exercitar o pensamento filosófico, atribuindo a elas, num mundo extremamente masculinizado, posições com certo grau de autoridade.

Hildegard de Bingen, (1098-1179), Monja beneditina, pensadora mística, foi visionária, filósofa, teóloga, poeta e compositora, além de estudiosa das ervas com objetivos medicinais. Era possuidora de um conhecimento enciclopédico. Com cerca de quinze anos converteu-se a vida religiosa e passou a estudar e viver num daqueles mosteiros medievais para mulheres, a que nos referimos anteriormente, onde desenvolveu suas reflexões sobre cosmologia, ética, música, medicina e poesia mística. Dos seus escritos, chegaram até nós mais de 200 cartas que se constituíam em fragmentos autobiográficos. É uma das poucas filósofas a ter escrito a sua própria biografia. Comentando sobre o que se sabe das mulheres na Idade Média, Mirtes Emília pinheiro e Edla Eggert (2016) no livro *Filósofas: A Presença das Mulheres na Filosofia*, faz referência a Hildegard de Bingen descrevendo que:

Quase tudo o que sabemos sobre as mulheres na Idade Média foi, em boa medida, um legado deixado pelos homens. É possível suspeitar que a literatura desse período possa até ter sido escrita por mulheres sob o pseudônimo masculino. No entanto, o que nos chegou em grande medida foram vozes femininas por meio dos discursos masculinos. Neste sentido Hildegarda rompe uma barreira ao nos deixar uma obra significativa (PINHEIRO e EGGERT, 2016, p. 101).

A professora Helenice Piovezani (2016) ao falar sobre a obra de Hildegard de Bingen afirma a respeito que:

Sua obra profética e visionária está composta por três livros: Scivias (Conheça os caminhos) que apresenta a história da criação e da salvação; Liber Vitae Meritorum (Livro dos Méritos da Vida) que apresenta as virtudes e vícios; e Liber Divinorum Operum (Livro das Obras Divinas) que mostra cada ser humano como um microcosmo, um pequeno mundo no grande macrocosmo da Natureza criada (PIOVEZANI, 2016, p. 28).

Vivendo numa época em que a filosofia era escrava da teologia, e ela mesma sendo uma religiosa, era natural que parte de sua obra dialogasse com a religião, todavia ela não se restringiu apenas a esse tema. Na citação acima observamos que Hildegard de Bingen já possuía uma visão holística da natureza tão cara hoje aos nossos contemporâneos. O filósofo Ingeborg Gleichauf (2010), considera o terceiro livro de Hildegard, “O livro Das Obras Divinas”, como a mais extraordinária de suas obras, sobretudo, porque Hildegard estabelece uma “*relación directa del ser humano com el cosmos, com el que existen correspondências humanas*” (GLEICHAUF, 2010, p. 28).

Eloise de Argenteuil, (1101-1164). Sua vida encontra-se relatada nas cartas que manteve com o também filósofo Pedro Abelardo. Brilhante estudante do convento beneditino de Argenteuil, Eloise possuía conhecimentos de latim, grego, hebraico, filosofia, teologia, retórica e estética. Sua conturbada história de amor com Abelardo, de quem teve um filho e que resultou na castração do filósofo a mando do seu tio, imortalizou-se após a morte de ambos tendo influenciado por séculos romancistas, poetas e cineastas. Estranhamente não é sequer citada em nenhuma grande História da Filosofia Ocidental escrita por filósofos homens, a exemplo de Abbagnano (2000), Chantelat (1973), Marias (2004) etc.

A contribuição de Eloise a filosofia medieval se dá através de um profundo humanismo. Eloise coloca o amor no centro de sua filosofia. Para ela, conforme cita a professora H.V. Piovezni (2016) em sua obra “As Mulheres na Filosofia, volume II”:

O amor torna possível a transformação do mundo masculino pelo feminino. É a experiência humana do amor, e não a mística, que faz a experiência do amor transcender a simples condição feminina de prostituta ou de mulher casada. Portanto, para Eloise, o amor é uma conquista humana e transformadora (PIOVEZANI, 2016, p. 32).

Além da temática do amor, Eloise enveredou pela ética e a epistemologia. Para ela, ética e conhecimento estão conectados. A ética, na sua concepção, está na intenção humana e envolve atividade, cujo foco é a atividade de amar. Sua ética e epistemologia “promovem a ideia de que o universal reside na atividade humana de unir pensamento com linguagem, não meramente no racional” (PIOVEZANI, 2016, p. 32).

Passaremos agora a apresentar uma amostra de duas filósofas da modernidade, que são Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft, não sem antes descrever as principais características da **Filosofia Moderna** e do ambiente intelectual que essas filósofas produziram suas reflexões.

Historicamente duas características marcam esse período que é a diminuição da autoridade da igreja e o crescimento da autoridade da ciência. Do ponto de vista cultural a modernidade é mais laica do que clerical e o controle da cultura passa a ser mais do estado do que da igreja. Essas características serão determinantes na filosofia desse período. Todavia, como nos alerta Bertrand Russel (2015) “A filosofia moderna, porém, conservou em geral sua tendência individualista e subjetiva” (RUSSELL, 2015, p. 13).

A ideia de modernidade aparece quando há um sentimento de ruptura com o passado. A modernidade se constitui num conjunto de modificações nas estruturas sociais do ocidente a partir de um longo processo de racionalização da vida que atinge as esferas da economia, da política e da cultura. Podemos dizer que se reconhece em geral o Iluminismo ou Ilustração como movimento responsável pelo início da modernidade.

Em relação à dimensão da autonomia, as ideias da modernidade vão defender a emancipação do homem, sem distinção de sexo, cor, raça, credo ou opinião e propor

que a razão devia emancipar a humanidade. Cabe aqui uma menção ao célebre opúsculo de Kant (2005) respondendo à pergunta: “Que é o Esclarecimento?”, onde faz referência também à mulher:

A imensa maioria da humanidade (inclusive todo o belo sexo) considera a passagem à maioridade difícil e além do mais perigosa, porque aqueles tutores de bom grado tomaram a seu cargo a supervisão dela. Depois de terem primeiramente embrutecido seu gado doméstico e preservado cuidadosamente estas tranquilas criaturas a fim de não ousarem dar um passo fora do carrinho para aprender a andar, no qual as encerram, mostram-lhes em seguida o perigo que as ameaça se tentarem andar sozinhas (KANT, 2005, p. 64).

Olympe de Gouges, (1748 – 1793), ativista política e militante pelo direito das mulheres numa França conflagrada pela revolução, posteriormente acusará a Revolução Francesa e seus líderes de trair as mulheres naquilo que havia se proposto enquanto ideal, sobretudo em relação ao trato igualitário com as mulheres. Seu nome de nascença era Marie Gouze, tendo adotado mais tarde o pseudônimo de Olympe de Gouges. Foi abolicionista, incansável lutadora pela emancipação feminina e a primeira mulher a teorizar sobre a rede de proteção maternal e infantil além de ter escrito, dentre outras obras, a “Declaração dos direitos da mulher e da cidadã” por não se sentir contemplada, como mulher, na “Declaração dos direitos do homem e do cidadão”, a quem acusava de não incluir direitos iguais para as mulheres. A respeito dessa declaração redigida por Olympe de Gouges, afirma Ingeborg Glaichauf (2010):

Em su Declaración de los derechos de la mujer y de la ciudadana compromete siempre al Estado. Para ella, no se trata de mostrar que la naturaliza de la mujer es igual a la del hombre, sino que es una cuestión de igualdad de derechos em la vida política y social. Las mujeres deben tener los mismos derechos y obligaciones quelos hombres delante da la ley. La filosofía práctica es su terreno (GLEICHAUF, 2010, p. 72).

Como observamos na citação acima, essa importante declaração escrita por Olympe de Gouges nos propõe ainda hoje temas atuais como a igualdade de direitos entre homens e mulheres e é considerada como uma obra pioneira em defesa dos direitos das mulheres. Por conta de sua luta, Olympe incomodou muitos poderosos,

se mostrou contrária as atrocidades praticadas pelos jacobinos, dentre eles Marat e Robespierre, que a levaram a um processo de condenação diante do tribunal revolucionário, acusando-a de ser uma realista reacionária e querer ser homem, fato que culminou em sua condenação e sua subida ao cadafalso onde foi guilhotinada em novembro de 1793.

Seu legado se constitui num importante manifesto de reivindicação dos direitos das mulheres e para a igualdade de gênero na Filosofia política e na Ética, abrindo veredas para as filósofas que encaparam essa luta e para o movimento feminista até os nossos dias.

Mary Wollstonecraft, (1759 – 1797), nascida na Inglaterra, teve uma infância pobre, seu pai era um modesto tecelão de seda de Londres pai de seis filhos. Quase toda sua formação intelectual foi adquirida de forma autodidata. Segundo Ferreira (2009):

A originalidade desta filósofa reside na especificidade do caminho que para si traçou e nas perspectivas que, com o seu exemplo, abre a condição feminina coeva. Recusando paternalismos que asperamente censura, impôs-se pelo trabalho, pelo esforço, pela pesquisa intelectual séria que lhe granjeou o respeito de seus pares. Não se trata de engendrar teses teóricas mais ou menos interessantes, mas de lutar por uma causa, alicerçada em vivências, conquistada pelo estudo e justificada pela argumentação (FERREIRA, 2009, p. 122).

Quando analisamos os próprios títulos de suas obras verificamos uma preocupação com a concretude como critério dominante de suas reflexões filosóficas: “Uma Reivindicação dos Direitos da Mulher”, “Pensamentos Sobre a Educação das Filhas”, “Uma perspectiva Histórica e Moral Sobre as Origens e o Progresso da Revolução Francesa e o Efeito que Produziu na Europa”, etc.

Sua obra “Uma Reivindicação dos Direitos da Mulher”, é considerada pelos estudiosos como um dos textos pioneiros do feminismo e que teve uma grande influência nas lutas pela emancipação das mulheres. Mary Wollstonecraft foi também uma grande defensora da igualdade de oportunidades na educação para ambos os sexos e uma crítica severa da tese de que homens e mulheres são diferentes por natureza.

Foi também ferrenha crítica das ideias pedagógicas de Rousseau em relação às mulheres acusando-o de ser responsável por representar no seu Emílio a mulher

de forma subalterna na personagem de Sophie. Para ela, a razão está presente em ambos os sexos e que a mulher só é inferior ao homem na força física.

Com essa filósofa encerramos o período da modernidade e apresentaremos uma amostra de duas filósofas da **contemporaneidade**, a partir dos critérios que já mencionamos que são: Edith Stein e Hannah Arendt, duas filósofas judias.

Passaremos agora antes de descrevermos brevemente essas duas filósofas a contextualizar o período da filosofia contemporânea.

O século XX caracterizou-se como o século dos extremos. De um lado tivemos a eclosão de duas guerras mundiais e o surgimento de movimentos políticos e ideologias de caráter totalitário como o nazismo e o fascismo, bem como o uso pela primeira vez na história de bombas atômicas dotadas de um avassalador poder de destruição em massa. Ao mesmo tempo nos países industrializados tivemos uma situação de bem-estar material e prosperidade econômica em meio a imensas contradições, pois uma quantidade gigantesca da população mundial vivia em extrema pobreza. Nesse turbilhão de contradições cresce a responsabilidade de uma maior consciência ecológica e tivemos uma ampliação de nossa visão através do uso da ciência e da técnica aplicada a exploração do cosmos.

No campo da Filosofia temos a virada linguística que vai reduzir a filosofia à tarefa de investigar a linguagem humana. A metafísica declina com o avanço das ciências e surge a fenomenologia, as filosofias da existência e do diálogo tentando exercer uma função humanizadora num mundo em que a humanidade se coisifica.

É nesse contexto que as duas filósofas de que trataremos nesse item refletiram e desenvolveram suas reflexões e suas obras:

Edith Stein, (1891 – 1942), Filósofa e teóloga, nasceu em Breslau, cidade da Silésia na Polônia, de uma família judia, seu pai morre quando ela tinha 10 anos. Apaixonada por filosofia, em especial a fenomenologia, passa a assistir mais tarde as aulas de Edmund Husserl e não se contentando com a licenciatura, resolve fazer o doutorado com ele abordando a questão da empatia onde o conclui com a máxima distinção se tornando então sua assistente. Foi uma das primeiras mulheres a concluir um doutorado de filosofia na Alemanha.

Michel Dupuis (2017), em seu livro “Orar 15 dias com Edith Stein”, afirma sobre sua incessante busca pela verdade, sua ânsia de saber e das suas dificuldades no meio acadêmico que:

Essa é, então, a verdade, toda a verdade, que busca Edith Stein. E o caminho da conquista ou descoberta é, principalmente, um sólido caminho intelectual, implacável, teimoso – o caminho de uma mulher que se engaja em um ambiente, em grande parte, dominado pelos homens, seus iguais, seus rivais, mas também seus mestres. Sabemos agora que a carreira acadêmica de Edith Stein sofreu “detalhes” desse gênero: misoginia e antissemitismo estiveram presentes em seu caminho que, sem dúvida, era o de se esperar (DUPUIS, 2017, p. 10).

Outro tema, além da empatia que interessou Edith Stein foi o da diferença entre Sociedade e Comunidade. Para ela devemos dar mais valor à comunidade que a sociedade. Isso porque a comunidade respeita cada indivíduo, trata cada indivíduo de forma especial, como uma pessoa merece e isso ajuda no crescimento da coletividade. A comunidade é o que encontramos de mais elevado na organização social, pois seus membros são livres e se mantêm unidos por um sentido vital interior. Na sociedade o indivíduo não é tomado seriamente como uma pessoa de verdade, pelo contrário, é tratado como se fosse uma coisa.

Sua morte violenta num campo de concentração acabou obscurecendo um pouco a filosofia e a obra dessa grande filósofa que precisa ainda ser reconhecida tal como ela merece, pela profundidade de seus textos e das suas reflexões no campo da fenomenologia e da teologia.

Hannah Arendt, (1906 – 1975), Filósofa alemã, nascida em Hannover, era de uma família de judeus assimilados, que se constituíam numa importante camada de judeus oriundos da Europa Ocidental e espiritualmente mais próximos dos ideais da Ilustração do que das crenças religiosas que os judeus do leste europeu partilhavam. Viveu de perto o flagelo do nazismo tendo sido aluna de filosofia e mantido uma relação amorosa com um dos mais importantes filósofos do século XX: Martin Heidegger em Marburg onde estudava. Posteriormente Hannah Arendt vai realizar seu doutorado com Karl Jaspers defendendo a tese intitulada: “Sobre o conceito de amor em Agostinho de Hipona”.

Por ser judia, num país nazificado, fica inabilitada para o exercício da docência e resolve migrar para Paris. Em 1939 quando a guerra se instala na França, Hannah Arendt foge para os Estados Unidos onde passa a viver dando conferências em várias universidades. Escreveu, dentre outras obras, *A Origem do Totalitarismo*, obra polêmica onde estabelecia comparações entre o fascismo e o comunismo, dois

modelos que eram considerados opostos, e após ser enviada como repórter do New York Times a Jerusalém para cobrir o julgamento de Adolf Eichmann, que havia organizado o transporte de judeus aos campos de concentração nazista que os levariam a morte, escreve um livro sobre o julgamento intitulado: “Eichmann em Jerusalém – Um estudo sobre a banalidade do mal”. Nessa obra ela desenvolve seu original conceito de banalização do mal, analisando que certos indivíduos ao praticarem o mal o fazem muitas vezes sem ter a preocupação de examinar o alcance de seus atos na sua própria consciência, tornando banais suas ações maldosas, sem assumirem suas responsabilidades pelos atos praticados.

Mais tarde, escreverá suas obras consideradas mais filosóficas como: “A vida do Espírito”, onde examina as atividades espirituais do pensar, do querer e do julgar. O terceiro livro sobre a faculdade do julgar ela não conseguiu terminar.

Sobre ela nos diz Oliveira (2012) em sua obra “10 lições Sobre Hannah Arendt”:

O que teria sido Hannah Arendt se, ainda estudante de filosofia, não tivesse sido arrastada pela fúria da história para o furacão Hitlerista? Difícil dizer. Mais é razoável especular que ela, tomada desde muito cedo pelo amor mundi, teria continuado se ocupando dos assuntos da vida do espírito [...] (OLIVEIRA, 2012, p. 138).

Com este breve panorama sobre a presença das mulheres na História da Filosofia ocidental desde a antiguidade grega até a contemporaneidade, com base nos teóricos analisados, parece podermos afirmar que existe uma forte presença das mulheres que cultivavam a filosofia o que por si só já justificaria uma presença mais relevante dessas filósofas nos livros didáticos do ensino médio.

Passaremos no capítulo seguinte a investigar a participação das mulheres filósofas nos livros didáticos de filosofia do PNLD 2018, analisando e descrevendo a forma e o discurso como elas estão representadas nesses livros.

3 O LUGAR DAS FILÓSOFAS NOS LIVROS DE FILOSOFIA DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO – 2018

Pretendemos neste capítulo incursionar no programa do livro didático buscando explicitar o seu significado e sua finalidade. Num segundo momento analisarmos de que forma as mulheres estão representadas nos respectivos livros por mim escolhidos para o desenvolvimento desta pesquisa. Antes de passarmos a analisar e descrever de que forma as mulheres filósofas estão representadas nos livros didáticos de Filosofia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2018, faremos uma breve apresentação sobre o Programa buscando explicar o que é o PNLD e sua destinação.

De acordo com o “PNLD 2018, filosofia – guia de livros didáticos- Ensino médio” vamos encontrar a seguinte definição:

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é uma iniciativa do governo federal, representado pela Secretaria de Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação (MEC), em cooperação com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), (**Hoje extinta**) e com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). O objetivo deste esforço conjunto foi o de (...) promover a aquisição de obras didáticas a serem distribuídas nas escolas públicas federais e nas que integram as redes de ensino estaduais, municipais e distrital que aderiram ao PNLD. (PNLD, 2018, p.6).

Esse programa movimenta um volume gigantesco de recursos e livros e no caso específico do componente curricular filosofia, é a terceira vez que os livros de filosofia são selecionados para distribuição no âmbito do PNLD para o ensino médio. Esses livros são muito importantes para as escolas considerando que, muitas vezes, se constituem no único material pedagógico que os professores e alunos possuem e utilizam para lecionar a disciplina de filosofia e acabam sendo para muitos alunos o primeiro contato que eles travam com o conhecimento filosófico.

O mesmo documento citado (PNLD – Filosofia, 2018), vai afirmar que:

O PNLD 2018 estabeleceu critérios de avaliação para as coleções inscritas, os quais visavam atender concretamente os princípios gerais definidos. Esses princípios gerais foram organizados em duas cláusulas: (a) a obediência “à legislação, às diretrizes e às normas oficiais relativas ao ensino médio” – nesse caso à Constituição Federal e às Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96) e suas legislações complementares; (b) a “observância de princípios éticos e democráticos necessários à construção da cidadania e ao convívio social republicano”, não deixando qualquer margem para a veiculação de estereótipos e preconceitos, a doutrinação religiosa e a promoção de marcas, produtos ou serviços comerciais (PNLD, 2018, p.13).

Observa-se, nessa citação, a intenção clara em se preservar o conteúdo e a apresentação gráfica dos livros do PNLD de elementos externos ao conteúdo estritamente pedagógico e filosófico, bem como o de referendar os valores democráticos e plurais, livres de preconceitos de qualquer natureza e de doutrinação, que são característicos de uma sociedade republicana e democrática como é a brasileira, pelo menos no plano formal. Essa demarcação já contida no documento precisa ser realçada, sobretudo hoje em dia onde se tenta diminuir a participação da filosofia e das ciências humanas em geral, acusando-as de serem ensinadas nas escolas de forma doutrinadora, tentando criar um falso argumento para excluí-las dos currículos de ensino médio, impedindo os jovens de poderem desenvolver melhor sua compreensão do mundo, da sociedade, da ciência, da política, da história, e da cultura.

No PNLD – filosofia - 2018, foram aprovadas oito obras de filosofia, que posteriormente foram escolhidas e distribuídas com a participação direta dos professores de todas as escolas de ensino médio do Brasil vinculadas ao programa. Sendo elas:

Tabela 1 – Livros de Filosofia - PNLD 2018

Livros de Filosofia - PNLD 2018				
Livro	Autores	Editora	Edição	Ano
Filosofia e Filosofias – Existência e Sentidos	Juvenal Savian Filho	Autêntica	1ª edição	2016
Filosofia – Experiência do Pensamento	Sílvio Gallo	Scipione	2ª edição	2017
Reflexões: Filosofia e Cotidiano	José Antonio Vasconcelos	Sm Ltda	1ª edição	2016
Filosofia: Temas e Percursos	João Vergílio Cuter, Luiz Repa, Marcos Valentim, Paulo Vieira Neto, Roberto Bolzani Filho, Vinicius de Figueiredo	Berlendis & Vertecchia	2ª edição	2016
Fundamentos de Filosofia	Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes	Saraiva	4ª edição	2017
Iniciação à Filosofia	Marilena Chauí	Ática	3ª edição	2016
Filosofando – Introdução à Filosofia	Maria Helena Pires Martins e Maria Lúcia de Arruda Aranha	Moderna	6ª edição	2016
Diálogo: Primeiros Estudos em Filosofia	Ricardo Melani	Moderna	2ª edição	2016

Fonte: O autor, 2019.

O documento, a que nos referimos, que norteia a seleção dos livros didáticos de filosofia já apresenta um indicativo que começa a aparecer, ainda de forma muito germinal, da necessidade de trazer o estudo de gênero para dentro da filosofia, na medida em que “temas nessa área tem ocupado em polêmicas nos meios de comunicação, discursos e práticas políticas no cotidiano das escolas” (PNLD – Filosofia, 2018, p. 19) e também da necessidade de um resgate da contribuição das mulheres no cânone filosófico, ao constatar que:

As obras aprovadas no PNLD também podem contribuir para um resgate da contribuição feminina na tradição filosófica, estimulando os estudantes a pesquisas em cada livro sobre essa presença feminina. Uma maior visibilidade da contribuição das mulheres ao longo da tradição exigirá de vocês um trabalho transversal e de complementação de textos (PNLD – Filosofia, 2018, p. 19).

Essa foi uma das motivações que fez com que procurássemos desenvolver nossa pesquisa, pois identificamos, ao longo da nossa experiência com o ensino de filosofia para jovens, uma lacuna enorme, um “estranhamento”, que sempre foi à ausência das mulheres na filosofia, na sua história e nos livros didáticos para o seu ensino.

Passaremos agora a analisar em que contexto as poucas filósofas mencionadas nos livros didáticos de filosofia do PNLD – 2018 aparecem. Embora tenhamos consultado os oito livros selecionados no programa, fazemos aqui uma ressalva: Escolhemos para efeito de nossa pesquisa, dentre os oito livros didáticos mencionados anteriormente, quatro deles para um maior aprofundamento de nosso estudo e para a coleta de dados que são: “Iniciação a Filosofia de Marilena Chauí”, por ser uma obra bastante adotada pelas escolas participantes do PNLD e por ter sido selecionada nas três versões do programa, além da autora ser uma mulher e uma referência de destaque na filosofia brasileira. “Filosofia: Experiência do Pensamento” de Silvio Gallo por termos utilizado seu método na experiência pedagógica desenvolvida com os alunos na escola, que resultou no relato de experiência que compõe o último capítulo desse trabalho. “Filosofando: Introdução à Filosofia” de Maria Lúcia Aranha e Maria Helena Martins, de autoria de duas mulheres e que também é muito adotado pelas escolas e fez parte das três versões do PNLD. E, “Filosofia e Filosofias: Existência e Sentidos” de Juvenal Savian Filho, por se constituir numa interessante novidade ao ter sido selecionado na última versão do programa, sendo, como veremos, dos livros pesquisados, o que mais apresenta filósofas.

Na análise dos livros didáticos do PNLD 2018 que escolhemos para nossa investigação, além de estabelecermos percentualmente a presença das mulheres filósofas, procuramos estabelecer um comparativo com os filósofos para avaliar o nível da desigualdade entre os gêneros presentes nos livros (ver gráficos mais adiante) e, tendo em vista o referencial teórico da pesquisa, procuramos incluir as seguintes intertextualidades:

- Caracterizar do ponto de vista político, econômico e social cada período filosófico percorrendo sobre a posição da mulher no modelo de sociedade predominante.
- Explicar o porquê de em períodos mais recentes existir maior visibilidade das mulheres filósofas.

- Identificar as mulheres de cada período que são citadas nos livros didáticos.
- Identificar pistas nos fragmentos de textos das mulheres ou sobre elas, bem como suas reivindicações/críticas em relação ao modelo de sociedade vigente que não permite sua identidade de gênero.
- Explicar porque ao final do feudalismo e na sociedade capitalista, sobretudo na industrial, existe uma maior visibilidade das mulheres filósofas.
- Caracterizar os períodos da filosofia em que as mulheres apresentam maior visibilidade e buscar pistas sobre o porquê dessa desocultação.
- Analisar os fragmentos filosóficos de algumas mulheres presentes nos livros didáticos buscando identificar pistas possíveis de sua ocultação.
- Elaborar um quadro das filósofas dos livros didáticos selecionados para estudo destacando aquelas que apresentam alguns fragmentos/comentários de suas produções filosóficas.

A partir do quadro, abaixo, que apresenta os livros didáticos de filosofia pesquisados, assim como a relação das filósofas mencionadas em cada um deles, junto com o quantitativo de sua presença em cada livro, iniciamos nossa análise. Não sem antes explicar que o critério que adotamos na exposição das filósofas nos livros didáticos, não foi o da ordem alfabética como se encontra no quadro, mas o de correlacioná-las com os períodos da História da Filosofia a que cada uma pertence, no sentido de facilitar a identificação dos períodos em que elas são citadas numa maior quantidade, procurando assim pontuar onde elas possuem maior visibilidade e onde elas são mais ocultadas:

Tabela 2 – Livros didáticos do PNLD 2018 selecionados para pesquisa

Livros didáticos do PNLD 2018 – Filosofia – selecionados para pesquisa	Filósofas mencionadas	Total de Filósofas
Filosofia e Filosofias – Existência e sentidos. Autor: Juvenal Savian Filho. Editora: Autêntica, 2016, 1ª Edição.	· Edith Stein · Gilda de Melo e Souza · Hannah Arendt · Heloísa · Hildegarda de Bingen · Iris Murdoch · Judith Butler · Julia Kristeva · Rosa Luxemburgo · Simone de Beauvoir · Simone Weil	11 (onze)
Filosofando – Introdução à Filosofia. Autoras: Maria Helena Pires Martins; Maria Lúcia de Arruda Aranha. Editora: Moderna, 2016, 6ª Edição.	· Adela Cortina · Hannah Arendt · Harriet Taylor · Maria Victória B. Soares · Marilena Chauí · Olgária Matos · Scarlett Marton · Simone de Beauvoir	8 (oito)
Filosofia: Experiência do pensamento. Autor: Silvio Galo. Editora: Scipione, 2017, 2ª Edição.	· Agnes Heller · Hannah Arendt · Hipátia de Alexandria · Isabelle Stengers · Jacqueline Russ · Simone de Beauvoir	6 (seis)
Iniciação à filosofia. Autor: Marilena Chauí. Editora: Ática, 2016, 3ª Edição.	· Catarina de Siena · Hannah Arendt · Hipátia de Alexandria · Lídia Maria Rodrigo · Simone de Beauvoir	5 (cinco)

Fonte: O autor, 2019.

Do quadro que elaboramos, verifica-se a menção nos referidos livros didáticos a apenas uma filósofa da antiguidade que é Hipátia de Alexandria que aparece em duas das obras pesquisadas. Da idade medieval encontramos referenciadas três filósofas que são: Heloisa, Hildegarda de Bingen e Catarina de Siena. Cada uma dessas filósofas é mencionada em apenas uma obra pesquisada e sendo ainda de autores diferentes, o que configura que, quando são mencionadas, o período medieval está representado por somente uma filósofa em cada livro, exceto no livro de Juvenal Savian que cita duas filósofas medievais: Heloisa e Hildegarda. Mas, em

compensação, não cita nenhuma filósofa da antiguidade. Convenhamos que seja muito insignificante resumir dois grandes períodos da história da filosofia como é a antiguidade e a idade medieval a apenas duas vozes femininas, enquanto as vozes masculinas são apresentadas numa quantidade muito desproporcional. Passaremos agora a descrever em que contexto as filósofas aparecem nos livros didáticos referentes a esses dois períodos.

3.1 O DISCURSO SOBRE AS FILÓSOFAS DA ANTIGUIDADE E ERA MEDIEVAL NOS LIVROS DIDÁTICOS

No período em que se inicia a filosofia na antiguidade grega a mulher tinha como função primeira a reprodução, a criação dos filhos e a produção de bens ligados à subsistência dos homens como fiação, tecelagem e alimentação. As atividades consideradas mais nobres filosofia, política e artes eram destinadas aos homens. As mulheres não eram consideradas cidadãs e estavam excluídas da política e do mundo do pensamento, embora como pudesse observar em nossa pesquisa muitas desafiaram essa condição. Essa situação se manterá, com pequenas variações, ao longo de toda a antiguidade.

No início da era medieval, quase todas as profissões eram acessíveis às mulheres assim como o direito de propriedade e de sucessão. A mulher participou também de corporações de ofícios, atuando como aprendiz e por morte do marido, como mestre. Há registro de “mulheres exercendo tarefas ditas masculinas como a serralheria e a carpintaria, apesar de que se concentravam sobretudo nas profissões ‘femininas’ como a tecelagem, a costura, os bordados” (ALVES & PITANGUY, 1985, p.17). Apesar de uma significativa participação das mulheres na vida social e econômica da Idade Média isso não lhe conferia nenhum prestígio social. As mulheres sofreram uma intensa perseguição nesse período denominado de “caça às bruxas”, um genocídio em que milhares de mulheres foram torturadas numa cruzada de obscurantismo promovida pela inquisição, tribunal eclesiástico da igreja.

No livro didático “Iniciação à Filosofia” de Chauí (2016), Hipatia, filósofa da antiguidade romana, é citada de forma bastante secundária, tendo em vista que ela aparece apenas a partir da indicação do filme espanhol de 2009 do diretor Alejandro Amenábar que conta a sua história cujo nome é Alexandria que é descrito da seguinte forma:

O filme aborda os conflitos entre fé e razão no período em que o cristianismo começa a se disseminar pelo Império Romano. Além de desafiar a opressão às mulheres, à filósofa Hipatia de Alexandria se vê no meio de uma disputa entre religião e filosofia, na qual a intransigência religiosa leva a lutas entre cristãos e judeus e entre cristãos e filósofos pagãos (CHAUÍ, 2016, p.67).

Embora achamos importante Hipatia ter sido lembrada pela autora a partir da indicação desse filme, que coloca o problema da tensão entre religião e filosofia, que perdurará pela idade medieval, sentimos falta das contribuições dessa filósofa não terem merecido um maior aprofundamento no texto do seu livro, considerando que Hipatia, como vimos no primeiro capítulo de nossa pesquisa, deu grandes contribuições ao diálogo da filosofia com a astronomia e a matemática tendo se tornado um símbolo da liberdade de expressão e da voz da razão na luta contra o obscurantismo. Em certa medida ela antecipa o ideal da filosofia iluminista que será deflagrado mais de mil anos depois de sua morte.

Já no livro didático *Filosofia: Experiência do Pensamento* de Gallo (2017), que também faz referência ao filme *Alexandria*, Hipatia terá um tratamento mais especial, considerando que o autor dedica-lhe duas páginas do capítulo I da terceira unidade que trata dos valores e suas escolhas, contextualizando o ambiente histórico e político em que ela viveu em Alexandria, os conflitos entre pagãos e cristãos devido à supremacia econômica, política, moral e cultural dos não cristãos, assim como referência a biblioteca de Alexandria local em que se encontravam as principais obras da antiguidade na qual Hipatia ministrava suas aulas e realizava suas pesquisas, e que posteriormente seria destruída pelos cristãos. Dessa forma diz ele:

O comportamento contestador e crítico da filósofa, considerado imoral e profano pelos líderes religiosos e políticos da cidade, põe em risco um acordo de paz prestado a ser selado entre cristãos e antigas lideranças locais, recém-convertidas ao cristianismo. A insubmissão aos novos valores e a oposição política custa à vida da filósofa (GALLO, 2017, p. 129).

Hipatia, com sua determinação pelo conhecimento e movida pela curiosidade, tal qual Pandora, parafraseando o mito, acabou levando-a a abrir a caixa, da qual escaparam todos os males do seu tempo que se espalharam e que resultaram em sua morte trágica, mas que no fundo ainda restou a esperança. Há um pouco de misoginia

na forma de sua morte. Sua beleza, sua inteligência feminina e sua altivez incomodavam por demais os seus algozes fanáticos para que pudessem conviver com uma mulher tão extemporânea. Hipatia, como tantas outras mulheres que desafiaram os condicionamentos de seu tempo, sofreu o que Michelle Perrot (2008) chama de o “silêncio das fontes” em seu livro “Minha História das Mulheres”, na medida em que como afirma ela: “Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila” (PERROT, 2008, p.17). Seus escritos foram destruídos assim como a grande biblioteca de Alexandria, o maior centro de saber da antiguidade, da qual Hipatia foi sua última bibliotecária tendo em suas instalações bebido da fonte das grandes obras dos sábios da antiguidade. Tudo que sabemos dela é através do relato de alguns dos seus contemporâneos que chegaram até nós, a exemplo de Sócrates escolástico.

Passemos agora a analisar as vozes e o discurso em que as filósofas medievais Heloisa, Hildegada de Bingen e Catarina de Siena aparecem nos livros didáticos pesquisados: Heloisa é mencionada em apenas um livro didático pesquisado, ou seja, o livro de Juvenal Savian (2016) “Filosofia e Filosofias: Existência e Sentidos”. Essa obra foi selecionada na última versão do PNLD, constituindo-se, portanto, numa novidade. Não por acaso ele é o livro que contém a maior quantidade de filósofas citadas. Sendo, assim, parece-nos ser a obra que melhor incorpora a recomendação do MEC através do PNLD – Filosofia, 2018, de resgatar a contribuição filosófica das mulheres dando-lhes uma maior visibilidade, não obstante constatarmos, ainda ser insuficiente a presença das filósofas.

Heloisa é citada em dois momentos no discurso do autor. Nas dicas de filmes trabalhados no capítulo sete, intitulado “Do Amor Cortês ao Amor Hoje”, quando recomenda o filme “Em Nome de Deus”, dirigido por Clive Donner em uma coprodução da Inglaterra com a Iugoslávia e nas dicas literárias do capítulo sete, referente ao mesmo tema do amor, onde é recomendada a obra “Correspondência de Abelardo e Heloisa” que contém a “Correspondência entre o filósofo Pedro Abelardo e sua discípula e futura amante-esposa, Heloisa” (SAVIAN, 2016, p. 203).

O filme “Em Nome de Deus” é descrito no livro da seguinte forma:

Filme baseado na história de Abelardo e Heloisa. Ele foi o mais destacado filósofo de sua época (Séc, XII) e ela era uma jovem de extrema inteligência, sobrinha de um importante religioso da Catedral de Notre-Dame de Paris, gozando da possibilidade de estudar com Abelardo. Ambos se apaixonam e se casam. Mas os filósofos, naquele período, não podiam casar-se. Além disso, o tio de Heloisa tinha projetos mais ambiciosos do que o casamento de sua sobrinha com um filósofo. O filme concentra-se nas dificuldades e perseguições a Abelardo e na importância de Heloisa em sua vida (SAVIAN, 2016, p.202).

Apesar de o autor ser um dos que mais apresentam textos mais criteriosos e alongados das filósofas em seu livro, como já referido anteriormente, assim como apresentar a maior quantidade de filósofas em sua obra, dentre as pesquisadas, isso não se aplica no caso de Heloisa que, na nossa visão, mereceria ao menos um texto de suas cartas a Abelardo tratando do tema do amor. E, não apenas uma menção nas dicas literárias, sobre a “Correspondência de Abelardo e Heloisa”. Como observamos na citação acima referente ao filme, o destaque está todo em Abelardo. Heloisa aparece de forma secundária, quase como uma sombra do filósofo. Apesar de podermos reconhecer a relação dialética que existe entre os dois, onde não se pode falar de um sem o outro, caberia uma abordagem mais equânime no tema do amor tratado no capítulo em que Heloisa é mencionada, considerando que até mesmo o filme, a que o autor se referiu, faz isso, ao dar um relativo protagonismo a Heloisa.

No capítulo dois do livro de Juvenal Savian (2016) é tratado o tema da felicidade. Heloisa recebe mais uma menção, também secundária, quando o autor traça uma pequena biografia de Pedro Abelardo fora do corpo do texto principal ao relatar que: “Em sua obra História das Minhas Calamidades”, de 1131, Abelardo narra as dificuldades que viveu em decorrência de seu romance com Heloisa” (SAVIAN, 2016, p.98).

O discurso presente no livro de Juvenal Savian (2016) relativo à Hildegarda de Bingen surge no capítulo oito, item cinco, onde ele enfoca a questão da “Sociedade, Indivíduo e Liberdade” e trata do tema do “Cerne da Pessoa”, onde é apresentada uma iluminura da própria Hildegarda de Bingen, em que ela coloca o ser humano como cerne do universo e o coração como cerne do ser humano. O interessante é que em seu discurso não pinta o músculo cardíaco por considerar que o coração está no corpo inteiro não sendo, portanto, tratado como uma coisa. Savian (2016) afirma que:

O tema do cerne da pessoa humana é muito antigo na História da Filosofia. Na Idade Média, a pensadora, pintora, musicista, médica e filósofa Hildegarda de Bingen (1098-1179) afirmava que tal cerne era o coração, órgão vital de que dependem todos os outros. Hoje, o coração é visto apenas como um músculo cardíaco e, no máximo, como metáfora das emoções e de tudo que não pertence à razão. Para Hildegarda de Bingen, porém, o coração representava o que há de mais íntimo em cada pessoa, o refúgio de onde ela tira as cores com que pinta seu modo individual de ser, ponto de onde brota a canção específica da sua vida na sinfonia universal (SAVIAN, 2016, p.243).

Isso também implica afirmar que além de todos os seus atributos destacados na citação acima, Hildegarda também olhava a vida de forma poética o que mostra a sua sensibilidade em relação à compreensão da pessoa humana.

É ainda importante frisar que na tradição filosófica, esse tema do cerne da pessoa, destacado no discurso acima, é retomado sempre com o objetivo de caracterizar como cada indivíduo se diferencia no interior da espécie humana e entre os diversos indivíduos que a compõem. A própria referência a Hildegarda de Bingen é feita nesse contexto quando o autor descreve a compreensão da voz de Edith Stein, uma filósofa do século XX, sobre o conceito de cerne da pessoa, considerando-o como um “eu” pessoal, recanto íntimo, no qual só o indivíduo pode entrar. Hildegarda de Bingen vai associar esse recanto íntimo ao coração.

É importante destacar que uma das invenções da modernidade é o surgimento do eu, do pessoal, do íntimo, questão que não se vislumbra nos períodos anteriores. Não é por acaso que no século XIX aparece a Psicologia, área de conhecimento que tem como centro de estudo o indivíduo na sua intimidade.

A última pensadora mencionada nos livros didáticos desse período é Catarina de Siena. Aparece no livro “Iniciação à Filosofia” de Marilena Chauí que faz a ela pequena referência, muito superficial, sem nenhuma abordagem mesmo que apressada do seu pensamento no texto do livro didático. Nele, o discurso de Chauí (2016) sobre a filósofa Catarina de Siena aparece através de uma simples descrição como sendo a: “Santa Catarina de Siena (1347-1380), filósofa e teóloga escolástica em pintura de Domenico Beccafumi de c.1515. Pinacoteca Nacional de Siena, na Itália” (CHAUÍ, 2016, p. 60). Pareceu-nos que da forma como a autora introduziu a filósofa, foi muito mais para constar que existiu uma mulher filósofa nesse período. Sentimos falta de menções mínimas a sua vida e suas contribuições filosóficas bem como referência as suas obras que poderiam enriquecer e valorizar mais o interesse

dos estudantes pelo estudo de Catarina de Siena. Isso nos dá forte impressão de que Chauí reforça a dominação patriarcal ao ocultar quase que inteiramente uma importante filósofa do final da era medieval e muitas outras que são ocultadas em seu livro.

3.2 AS VOZES DAS FILÓSOFAS DOS PERÍODOS MODERNO E CONTEMPORÂNEO

O contexto do período moderno pode ser descrito como um conjunto de modificações nas estruturas sociais do ocidente, tendo como dinâmica uma maior racionalização da vida. Esse processo geraria uma autonomia que defendia a libertação do Homem, sem distinção de sexo, cor, raça, credo ou opinião através do uso da razão. Nesse sentido, o iluminismo, principal movimento filosófico desse período, propunha que a sociedade civil devia ser livre e atuar sobre uma sólida opinião pública para gerar tanto o dissenso como o consenso. Essas ideias acabaram gerando um discurso mais favorável a reivindicação das mulheres por igualdade de direitos com os homens.

Passando a analisar as filósofas do período **moderno** e **contemporâneo** presentes nos livros didáticos, destacamos a única filósofa citada na modernidade que é Harriet Taylor. Ela é citada no capítulo 16 intitulado de “Teorias Éticas: Abordagem Cronológica”, do livro “Filosofando: Introdução À Filosofia” de Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins (2016), precisamente no item sete que trata do “utilitarismo ético”. Após uma breve apresentação do florescimento do capitalismo industrial, do século XIX e os embates entre liberais e socialistas é feita uma menção a John Stuart Mill, filósofo utilitarista liberal que defendia posições bastante avançadas para a época, como a absoluta liberdade de expressão, coparticipação de operários na indústria e representação proporcional na política. O discurso das autoras afirma que John Stuart Mill “Sob a influência de sua mulher, Harriet Taylor, feminista e socialista, participou da fundação da primeira sociedade defensora do direito de voto para as mulheres” (ARANHA; MARTINS, 2016, p. 215).

Nesse ponto tem um fato que é importante mencionar. Com o aparecimento da sociedade capitalista industrial, pouco a pouco, a dominação patriarcal vai cedendo lugar para uma outra forma de gestão da sociedade: a democracia liberal. Tal modelo tem na participação da sociedade um dos seus princípios, inclusive da mulher.

Embora o contexto em que a filósofa é citada a apresente numa situação de protagonismo, levando em conta que foi a sua influência sobre o marido, também filósofo, que o levou a defender o direito de voto das mulheres, percebemos que o protagonismo maior está na ênfase dada a John Stuart Mill, que tem suas ideias desenvolvidas no texto, ao contrário de Harriet Taylor onde lhe é feita apenas uma simples citação sem sequer apresentar uma linha sobre as suas ideias. Nesses pequenos detalhes vamos percebendo como as mulheres são ocultadas nos textos dos livros didáticos de filosofia.

Conforme analisamos anteriormente, o contexto da contemporaneidade, de certa forma, é uma continuidade do período moderno nos seguintes aspectos: O capitalismo, fruto da revolução industrial se afirma, e vai se desenvolvendo, ao mesmo tempo avança no que diz respeito à racionalização da vida com o crescimento da tecnologia que, todavia, pouco contribui para diminuir as desigualdades sociais. Aumenta a inserção social das mulheres em todas as áreas da sociedade, na política, no trabalho, na vida intelectual, sobretudo, a partir das reivindicações dos movimentos feministas.

É nesse novo contexto que passamos a discorrer sobre as filósofas do Período Contemporâneo da Filosofia. Ao contrário da antiguidade e da idade média e até certo ponto da idade moderna, que por força da maior intensidade da dominação patriarcal restringia/ocultava as potencialidades das mulheres no campo do intelecto, através da limitação de sua presença aos espaços públicos, fazendo com que houvesse uma menor quantidade de pensadoras nesses períodos, que vão se refletir nos livros didáticos. A filosofia contemporânea terá uma presença muito maior de mulheres filósofas. Isso se deve em grande parte ao aumento gradativo da escolarização feminina no ensino primário, secundário e universitário, assim como as exigências do mercado de trabalho industrializado que vai exigir mulheres qualificadas, como também um crescimento dos movimentos reivindicatórios feministas por maiores condições de igualdade com os homens nas relações sociais, políticas e econômicas. Todas essas características se refletirão na filosofia a partir do surgimento de um maior número de filósofas que procurarão pensar o seu tempo na esteira das enormes e rápidas transformações e desafios que a sociedade industrial vai impondo concomitantemente as mulheres.

Esse fenômeno de possuir uma maior quantidade de filósofas em relação a outros períodos da filosofia está representado nos livros didáticos, na medida em que

esse é o período da filosofia que contêm o maior número de filósofas, não obstante a representatividade ainda esteja bem aquém do que deveria ser. A primeira pensadora a ser apresentada e contextualizada é Rosa Luxemburgo:

Ela é introduzida no livro didático “Filosofia e Filosofias: Existência e Sentidos” de Juvenal Savian (2016) no capítulo dez, onde o autor trata de “Política e Poder” especificamente no item dois, que se denomina “A política Como Serviço ao Bem Comum”, numa galeria de imagens fotográficas, designada como “Pensadores e ativistas que entenderam a política como serviço ao bem comum” (SAVIAN, 2016, p. 251).

A galeria de imagens fotográficas contém oito homens e duas mulheres, sendo uma delas Rosa Luxemburgo e a outra Simone Weil que será analisada mais a frente. O detalhe é que não há uma só menção a teoria política de Rosa Luxemburgo sobre o tema que o autor aborda, cabendo-lhe apenas a citação do seu nome e a foto. A outra menção é feita na Unidade três do livro intitulada: “A Filosofia e Sua História” no item oito que aborda “As Filosofias Contemporâneas”, num contexto semelhante, ou seja, de uma galeria de imagens, dessa vez com treze fotos, onde são nominados dez filósofos e três filósofas, sendo elas Rosa Luxemburgo, Edith Stein e Simone Weil. Mais uma vez sem qualquer menção a sua teoria. Será que isso também não é uma ocultação ou uma referência subliminar apenas para informar que as mulheres filósofas estão presentes na História da Filosofia?

A partir desse ponto passamos a analisar o contexto em que aparece Edith Stein, cujo pensamento e vozes serão desenvolvidos com maior profundidade por Savian (2016), único autor a citá-la dentre as obras pesquisadas, já referenciadas anteriormente. A filósofa vai receber menções em dez páginas do seu livro, que comporta inclusive texto da própria Edith Stein. No relato do autor a filósofa aparece no capítulo quatro do seu livro que se intitula “Sexualidade e Força Vital”, em especial no item três, no qual é abordado o conceito **de força vital**. Nele o discurso do autor afirma que:

A filósofa judia-alemã Edith Stein preferia chamar a corrente da vida de força vital, pois, assim como empregada na física, a ideia de força designa uma interação entre duas coisas. A força resulta da ação de um objeto sobre outro. Costuma-se dizer que, no mundo físico, a força é mecânica: ocorrendo as condições de influência (força) entre os corpos, então os resultados dessa influência acontecem automaticamente. A vantagem da noção de força vital é retratar a interação de diferentes componentes da vida humana, sem separá-los em compartimentos estanques (SAVIAN, 2016, p. 130-131).

A citação, no contexto que o autor coloca, tem a intenção de explicitar a contribuição da filósofa Edith Stein para a compreensão da necessidade de pensar a base física do ser humano interagindo com a parte emocional, intelectual e as relações que possuem entre si, constituindo-se na força que move tudo o que é vivo.

Compreendemos existir certa tendência dos autores de trazerem as reflexões das filósofas, para temas que envolvem emoções, sentimentos, o que acaba reforçando o estereótipo de que as mulheres têm mais a contribuir nesses temas, o que termina enfatizando o pensamento dicotômico mulher-sentimento x homem-razão que é tão danoso ao reconhecimento das mulheres na filosofia, considerando que o conhecimento filosófico se baseia na busca por princípios racionais para explicar as coisas do mundo. Tal forma de contextualizar as filósofas nos livros didáticos acaba corroborando a identificação do exercício da filosofia com o masculino o que, de certa forma, parece reforçar e contribuir para a invisibilidade das mulheres na filosofia.

Mais adiante, em outra menção a Edith Stein, o autor descreve pequena biografia da filósofa fazendo referência a sua filiação como discípula e assistente de Edmund Husserl, pai da fenomenologia. Destaca suas contribuições para o aprofundamento do conceito de empatia e a busca de fundamentação filosófica para a Psicologia e as ciências humanas e cita algumas de suas obras, finalizando com a sua morte em Auschwitz pelos nazistas (SAVIAN, 2016, p. 132).

Em seguida, apresenta um texto com discurso da própria Edith Stein, traduzido pelo próprio autor, para ser lido pelos alunos, que se intitula: “O Ser Humano Como Unidade de Forças” representando continuidade do desenvolvimento do conceito de força vital. Abaixo, transcrevemos dois pequenos discursos da própria filósofa:

Essa força vital tem em comum com a força dos corpos puramente materiais o fato de que ela pode se exprimir por movimentos e resistências, [...] mas sua intensidade não é tal que possa ser medida. Ela depende da constituição material do corpo, mas também das funções vitais; esses dois fatores se encontram em uma relação funcional mútua (STEIN *apud* SAVIAN, 2016, p.133).

Um pouco mais a frente, a filósofa assinala:

[...] A ligação entre o querer e a força que um indivíduo investe não pode ser discernida de maneira exata. Se decido visitar um doente, essa ligação (entre o querer e a força investida) pode ser vista: quero levar alegria ao doente, pois sei que minha visita o agradaria, [...] mas, para fazer essa visita, devo percorrer um longo caminho. [...] Experimento um peso em todo o corpo; cada passo é difícil e deve ser dado por um ato de vontade. Decido continuar e chego ao meu objetivo, mesmo estando com muito cansaço (STEIN *apud* SAVIAN, 2016, p. 133).

Ficamos a indagar o quanto de força vital, parafraseando Edith Stein, não deve ter sido desprendida pelas mulheres ao tentarem exercer a nobre atividade filosófica num mundo dominado pelos homens, e em que o sujeito universal e a racionalidade sempre estiveram por imposição da dominação patriarcal, vinculados a atividades eminentemente masculinas. Quanto de querer, quanto de vontade, quanto de força investida, quanto de cansaço, não foram superados pelas mulheres para atingirem o seu objetivo de se tornarem filósofas, tentando fugir do discurso que as diminuía e as ocultavam no campo da filosofia? Talvez nunca tenhamos a exata dimensão desse esforço coletivo, e às vezes solitário, que as mulheres exerceram na história da filosofia para superar as dificuldades do percurso e para conseguirem se impor na seara filosófica.

Outra categoria filosófica presente no discurso de Edith Stein, analisada por Juvenal Savian (2016), no capítulo 14 do seu livro didático que trata do Conhecimento, especificamente no item quatro, “Realidade e Consciência”, faz mais uma citação a filósofa, referenciando-a como discípula de Husserl, e explicitando numa pequena passagem o seu conceito de empatia, como o ato da “Consciência da consciência alheia”, afirmando que: “A empatia é a chave para explicar como é possível que, mesmo não tendo garantia nenhuma de que aquilo que percebemos nos outros corresponde ao que eles realmente vivem, ainda assim somos capazes de

compreendê-los, comunicar, coincidir, divergir” (SAVIAN, 2016, p. 350). Aqui, manifesta-se a natureza do conceito de intersubjetividade, levando em conta que é no encontro de sujeitos que aparece a percepção do que há de comum aos dois.

3.2.1 A voz de Simone Weil

Iniciaremos, agora, a análise do contexto em que é mencionada nos livros didáticos a filósofa contemporânea Simone Weil, que só aparece em um dos livros pesquisados. Na obra de Juvenal Savian (2016): “Filosofia e Filosofias – Existência e Sentidos”. A primeira menção a filósofa é feita nos exercícios do capítulo quatro do livro, cujo título é “Filosofias e Modos de Convencer”, onde o autor insere um pequeno texto de Simone Weil e pede para que os estudantes identifiquem as premissas, os pressupostos e as conclusões do texto. Segue um fragmento:

Como certas funções do Estado servem ao interesse de todos, temos o dever de aceitar de bom grado o que o Estado impõe em relação a essas funções. (Exemplo: regulamentação de trânsito). Quanto ao resto, necessário sofrer o Estado como uma necessidade, mas não aceitá-lo dentro de nós. [...] também temos o direito de usurpar, contra a lei, as liberdades que o Estado não nos deixa, desde que isso valha a pena. Temos o dever, quando as circunstâncias nos permitem escolher entre os vários regimes, de escolher o menos ruim. O Estado menos ruim é aquele em que somos menos limitados pelo Estado e aquele no qual os simples cidadãos têm maior poder de controle[...]. (WEIL *apud* SAVIAN, 2016, p. 46).

Trazendo para o contexto que estamos investigando a citação da filósofa parece que aponta a necessidade de não seguirmos cegamente as determinações do Estado, uma vez que ele desenvolve mecanismos de repressão que contribuem para ocultar e diminuir o papel das mulheres no exercício da atividade intelectual, sobretudo, quando seus pilares estão fundamentados no patriarcalismo.

Nesse sentido, Estados que limitam menos os cidadãos e que permitem que eles possuam mais poder de controle sobre suas estruturas, são considerados menos ruins, pois possuem mais liberdade, e possibilitam uma maior condição para as mulheres ascenderem socialmente em todas as áreas, inclusive na filosofia, mesmo que com muitas restrições.

A filósofa volta a ser citada novamente no capítulo sete que trata do “Amor Cortês ao Amor Hoje”, mais precisamente no item cinco, denominado: “O Amor no

Pensamento Contemporâneo”. Nele faz referência fora do texto principal em que ela é apresentada numa pequena biografia, quando o autor Savian (2016) assim a descreve:

Foi uma filósofa francesa de origem judaica. Dedicou-se ao estudo do pensamento grego, reelaborando de modo original e atual conceitos gregos. Por exemplo, lendo Platão, Simone Weil propôs a ideia de que tudo o que, no mundo, é fator de separação também pode ser fator de união. Engajou-se no trabalho operário e na resistência francesa. Considerava-se cristã, embora não tenha se convertido oficialmente, por discordar do pensamento cristão majoritário. Escreveu aulas de Filosofia, *A gravidade e a Graça* e *A condição operária*, entre outras obras (WEIL *apud* SAVIAN, 2016, p. 199).

Como observamos, o autor enfatiza a sua dedicação ao estudo da filosofia, o seu caráter militante e a sua simpatia pelo cristianismo, embora revelasse discordâncias com relação ao pensamento cristão dominante.

É sensibilizador o episódio de a filósofa ter se tornado operária da Renault e da Alshton em Paris para poder escrever sobre o cotidiano dentro das fábricas e a condição de opressão dos operários (MARIZ, 2014, p. 195), embora o autor não mencione esse episódio em seu discurso. Sua vida sempre teve uma aproximação solidária com os pequenos, com os humildes. Que sua ideia de que tudo que é fator de separação possa ser também de união, seja um caminho a ser perseguido, para aproximar cada vez mais mulheres e homens do exercício do filosofar e possibilitar a inclusão de cada vez mais mulheres no cânone da filosofia, retirando-as da invisibilidade forçada.

3.2.2 A voz de Simone Beauvoir: como aparece nos livros?

A filósofa francesa Simone de Beauvoir vai ser mencionada por todos os autores dos livros didáticos pesquisados, o que por si só mostra a sua relevância para a filosofia contemporânea.

Savian (2016) vai fazer referências a Simone de Beauvoir em seu livro no capítulo sete quando é apresentado no item cinco o tema do “Amor no Pensamento Contemporâneo”, e vai afirmar que: “Os movimentos culturais que compõem o feminismo (reflexão sobre a identidade ou a falta de identidade feminina e luta pela

igualdade entre mulheres e homens) ganharam grande força com as ideias e as ações de Simone de Beauvoir” (SAVIAN, 2016, p. 196).

O autor apresenta Simone Beauvoir como filósofa, escritora e feminista francesa e grande representante do existencialismo. Segundo ele, no tema do amor, objeto de estudo no capítulo do seu livro, a filósofa desenvolve uma visão de que da forma como foi escrita a história do amor teve como objetivo perpetuar o domínio da identidade masculina. Por essa razão, os homens idealizaram as mulheres de acordo com as qualidades que são apreciadas por eles mesmos. Nesse sentido, acontece em relação à história do amor, nos parece, o mesmo que ocorre com a história da razão, considerando que ela também está ligada a dominação masculina conforme vimos anteriormente.

De outra parte, Marilena Chauí (2016), considerando a mesma filósofa como ponto de referência em seu livro “Iniciação à Filosofia”, introduz Simone de Beauvoir em seu livro ao abordar as temáticas de “Gênero, Sexualidade e Representatividade” da seguinte forma:

Nos anos 1970, surgiram os chamados estudos de gênero, que mudaram a forma de tratar temas como a homossexualidade, a transexualidade e a desigualdade entre os gêneros na sociedade. Mais de duas décadas antes, a filósofa francesa Simone de Beauvoir (1908-1986) demonstrara como aquilo que se considerava “ser mulher” não decorria de meros aspectos biológicos de nascença, mas sim de um conjunto de características e obrigações que a sociedade atribuía às pessoas do sexo feminino (CHAUÍ, 2016, p. 145).

O surgimento dos estudos de gênero, a que Marilena Chauí se refere na citação acima, foi fundamental para ampliar a importância das ideias de Simone de Beauvoir ao diferenciar sexo (biológico) de gênero (identidade social) e também foram decisivos para diminuir a desigualdade entre os gêneros na sociedade, permitindo um maior protagonismo das mulheres cujas bandeiras de luta se apresentam com muita força hoje na sociedade. Esse fenômeno aumentou substancialmente a presença das mulheres e outras identidades no campo da filosofia.

Aranha e Martins (2016), no capítulo três de sua obra intitulado: “Natureza e Cultura” do livro “Filosofando: Introdução à Filosofia”. Apresenta Simone de Beauvoir, num contexto cultural semelhante ao que os demais autores apresentam, porém com um diferencial, quando afirmam:

Entre os habitantes das ilhas Trobriand existem povos, que se organizam em torno da figura materna, em um sistema matrilinear, esse costume é incomum nas sociedades globalizadas, em que predomina a constituição familiar fundamentada na autoridade paterna. Apesar de ter sido colocado em xeque pelas conquistas sociais das mulheres, a tradição paternalista ainda é muito forte. Como advertiu a filósofa Simone de Beauvoir: [...] não são fatores biológicos que determinam como a mulher é compreendida no interior da sociedade, isso fornece elementos para a reflexão a respeito do que é biológico e do que é cultural nos gêneros (ARANHA; MARTINS, 2016, p. 36).

O interessante nesse discurso é que pela primeira vez nos livros didáticos pesquisados, surge um contraponto ao sistema patriarcal dominante que tanto invisibilizou as mulheres ao naturalizar suas atribuições na sociedade, apresentando uma outra forma de organização social em que as mulheres assumem o protagonismo que é o sistema matrilinear dos povos das ilhas Trobriand, que se constitui em um tipo de organização social em que só a ascendência materna é considerada para a transmissão do nome e dos privilégios da condição de pertencer a um clã ou uma classe. Talvez, se as sociedades globalizadas tivessem evoluído para uma sociedade com essas características, a condição de visibilidade das mulheres fosse outra, com reflexo em todas as áreas do conhecimento, incluindo a própria filosofia.

Por fim, nos quatro livros analisados nessa pesquisa, Silvio Gallo (2017) no capítulo três do seu livro, “Corporeidade, Gênero e Sexualidade: formas de ser”, no item “Sexo, Gênero e Sexualidade: Entre o Biológico e o Cultural” contextualiza o discurso de Simone de Beauvoir ao afirmar:

[...] dedicou-se a estudar a condição da mulher na sociedade. Em sua obra *O Segundo Sexo*, publicada em 1949, afirmou que [...] Não existe algo como uma “natureza feminina”, porque “ser mulher” não é uma essência (seja biológica, seja cultural) que se realiza, mas uma construção que cada mulher faz em sua vida. [...] A filósofa argumenta que a cultura e o pensamento foram sempre dominados pelos homens, de modo que a mulher foi considerada o outro, o não homem, e relegada a um segundo plano (BEAUVOIR *apud* GALLO, 2017, P. 111).

A reverberação de sua voz impactou profundamente os movimentos feministas do século XX, na medida em que suas formulações, a partir da citação acima, possuem uma validade mais ampla, e podem também ser aplicadas ao homem. Afinal,

ninguém nasce homem, se torna homem. Como também ninguém nasce filósofo ou filósofa, se torna. Podemos dizer que a classificação homem ou mulher, filósofo ou filósofa, e toda a carga que essas definições comportam são reflexos da época e da sociedade em que ocorrem, considerando que são construções culturais humanas, e não dados imutáveis da natureza.

Tais considerações nos parecem ser tão evidentes, que quando as condições sociais mudam e ficam mais favoráveis às aspirações das mulheres, aumenta a sua visibilidade. Prova disso é que vamos encontrar um quantitativo muito maior de filósofas na idade contemporânea, em virtude de suas reivindicações e de suas lutas por igualdade de direitos terem encontrado uma maior ressonância na sociedade.

3.2.3 A voz de Hannah Arendt

As filósofas Hannah Arendt e Simone de Beauvoir foram as únicas mencionadas em todos os livros didáticos pesquisados. No livro “Filosofia – Experiência do Pensamento” de Silvio Gallo (2017), o autor apresenta a filósofa Hannah Arendt no capítulo um que se chama “O Ser Humano Quer Conhecer a Si Mesmo” no item em que o autor trata da “Natureza Humana X Condição Humana” e no capítulo três, denominado: “Totalitarismo e Biopolítica na Sociedade de Controle”, mais especificamente no item “A Filosofia na História – Arendt e a Crítica ao Totalitarismo”.

No capítulo um é apresentada uma pequena biografia da filósofa num boxe a parte do texto principal, e em seguida o autor discorre sobre as diferenças entre os conceitos de natureza humana e condição humana, no qual é apresentado um pequeno fragmento de sua voz que reproduzimos abaixo:

Para evitar erros de interpretação: a condição humana não é o mesmo que a natureza humana, e a soma total das atividades e capacidades humanas que correspondem à condição humana não constitui algo que se assemelhe à natureza humana. Pois nem aquelas que discutimos neste livro nem as que deixamos de mencionar, como o pensamento e a razão, e nem mesmo a mais meticulosa enumeração de todas elas, constituem características essenciais da existência humana no sentido de que, sem elas, essa existência deixaria de ser humana (ARENDT *apud* GALLO, 2017, p. 76).

A citação acima vai gerar algumas reflexões em relação ao tema dessa investigação, pois nos permite inferir que embora a condição humana nos torne humanos, não define o que somos nem nos determina de modo absoluto como uma natureza humana. Todavia, é na condição humana que nos movemos e criamos. É através dos horizontes de possibilidades advindo dessa condição, que uma mulher pode definir como objetivo de sua vida tornar-se uma filósofa, uma cientista, uma dona de casa ou mesmo uma combinação dessas funções e até mesmo não se tornar nenhuma delas.

Nesse sentido, faz parte da condição humana de cada uma, as condições políticas, sociais, econômicas e culturais de seu tempo que podem aumentar ou diminuir as possibilidades de realização das aspirações de cada mulher. Assim, é muito mais fácil para uma mulher tornar-se uma filósofa hoje do que na idade média ou na antiguidade. Esse é um elemento que parece explicar o fato de que temos muito mais filósofas na idade contemporânea do que na idade média e na antiguidade.

Gallo (2016) em outro trecho de seu livro didático destaca na voz de Arendt a sua crítica ao totalitarismo, ao afirmar:

Hannah Arendt (1906-1975) viveu o horror da ascensão do nazismo na Alemanha e a crescente perseguição aos judeus. De família judaica, viveu obrigada a exilar-se nos Estados Unidos. Dedicou-se, então, a refletir sobre o totalitarismo, tomando-o como um problema filosófico e não apenas político e social. [...] O totalitarismo é uma negação radical das liberdades individuais. A questão filosófica que ele suscita é: Como podem as pessoas consentir com a negação de sua própria liberdade, suportando e até apoiando esse tipo de regime político? (GALLO, 2017, p. 228-229).

Ao transformar o problema do totalitarismo num problema filosófico, Hannah Arendt vai afirmar, segundo Gallo (2017), que o totalitarismo obtém a adesão dos indivíduos porque os mantém isolados e sem laços sociais numa “sociedade atomizada”. O terror totalitário une os indivíduos porque os mantém em isolamento (GALLO, 2017, p. 229). Isso nos ajuda a entender porque em sociedades autoritárias a filosofia é tão combatida e perseguida, uma vez que o lugar dela sempre foi a ágora, a praça pública, um espaço democrático. Num ambiente de autoritarismo que é irmão siamês da dominação patriarcal, filósofos, e filósofas muito mais ainda, não são bem-vindo (as), pois são considerados perigosos (as) e esse tipo de sociedade contribui também na ocultação das filósofas.

Marilena Chauí, também destaca a voz da filósofa em seu livro didático “Iniciação à Filosofia”. No capítulo dez intitulado “Buscando a Verdade”, no item “Conexões”, espaço reservado para se trabalhar conteúdo da filosofia com outras áreas do conhecimento, no caso específico com a história, uma das vozes de Arendt que transcrevemos abaixo:

O contrário de uma asserção racionalmente verdadeira é ou erro e ignorância, como nas ciências, ou ilusão e opinião como na filosofia. A falsidade deliberada, a mentira cabal, somente entra em cena no domínio das afirmações factuais; e parece significativo, e um tanto estranho, que no longo debate acerca do antagonismo entre verdade política ninguém, aparentemente, tenha jamais acreditado que a mentira organizada, tal como a conhecemos hoje, pudesse ser uma arma adequada contra a verdade [...]. No entanto, onde todos mentem acerca de tudo que é importante, aquele que conta a verdade começou a agir. Quer o saiba ou não, ele se comprometeu também com as coisas da política, pois, na improvável eventualidade de que o deixem sobreviver, terá dado um primeiro passo para a transformação do mundo (ARENDR *apud* CHAUI, 2016, p. 121).

A filósofa parte do princípio de que numa afirmação racionalmente verdadeira a questão não é a oposição entre verdade, erro ou ignorância, mas sim entre verdade e mentira e levanta um questionamento: o que fazer quando a mentira não é por acaso, mas é uma mentira organizada como é tão usada na política e na história? Utilizaremos esse questionamento para apresentar outro que diz respeito a nossa pesquisa. Até que ponto o mito de que as mulheres não são muito afeitas à filosofia não é uma construção organizada para legitimar posições de dominação e ocultar as mulheres que a filosofia se dedicaram? De certa forma, ao nos contrapormos a esse mito, demonstrando que desde o surgimento da filosofia as mulheres estiveram presentes no exercício do filosofar estamos contribuindo, com o nosso entendimento, para a transformação de um mundo mais inclusivo onde a filosofia comporta também o feminino.

A forma de abordar a filósofa Hannah Arendt por Aranha e Martins (2016), no livro “Filosofando – Introdução à Filosofia”, vai se dá num contexto um pouco mais amplo. No capítulo cinco, chamado “Trabalho, Consumo e Lazer”, item nove, que remete a uma indagação sobre a civilização do lazer, as autoras apresentam um pequeno discurso de Arendt para problematizar o tema do uso do tempo livre:

A sociedade de massas [...] não busca a cultura, mas lazeres (entretenimento), e os produtos oferecidos pela indústria de lazeres são bastante consumidos pela sociedade, mesmo que eles não sejam talvez tão necessários à sua vida como o pão e a carne. Eles servem, como se diz, para passar o tempo, e o tempo vago que é passado assim não é, propriamente falando, o tempo do ócio – isto é, o tempo em que somos livres de todo o cuidado e atividade necessários para o processo vital, e, portanto, livres para o mundo e sua cultura; é apenas o tempo que sobra (ARENDT *apud* ARANHA; MARTINS, 2016, p. 68).

Embora a crítica expressa por Arendt na citação acima, seja referente ao lazer alienado das sociedades contemporâneas, cabe aqui recordar que a própria filosofia em sua origem, deve sua existência ao que ela chama de “tempo do ócio”. Afinal, para que os filósofos gregos, em sua maioria homens pudessem se dedicar as suas longas reflexões sobre a natureza, a vida e o cosmos, necessitavam de tempo livre das obrigações enfadonhas do trabalho produtivo braçal e doméstico, que era exercido por escravos e mulheres na rígida sociedade patriarcal grega.

Mais adiante, no capítulo dezesseis, denominado “Teorias Éticas: Abordagem cronológica”, quando é feita no item dois, uma reflexão sobre a ética grega, as autoras introduzem outro pequeno fragmento de sua voz destacando:

O ser político, o viver numa polis, significava que tudo era decidido mediante palavras e persuasão, e não através da força e violência. Para os gregos, forçar alguém mediante violência, ordenar ao invés de persuadir, eram modos pré-políticos de lidar com as pessoas, típicos da vida fora da polis, característicos do lar e da vida em família, na qual o chefe da casa imperava com poderes incontestes e despóticos. (ARENDT *apud* ARANHA; MARTINS, 2016, p. 209).

Como percebemos na citação, os pruridos democráticos de persuasão e não violência estavam reservados apenas aos homens livres. Na vida privada predominavam a desigualdade e a ausência de liberdade, levando em conta que mulheres e escravos estavam destinados a procriação e ao trabalho manual. O despotismo patriarcal da sociedade grega empurrava as mulheres para longe da filosofia e para perto do lar. As que romperam barreiras e tornaram-se filósofas, receberam como prêmio a invisibilidade.

Aranha e Martins (2016), no capítulo 17 de seu livro, “A Construção da Democracia”, ao discorrer sobre o conceito de banalidade do mal, vai se referir mais uma vez a Hannah Arendt:

[...] em 1961, a filósofa foi a Jerusalém para assistir ao julgamento do carrasco alemão Adolf Eichmann, que durante o governo nazista participou ativamente no extermínio de judeus. Suas impressões e reflexões sobre o caso foram registradas no livro *Eichmann em Jerusalém*, um relato sobre a banalidade do mal, publicado em 1963. [...] O que a filósofa interrogava era o contraste entre aquela figura aparentemente apagada e equilibrada e um homem comum que, no entanto, cometeu tantas atrocidades. O que levaria pessoas sem qualquer predileção pelo atroz a se engajarem em uma política que exige obediência absoluta? [...] Arendt acredita que elas pertencem às massas politicamente neutras e indiferentes que constituem a maioria. [...] Hannah Arendt criou o conceito de ‘banalidade do mal’. Sua intenção não foi negar o crime cometido nem o horror do holocausto [...] mas expor que o mal cometido pode parecer como banal. Eichmann cumpria ordens como funcionário dedicado, com total submissão a valores externos, não questionados (ARANHA; MARTINS, 2016, p. 234).

A banalização do mal sempre esteve presente na história, principalmente contra as mulheres. A filósofa Hipatia de Alexandria esfolada viva por uma turba de cristãos enfurecida, a violência simbólica cometida contra as mulheres gregas interditando a elas o saber e a possibilidade de serem cidadãs da pólis. O estereótipo das feiticeiras na idade medieval, onde mulheres eram queimadas vivas acusadas de práticas mágicas e fórmulas esotéricas associadas ao demônio, nos parece que a “banalização do mal” faz parte da história das mulheres, transformando-as em bruxas a serem exterminadas fisicamente e intelectualmente.

Por fim nos discursos dedicados a Arendt, Juvenal Savian (2016) em sua obra, “Filosofia e Filosofias – Existência e Sentidos”, o autor menciona a filósofa em dez páginas de seu livro didático, sendo algumas delas bastante pontuais. Todavia, para não nos tornarmos repetitivo, procuramos enfatizar apenas as vozes em que ele contextualiza a filósofa em temas diferentes daqueles abordados por outros autores que já vimos antes.

Nesse sentido, a ênfase será dada ao capítulo três de seu livro, cujo tema é a “Amizade”. Nele, o autor vai inserir discurso de Arendt, traduzido pelo próprio autor, denominado: “A amizade, o Público e a Humanização”, o qual nós transcrevemos pequeno trecho a seguir:

Temos hoje o costume de ver a amizade apenas como um acontecimento da intimidade, na qual os amigos abrem suas almas uns aos outros, sem levar em conta o mundo e suas exigências. [...] fica difícil, assim, compreender a importância política da amizade (ARENDT *apud* SAVIAN, 2016, p. 116).

Quando lemos, por exemplo, em Aristóteles, que a *Philia* ou o amor entre os cidadãos é uma das condições fundamentais do bem-estar comum, temos a tendência de pensar que ele fala somente da ausência de facções e de guerra civil no interior da cidade. Mas, para os gregos, a essência da amizade consiste no discurso. Para eles, somente um constante “falar em conjunto” unia os cidadãos em uma polis. Com o diálogo, manifesta-se a importância política da amizade e de sua humanidade própria.

[...] Diferentemente das conversações íntimas em que as almas individuais falam de si mesmas, o diálogo, por mais impregnado que seja do prazer vindo da presença do amigo, preocupa-se com o mundo, o qual permanece inumano, no sentido literal, enquanto os próprios seres humanos não debatem constantemente sobre ele. ‘Afim, o mundo não é humano porque habitado por humanos, assim como não fica humano só porque a voz humana nele ressoa, mas somente quando se torna objeto de diálogo’ (ARENDT *apud* SAVIAN, 2016, p. 116).

Amizade, assim como a filosofia é logos, discurso, diálogo e não monólogo. Filosofia é também amizade, amor pela sabedoria como se encontra na própria origem etimológica da palavra. Se como diz Arendt, na citação acima, a amizade é um “falar em conjunto” e não um “acontecimento da intimidade” de cada um, o componente político e filosófico da amizade pressupõe a compreensão da necessidade de considerar o universo feminino como uma voz a ser considerada no mundo humano que é produzido na multiplicidade das vozes que o constroem. Mas, apesar desse pressuposto, o fato é que as mulheres foram escondidas dessa construção ao terem sua singularidade e pluralidade ocultas pela dominação masculina, fruto do patriarcado, diminuindo sua participação em dar forma ao mundo pelo discurso e pelo diálogo inclusive na própria filosofia.

Dando continuidade às menções das filósofas contemporâneas, Savian (2016) faz referência à irlandesa Iris Murdoch a qual lhe é dedicado um relativo protagonismo na temática em que analisa “O Amor no Pensamento Contemporâneo”. O autor lhe atribui o resgate do amor como tema público e apresenta um texto da filósofa cujo

título é “Amor e Atenção”. Ainda segundo Savian (2016), a pensadora “[...] Escreveu vários romances e ensaios filosóficos sobre questões éticas e morais, destacando-se pela ênfase na análise lógica e na valorização da literatura” (p.199).

Entre os seus ensaios mais conhecidos estão os três contidos no seu livro “A Soberania do Bem” de 1970 e entre os seus romances destaca-se “O Sino” (1958) e “Uma Cabeça Decepada” de 1961. Embora fosse uma filósofa defensora do modelo científico e dos preceitos lógicos para a construção e expressão de pensamentos, também revela tons românticos em sua filosofia e possui vivências de que as bases da Moral ou da Ética não se limitam apenas a regras formuladas objetivamente.

Outra filósofa contemporânea destacada na obra de Savian (2016) é Judith Butler. Professora da universidade da Califórnia, pensadora do feminismo e de questões contemporâneas relacionadas à Ética e a Política. É uma das criadoras da teoria *queer* que concebe a orientação sexual e a identidade sexual e de gênero das pessoas como resultados de uma construção performativa. Ela surge no contexto relativo à temática “amor no pensamento contemporâneo”, assim Savian (2016), descreve seu pensamento sobre o amor:

[...] nem todas as feministas entendem o amor como uma simples invenção cultural para perpetuar a dominação masculina. É o caso, por exemplo, da pensadora norte-americana Judith Butler, que dissocia o amor das tensões entre homens e mulheres. Butler esclarece que o amor não é “algo que se sente”, e sim uma relação que se constrói por trocas entre pessoas. Em seu ensaio *Duvidando do Amor*, ela defende que a primeira troca entre as pessoas é a dos sonhos ou dos anseios. As paixões ou as emoções não são estáticas nem rígidas, e sim flexíveis e mutáveis. Por isso, as pessoas podem viver suas emoções como uma performance, uma atuação, assim como os artistas atuam em um filme ou em uma peça de teatro. Segundo Butler, o amor não seria sequer uma emoção, mas realmente uma relação, uma atividade (SAVIAN, 2016, p.196).

Essa forma de abordar o amor por Butler, descrita por Savian na citação acima, é interessante por mostrar um contraponto as feministas que entendem o amor apenas como uma simples invenção cultural com o objetivo de perpetuar a dominação masculina. Ao considerar que há um jogo de interesses nas relações amorosas, fazendo com que as pessoas possam até mesmo representar as suas emoções a partir de seus interesses, Butler tanto contesta a concepção de amor como uma invenção cultural destinada a manter o domínio dos homens sobre as mulheres, por

admitir a possibilidade de ambos poderem fingir amor e nesse caso vale para os dois sexos, como a concepção de amor romântico.

Sílvio Gallo (2017) apresenta a filósofa marxista húngara contemporânea, nascida em Budapeste, falecida recentemente, Agnes Heller, que só aparece no seu livro didático e era professora na New School for Social Research, em Nova York, Estados Unidos. Heller se dedicou a filosofia de Hegel, à ética e ao existencialismo. Sua voz aparece no item “Trabalhando com Textos”, relativos à questão do preconceito e sua ação no cotidiano. Para isso, o autor coloca um texto da própria Heller intitulado “Sobre os Preconceitos” o qual reproduzimos um pequeno fragmento:

O preconceito é a categoria do pensamento e do comportamento cotidianos. Os preconceitos sempre desempenharam uma função importante também em esferas que, por sua universalidade, encontram-se acima da cotidianidade; mas não procedem essencialmente dessas esferas, nem aumentam sua eficácia; ao contrário, não só a diminuem como obstaculizam o aproveitamento das possibilidades que eles comportam. Quem não se liberta de seus preconceitos artísticos, científicos e políticos acaba fracassando [...].

A maioria dos preconceitos, embora nem todos, são produtos das classes dominantes, mesmo quando essas pretendem, na esfera do para si, contar uma imagem do mundo relativamente isenta de preconceitos. [...] com a ajuda dos preconceitos, apelam à particularidade individual, que – em função de seu conservadorismo, de seu comodismo e de seu conformismo, ou também por causas de interesses imediatos – é de fácil mobilização contra os interesses de sua própria integração [...] (HELLER *apud* GALLO, 2017, p. 239).

A partir dessa citação de Heller podemos talvez inferir, que o pensamento dominante masculino na filosofia usou do artifício e da linguagem do preconceito contra as mulheres ao lhe atribuir estereótipos que visavam reduzir e até mesmo menosprezar suas qualidades intelectuais no exercício da reflexão filosófica, negando-lhes seu lugar histórico na filosofia. Vimos muito isso quando discorreremos sobre o discurso dos filósofos sobre as mulheres, no capítulo um desse trabalho, evitado de gracejos e de um linguajar que desqualificava a produção e a aptidão das mulheres na filosofia.

Outra filósofa somente mencionada por Gallo (2017) em seu livro didático Filosofia – Experiência do pensamento é a doutora em filosofia das ciências belga Isabelle Stengers. A menção a ela ocorre no item um, trabalhando com Textos, que

diz respeito aos “Limites do Conhecimento e da Ciência” e que faz parte da unidade cinco “Problemas Contemporâneos”. No item é incluído um texto da filósofa denominado “Ciência, Interesse e Poder” em que são destacadas as relações entre ciência e política. Nesse texto a pensadora vai afirmar que:

As ciências não são empreendimentos puros, inocentes, vítimas de poderes que desviam o sentido das pesquisas, nem os cúmplices servis dos poderes. O cientista procura interessar àqueles que o ajudarão a fazer a diferença, a criar história, e nenhum limite intrínseco define aqueles a quem ele não deve procurar interessar. [...] A utopia que minha crítica propõe não é a de uma ciência “pura”, “desinteressada”, “sem ideologia” (STENGERS *apud* GALLO, 2017, p. 265).

Entendemos do exposto acima, que o cientista precisa ter a capacidade de despertar o interesse das pessoas sobre aquilo que ele pesquisa, até como forma de obter financiamento e interesse social para suas investigações que necessariamente envolvem questões de natureza política.

Ao trazer essa formulação para o campo da nossa investigação, talvez seja possível perguntar se o afastamento das mulheres do espaço público, por consequência do espaço político não teria sido uma forma de impedir as mulheres de filosofarem uma vez que é da natureza da filosofia o diálogo permanente no espaço público, cujo objetivo é se aproximar cada vez mais da verdade das coisas. Nesse sentido, afastar as mulheres do espaço público é uma forma de torná-las invisíveis impedindo-as de praticarem a filosofia.

Gallo (2017) cita ainda em seu livro Jacqueline Russ. Outra filósofa contemporânea. Brindando-nos com um pequeno fragmento de sua voz nos exercícios da unidade cinco, especificamente no capítulo dois, denominado: “Quais São os Desafios Políticos Contemporâneos?”. Nele o autor dar dicas de como redigir uma dissertação segundo o plano progressivo. Ou seja, trabalhar com uma noção ou um conjunto de noções que vai sendo apresentado segundo diferentes perspectivas. Ou como afirma Russ: “[...] o método progressivo consiste então em construir e produzir, a partir de pontos de vistas diferentes, definições sucessivas da noção ou do conceito considerados, definições cada vez mais complexas e ricas [...]”. (RUSS *apud* GALLO, 2017, p. 289). Gallo nos ensina que devemos ir à busca do conceito. Ou seja, com base no que foi estudado no capítulo do seu livro, tornar viva a prática filosófica.

Juvenal Savian (2016) na unidade três, intitulada “Chaves de Leitura Para o Estudo da História da Filosofia” faz menção, a filósofa Julia Kristeva a qual ele designa como uma pensadora que recebeu influência do estilo pós-moderno em suas obras. A filósofa publicou livros e ensaios que abordam a questão da intertextualidade, categoria da análise de discurso e que estamos intentando explorar em nossa análise do contexto que as filósofas aparecem nos livros.

Arruda e Aranha (2016), em seu livro “Filosofando – Introdução à Filosofia” faz referência a filósofa espanhola Adela Cortina em dois momentos da obra. No primeiro ela surge no capítulo doze: “Moral, Ética e Ética Aplicada” onde as autoras colocam a necessidade da responsabilidade social das empresas de também terem compromisso com o meio ambiente e a sustentabilidade. Pois, nas sociedades democráticas modernas é necessário, segundo Adela Cortina: “[...] incluir o imperativo moral de progredir no reconhecimento efetivo dos direitos humanos, incluído o direito a usufruir um meio ambiente saudável [...]” (CORTINA; MARTÍNEZ *apud* ARANHA; MARTINS, 2016, p. 172).

A outra menção será feita no capítulo dezessete do livro, denominada: “A Construção da Democracia” onde as autoras problematizam no item nove as relações entre Religião e Democracia, em especial, quando se discute a concepção de laicidade do estado que é reafirmada por Adela Cortina, considerando que a supremacia de uma única orientação religiosa provoca distorções numa sociedade plural sendo necessário, portanto, a separação entre Estado e Igreja.

O interessante aqui é observar a preocupação da filósofa com uma ética ecológica do cuidado com o meio ambiente, para preservá-lo as futuras gerações, compreendendo-o como um direito de todos os seres humanos. Talvez essa seja uma forma mais peculiar da razão feminina de pensar a relação da natureza com o progresso sem o caráter predatório que é tão peculiar ao capital e a dominação masculina.

Os autores dos livros didáticos em estudo vão fazer também referências a algumas filósofas brasileiras, todas contemporâneas, que são abordadas com muita brevidade e às vezes só com uma simples menção aos seus nomes. São elas: Gilda de Melo e Souza, Maria Victória Benevides Soares, Marilena Chauí, Olgária Matos, Scarlett Marton e Lídia Maria Rodrigo. Aranha e Martins (2016), autoras do livro “Filosofando – Introdução à Filosofia”, embora não sejam as autoras de livros didáticos que mais citam filósofas, é a que mais faz referência a pensadoras brasileiras.

Gilda de Mello e Souza é citada no item nove da unidade três do livro de Savian (2017), quando se refere à “Filosofia no Brasil”, como uma personagem que criou um pensamento reconhecido por toda comunidade filosófica. O detalhe é que não há nenhuma menção ao que ela pensou no campo da filosofia e nenhum fragmento de texto da filósofa. A referência à filósofa é meramente ilustrativa.

Maria Victória Benevides Soares, mencionada no livro de Aranha e Martins (2016), especificamente no capítulo dezoito sobre os “Direitos Humanos”, no qual se encontra uma citação mais abrangente com direito a um pequeno fragmento de sua voz que diz respeito à chamada “terceira geração dos direitos humanos”. Enfatiza os direitos coletivos que segunda ela: “Referem-se a esses [direitos coletivos] à defesa ecológica, à paz, ao desenvolvimento, à autodeterminação dos povos, à partilha do patrimônio científico, cultural e tecnológico. Direitos sem fronteiras, ditos de solidariedade planetária” (SOARES *apud* ARANHA; MARTINS, 2016, p. 251).

Parafraseando a autora, acrescentaríamos também aos chamados “direitos coletivos”, o direito de as mulheres serem respeitadas como sujeitos pensantes que são de terem sua produção intelectual no campo da filosofia reconhecida pela comunidade acadêmica e filosófica, e de terem uma maior paridade com os homens nas publicações das instituições acadêmicas na área da filosofia. Bem como, os autores e autoras de livros didáticos de filosofia aumentarem a presença das filósofas em seus livros, fomentando aos jovens um maior acesso as suas reflexões. Isso ajudaria a dar mais visibilidade às filósofas, garantindo uma maior representatividade do pensamento feminino, o qual enriqueceria grandemente a filosofia.

Aranha e Martins (2016) referenciam Marilena Chauí em dois momentos. Lembramos que Marilena Chauí é também autora de livro didático de filosofia analisado em nossa pesquisa. A filósofa é citada no capítulo dois cujo título do capítulo é: “As Origens da Filosofia”, no item cinco onde as autoras tratam dos filósofos pré-socráticos, em especial do pensamento de Heráclito de Éfeso, em que o dinamismo de todas as coisas é explicado pelo fogo primordial, símbolo da eterna agitação do devir. Ou como diz a própria filósofa explicando esse fogo primordial: “[...] O fogo primordial – que Heráclito também chama de logos – é aquilo que, por sua própria natureza e força interna, se transforma em todas as outras e é nelas transformado sem cessar” (CHAUÍ *apud* ARANHA; MARTINS, 2016, p. 29).

O outro momento em que a filósofa Marilena Chauí é referenciada se dá no capítulo dezessete do livro, denominado: “A Construção da Democracia”, quando é

abordado no item cinco o lugar do poder na democracia, em que segundo a filósofa: “As determinações constitutivas do conceito de democracia são as ideias de conflito, abertura e rotatividade” (CHAUÍ *apud* ARANHA; MARTINS, 2016, p. 229).

Trazendo a citação de Chauí para o nosso tema, parece-nos que dessas determinações constitutivas da democracia a que a filósofa se refere, só a ideia de conflito é a que tem sido vivenciada pelas mulheres em sua luta pela afirmação de seus direitos, uma vez que o conflito de poderes até mesmo em sociedades democráticas nem sempre é resolvido pela discussão e pelo confronto de ideias, mas às vezes pela resistência radical direta ao patriarcado considerando que há uma heterogeneidade de interesses em luta.

A filósofa Olgária Matos é mencionada por Aranha e Martins (2016) no capítulo onze, denominado: “Filosofia Contemporânea”, no “livro Filosofando – Introdução à Filosofia” das referidas autoras, quando no item treze é abordado o desconstrucionismo do filósofo franco-argelino Jacques Derrida em que é analisada a desconstrução na ética e na política. Aranha e Martins (2016) ao analisar situações de recusa de alteridade, qualidade do que é o outro – aquele que não sou eu, que costumam atingir as mulheres, imigrantes e estrangeiros:

Observa-se que toda exclusão é a negação do diferente, a qual desperta naquele que é negado o sentimento de pária – pessoa à margem de uma sociedade. Como um não cidadão, a relação com o outro não passa de um ‘traço’ do outro em mim. (ARANHA; MARTINS, 2016, p. 154).

Em outro trecho apresenta pequeno texto no qual Olgária Matos diz: “Quando Derrida afirma ter uma única língua e que ela não é sua, mas de um outro, [...] Derrida elabora a condição daquele que está à margem, sem uma referência a uma comunidade política” (MATOS *apud* ARANHA; MARTINS, 2016, p. 154-155).

Fazendo um paralelo com essa formulação descrita acima, a história da resistência das mulheres para se firmarem no campo da filosofia, muitas vezes mostrou a recusa a sua alteridade intelectual por parte dos filósofos, transformando-as em párias e apátridas do conhecimento, ao excluí-las da filosofia e da comunidade política.

Aranha e Martins (2016) menciona ainda a filósofa brasileira Scarlett Marton no item quatro, cujo tema é “Nietzsche: O Critério da Vida”, onde é desenvolvida a

genealogia de Nietzsche – método de decifração que ele propõe para desmascarar o modo pelo qual os valores são construídos - uma vez que para ele: “O critério da vida investiga, no processo do exame genealógico, que sentidos atribuídos às coisas fortalecem nosso “querer-viver” e quais os degeneram” (ARANHA; MARTINS, 2016, p.143). E, continuam mais adiante, agora na voz da filósofa Scarlett Marton:

Fazer qualquer apreciação passar pelo crivo da vida equivale a perguntar se ela contribui para favorecê-la ou obstruí-la; submeter ideias ou atitudes ao exame genealógico é o mesmo que inquerir se são signos de plenitude de vida ou da sua degeneração. (MARTON *apud* ARANHA; MARTINS, 2016, p. 143).

A partir dos elementos acima, cabe aqui uma reflexão, até que ponto os valores construídos pelas sociedades patriarcais ao longo da história para dificultar as mulheres o acesso à vida do intelecto e a filosofia e até mesmo ocultá-las quando a praticavam, não ajudaram a degenerar a própria filosofia, tendo em vista que ao não ter o ponto de vista feminino que seria expresso pelas filósofas, à filosofia acabou se empobrecendo, perdendo potência e a possibilidade de abranger ainda mais a realidade.

Por fim, completando o conjunto das filósofas mencionadas nos livros didáticos pesquisados e apresentadas no quadro que elaboramos, bem como o contexto em que elas foram inseridas pelos autores, apresentamos a filósofa Lídia Maria Rodrigo, cuja menção se dá no livro “Iniciação à Filosofia” de Marilena Chauí (2016), nas “Leituras Filosóficas” da unidade seis, capítulo dezessete, que se intitula a “Origem da Metafísica”. A autora coloca um pequeno texto da filósofa brasileira Lídia Maria Rodrigo, intitulado: “Filosofia e Senso Comum” do qual transcrevemos um pequeno fragmento:

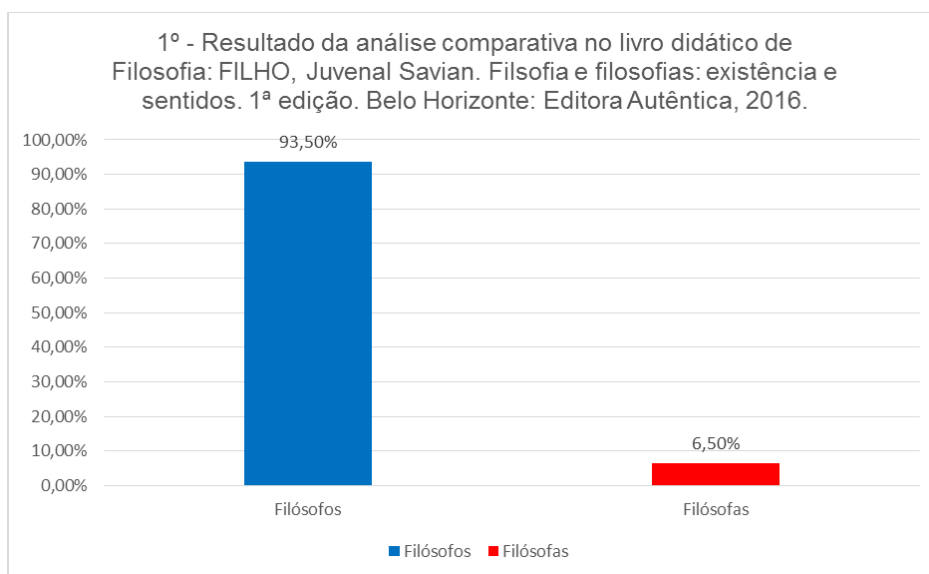
O pensamento antigo opunha opinião (doxa) e ciência (episteme). [...] A oposição entre doxa e episteme foi consagrada por Platão, para quem a opinião, limitando-se ao mundo sensível, reino do devir, constitui o oposto da ciência, conhecimento das essências imutáveis e subsistentes. Daí em diante o desenvolvimento histórico da filosofia, por diferentes formulações, reafirmou inúmeras vezes a distância entre a filosofia e o homem comum, entre o saber filosófico e o senso comum. (RODRIGO *apud* CHAUI, 2016, p. 202).

Essa distinção citada acima, por analogia, nos faz parecer, que de alguma maneira a dominação patriarcal, condenou a maior parte das mulheres a terem meramente opiniões (doxa) ao invés de serem portadoras da ciência (episteme) filosófica. Mas, como vimos ao longo da nossa pesquisa, algumas mulheres resistiram e chegaram ao reino da episteme, e ainda que reduzidas e ocultadas, chegaram também ao reino dos livros didáticos de filosofia.

3.3 ANÁLISE COMPARATIVA EM PERCENTUAL DOS GRÁFICOS DA PARTICIPAÇÃO DAS FILOSOFAS NOS LIVROS DIDÁTICOS EM RELAÇÃO AOS FILÓSOFOS

O primeiro livro a ser analisado é o de Juvenal Savian (2017), cujo título é “Filosofia e Filosofias – Existência e Sentidos”, que apresenta os seguintes dados:

Figura 2 – Análise comparativa no livro Filosofia e filosofias

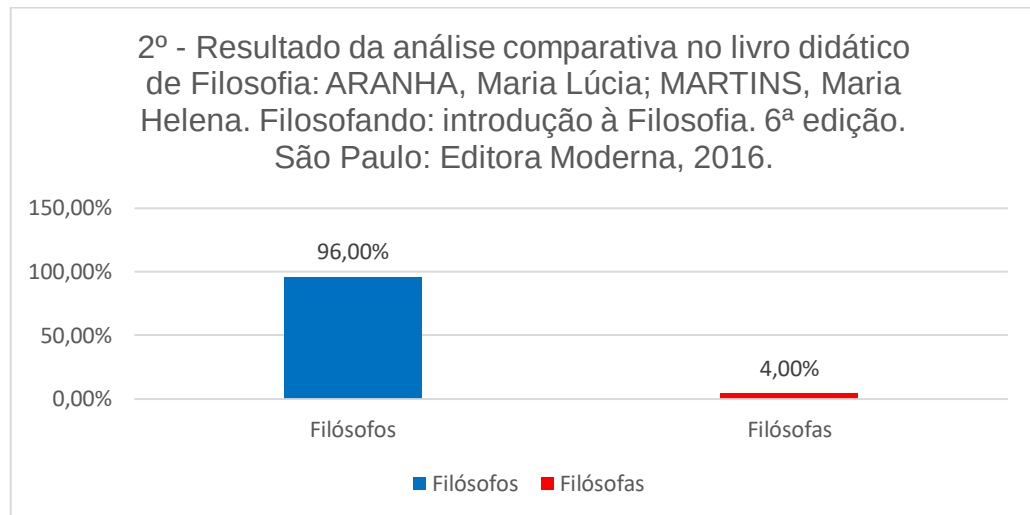


Fonte: O autor, 2019.

Como podemos observar no gráfico acima, apesar desse livro didático ser o que mais apresenta mulheres dentre os quatro livros pesquisados, o percentual de filósofas ainda assim é muito pequeno em relação aos filósofos. A obra de Savian (2016) na coleta de dados que realizamos apresentou 169 (cento e sessenta e nove) filósofos para 11 (onze) filósofas, sendo em termos percentuais o equivalente a 93,50 % de pensadores e apenas 6,50% de pensadoras. A cada 15,3 filósofos citados corresponde apenas 1 (uma) filósofa.

O livro de Martins e Aranha (2016) “Introdução à Filosofia” foi o terceiro livro que mais mencionaram filósofas, apresentando os seguintes dados:

Figura 3 – Análise comparativa no livro Filosofando: Introdução à Filosofia

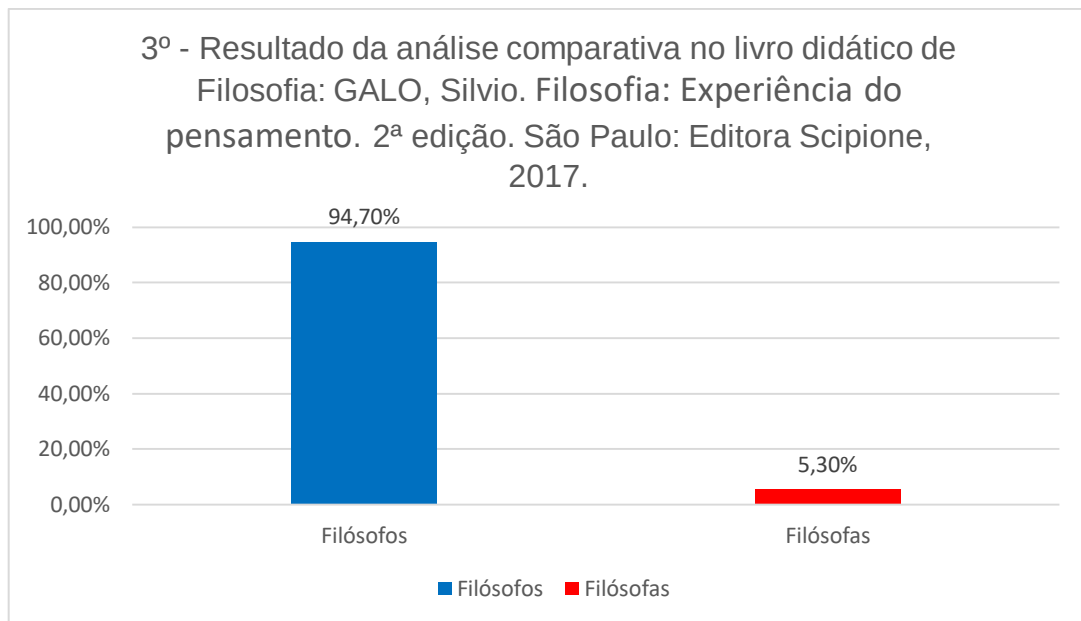


Fonte: O autor, 2019.

O gráfico acima mostra uma desigualdade ainda maior na presença das filósofas em relação aos filósofos. Para chegarmos a esses percentuais, verificamos a presença de 200 (duzentos) pensadores para apenas 8 (oito) pensadoras o que representa um percentual de 96,00% e de 4,00% respectivamente para cada segmento. A cada 25 (vinte e cinco) vozes dos filósofos no livro aparece apenas a voz de 1 (uma) filósofa.

O livro didático de Gallo (2016) “Filosofia: Experiência do Pensamento” apontou os seguintes dados:

Figura 4 – Análise comparativa no livro Filosofia: experiência do pensamento

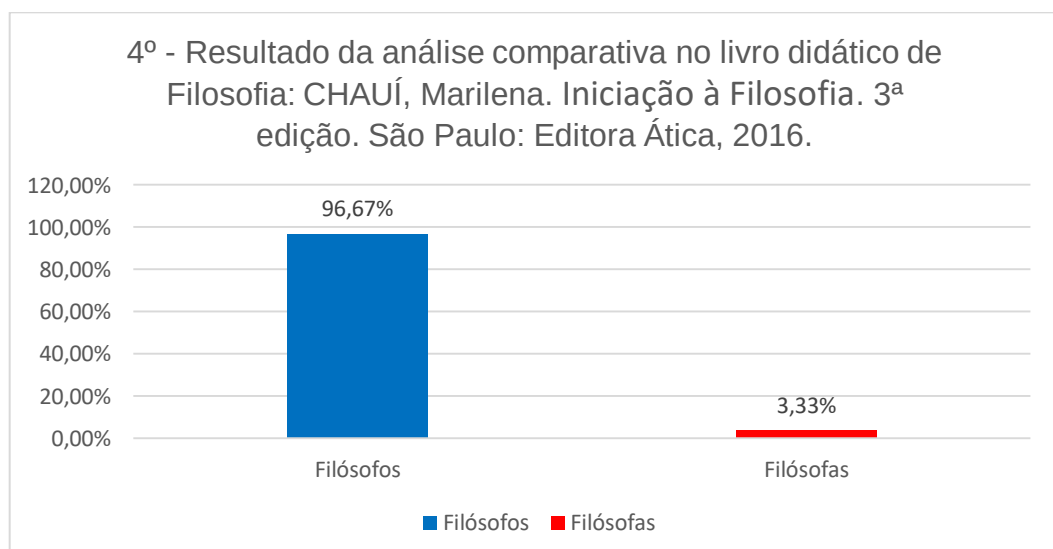


Fonte: O autor, 2019.

Na coleta de dados do livro de Gallo, acima, observamos a presença de 113 (cento e treze) filósofos para apenas 6 (seis) filósofas. Isso significa que a cada 18,8 pensadores que escutamos suas vozes somente a voz de 1 (uma) pensadora é ouvida. Em termos percentuais temos 94,70% de filósofos e 5,30% de filósofas presentes no livro. Esse livro é o que apresenta o segundo maior percentual de filósofas.

O livro de Chauí (2016) “Iniciação à Filosofia” retrata os seguintes dados:

Figura 5 – Análise comparativa no livro Iniciação à Filosofia

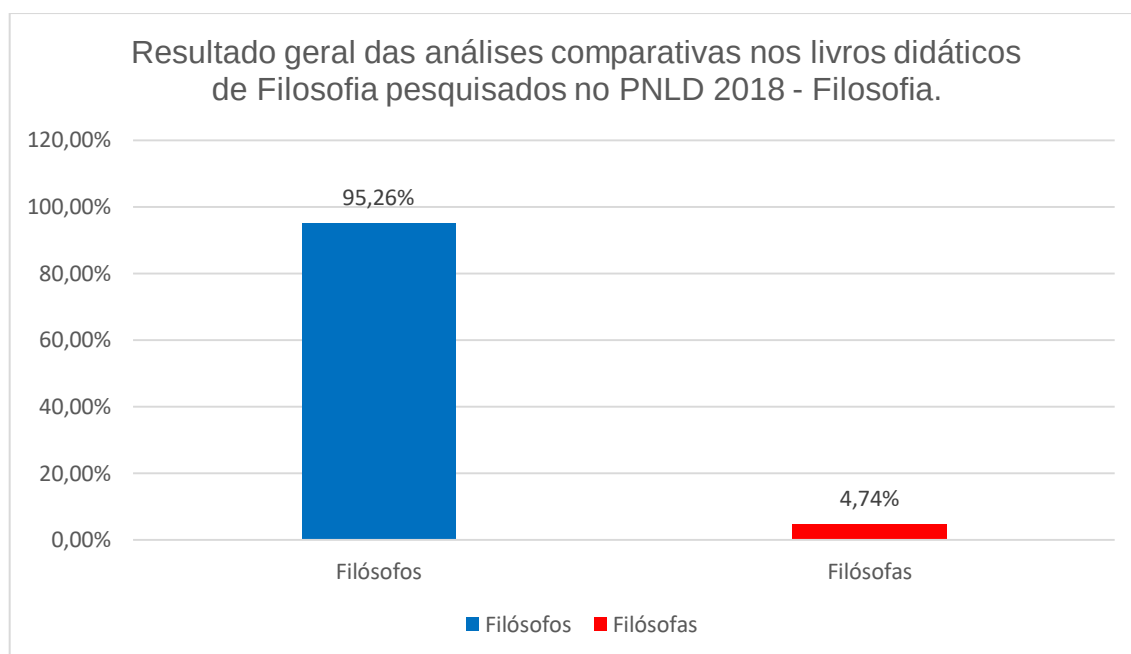


Fonte: O autor, 2019.

No livro de Chauí encontramos as vozes de 150 (cento e cinquenta filósofos) para 5 (cinco) filósofas apenas, o que significa que para cada 30 (trinta) filósofos mencionados temos 1 (uma) única filósofa que aparece. Isso representa um percentual de 96,67% para os pensadores e 3,33% para as pensadoras. Curiosamente, apesar de ter sido escrito por uma filósofa, esse é o livro que apresenta o menor percentual de mulheres filósofas dentre todos os livros pesquisados.

Para finalizar, passaremos a contabilizar o percentual de todos os dados coletados nos quatro livros didáticos pesquisados que estão representados no gráfico abaixo:

Figura 6 – Análise comparativa: Resultado geral



Fonte: O autor, 2019.

A partir dos dados estatísticos apresentados no gráfico acima em percentuais, onde contabilizamos em todos os livros a presença de 632 (seiscentos e trinta e dois) pensadores e 30 (trinta) pensadoras que representam, respectivamente, um percentual de 92,26% de filósofos e 4,74% de filósofas apenas, fica evidente que os livros e didáticos reproduzem a invisibilidade das mulheres filósofas a qual também existe na história da filosofia. Tal invisibilidade ocorre não apenas na quantidade de filósofas referenciadas pelos autores como também no papel secundário atribuído a elas quando são mencionadas nos conteúdos dos livros didáticos.

Passaremos agora ao capítulo que trata do relato de experiência referente a uma disciplina eletiva de filosofia no ensino médio vivenciada em uma escola da rede estadual de Pernambuco sobre as mulheres filósofas.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA COM UMA DISCIPLINA ELETIVA DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO, NA ESCOLA ESTADUAL DE REFERÊNCIA VILA RICA, DENOMINADA “EM BUSCA DAS MULHERES NA FILOSOFIA”

A presente experiência pedagógica surgiu da necessidade de cumprir uma exigência do Mestrado Profissional em Filosofia Núcleo UFPE, de realizar uma intervenção pedagógica na escola no componente curricular filosofia, combinada com os estudos teóricos que foram feitos nas disciplinas do curso, em sintonia, com o objeto de pesquisa de cada docente desenvolvido no programa Proffilo. Assim como, a intenção da secretaria de Educação do Estado de Pernambuco de fazer uma experiência piloto em sete escolas da rede com disciplinas eletivas de todas as áreas do conhecimento, visando antecipar e avaliar uma experiência da aceitação dos “itinerários formativos” que vinham sendo propostos na BNCC por parte dos alunos (as) dessas escolas, considerando que a matrícula nessas disciplinas eletivas seria de livre escolha dos alunos.

Registramos que a presente experiência pedagógica de ensino de filosofia para jovens do ensino médio, a partir de uma comunicação apresentada na I Conferência Estadual de Educação Integral e Profissional de Pernambuco realizado nos dias 25 e 26 de julho de 2018 no Centro de Convenções de Pernambuco, foi considerada uma experiência exitosa por parte da Secretaria de Educação do Estado e com potencial para ser reproduzida nas escolas estaduais no componente curricular de filosofia, sendo selecionada para compor o E-book comemorativo de 10 anos do Programa de Educação Integral e Profissional do Estado de Pernambuco.

O tema investigado na eletiva, em busca das mulheres na filosofia surgiu, a partir das constantes indagações, em especial das alunas do ensino médio, de que os livros didáticos de Filosofia tinham poucas filósofas o que aparentemente, numa leitura simplista, levava a conclusão de que a filosofia não atraía muito as mulheres.

O principal objetivo da experiência foi identificar a presença e a contribuição das mulheres para o desenvolvimento da Filosofia, bem como investigar a participação das mulheres filósofas nos períodos da história da filosofia antiga, medieval, moderna e contemporânea. Além de sensibilizar os alunos e alunas do ensino médio, em relação à questão do gênero feminino e de sua contribuição também ao conhecimento filosófico considerando que elas se encontram pouco visíveis nos

livros didáticos, e ainda de proporcionar a elaboração de material didático para suprir a carência sobre o tema nos livros de Filosofia do ensino Médio e em sala de aula.

Para essa prática pedagógica utilizamos como suporte teórico a obra, *Pedagogia da autonomia – Saberes Necessários a Prática Educativa* de Paulo Freire (2002) onde o autor aponta que, numa experiência educativa, os conhecimentos não podem ser meramente transferidos ao educando, complementando que:

[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos (FREIRE, 2002, p. 13).

Só nessas condições se dará um aprendizado que não é apenas mera transmissão de conteúdos mecanicamente assimilados pelo aluno, mas um processo de aprendizagem em que ele dispõe da liberdade de problematizar os conteúdos e exercer, como sujeito que é também do processo, sua criticidade, reelaborando os conhecimentos adquiridos na experiência pedagógica vivenciada.

Segundo Freire (2002):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2002, p. 14).

É da natureza da prática do educador, a pergunta, a busca pela resposta, o pesquisar para elucidar a curiosidade que nos faz querer saber sobre as coisas do mundo. Essa curiosidade e essa busca por interpretar o mundo também são compartilhadas pelo educando e cabe ao educador inspirar, e através de um método, fomentar nos educandos o desejo de propor soluções e buscar as respostas para os problemas que os inquietam.

Como método para vivenciar essa experiência pedagógica se utilizou a metodologia de Silvio Gallo (2006), que prioriza num curso de filosofia para o ensino médio, a sensibilização, a problematização, a investigação e a produção de conceitos.

No desenvolvimento dessa experiência pedagógica procuramos seguir as recomendações e os três alertas que Gallo (2006) nos faz quando ensinamos filosofia aos jovens do ensino médio:

1. **Atenção ao filosofar como ato/processo:** não podemos tomar a filosofia apenas como um conjunto de conteúdos historicamente construídos para serem transmitidos, passados de geração a geração. Se a filosofia continua viva e ativa, é porque tem sido transmitido às novas gerações também o processo da produção filosófica, de modo que há sempre filósofos novos, produzindo um novo pensamento, dando continuidade a essa história. Assim, ensinar filosofia é ensinar o ato, o processo do filosofar.
2. **Atenção à história da filosofia:** por outro lado, não podemos desprezar dois mil e quinhentos anos de história. Não temos o direito de querer que nossos alunos “reinventem a roda” em filosofia. Para que eles possam aprender o ato de filosofar, é preciso que conheçam a história da filosofia. É preciso que tenham acesso ao conhecimento historicamente produzido, aos modos de produção de filosofia que os vários filósofos foram inventando. Assim, ensinar filosofia é também ensinar história da filosofia.
3. **Atenção à criatividade:** se precisamos estar atentos à história, é necessária, porém uma recusa da tradição para a emergência do novo. Sthéphane Douaillier defende que o ensino de filosofia é uma espécie de “poder de começo”, isto é, qualquer um que se dedica de fato à filosofia, ao filosofar, recomeça a filosofia à sua maneira. Douaillier exemplifica com Platão: ele só pôde surgir como filósofo, produzir seu próprio pensamento, depois da morte de seu mestre, Sócrates. Em poucas palavras: precisamos do mestre, da tradição, para iniciar ao filosofar; mas também precisamos matar o mestre, negar a tradição, para continuarmos a aventura filosófica, para que a mantenhamos viva e ativa (GALLO, 2006, p. 18).

Esses três alertas de Gallo, nos serviram de guia para a execução da experiência pedagógica, ora relatada, porque nos orientou a combinarmos e não desprezarmos o longo saber da História da filosofia ensinado pelas diversas escolas filosóficas existentes no passado, com a capacidade dos alunos elaborarem também seus próprios pensamentos e suas reflexões sobre os ensinamentos da tradição filosófica, colocando-os no centro do ato de filosofar enquanto processo, permitindo-lhes exercer suas próprias ideias e sua criatividade e possibilitando-lhes quando possível, o surgimento da novidade.

Para Gallo (2006), é necessário fazer um percurso para que os alunos: “[...] vivenciem o problema, para que possam efetivamente fazer o movimento da

experiência de pensamento. O problema não pode ser um falso problema ou um problema alheio, externo a eles” (p. 26). Nesse sentido, a nossa experiência pedagógica teve como preocupação, ao escolher o tema da disciplina eletiva, objeto desse relato, de saber se a temática abordada possuía adesão entre os alunos que, eventualmente pudessem expressar e potencializar o desejo de se matricular na eletiva de filosofia que lhes seria ofertada. Acreditamos ter acertado, na medida em que era muito comum a pergunta por parte, sobretudo, das alunas ao longo de anos de vivência com o ensino da filosofia: Onde estão as mulheres na filosofia professor? Estava posto o problema, caberia agora ir em “busca das mulheres na filosofia”.

Passaremos agora a descrever teoricamente os passos que Gallo (2006) prioriza em seu método, que ele denomina de “oficina de conceitos”, para ensinar filosofia aos jovens do ensino médio que adotamos:

O primeiro passo é o que ele chama de **sensibilização** – que consiste em criar uma identificação dos estudantes com o tema a ser estudado, ou seja, fazer com que tomem o tema para si como algo significativo a ser perscrutado. Para isso precisamos apresentar a eles uma experiência estética que fale a sua linguagem, podendo ser utilizados filmes, músicas, poesias, uma gravura, que possibilitem a eles horizontes possíveis de abordagem do problema e que os mantenha motivados para lhe dar solução. Ou como ele próprio afirma: “Trata-se, em outras palavras, de fazer com que os estudantes vivam, “sintam na pele”, um problema filosófico, a partir de um elemento não filosófico” (GALLO, 2006, p. 27).

O segundo passo é a **problematização** - que na realidade se trata de transformar o tema em problema onde os estudantes são levados a propor soluções que é formulado da seguinte maneira por ele:

Podemos, nesta etapa, promover discussões em torno do tema em pauta, propondo situações em que ele possa ser visto por diferentes ângulos e que seja problematizado em seus diversos aspectos. Nesta etapa, estimulamos o sentido crítico e problematizador da filosofia, exercitamos seu caráter de pergunta, de questionamento, de interrogação (GALLO, 2006, p. 28).

O interessante nessa segunda etapa do processo é que ao problematizarem o tema os próprios alunos mediados pelo educador vão construindo possíveis interpretações, desenvolvendo seu senso crítico e propondo formas de apresentação

do resultado de seus estudos e reflexões. Foi dessa forma que através de um consenso se chegou ao formato de exposição itinerante com um quantitativo de vinte banners das mulheres filósofas, vide apêndices, que foram apresentados na culminância da disciplina eletiva, e que se constituiriam num material didático permanente, que poderia ser levado a outras escolas da rede, proporcionando mais visibilidade ao trabalho e as filósofas estudadas, cujo texto, mesmo tendo sido escrito individualmente nos grupos, teria a aprovação de todos, bem como da escolha das filósofas que seriam apresentadas.

A terceira etapa é a **investigação**. Gallo (2006) se refere a ela afirmando que:

Trata-se de buscar elementos que permitam a solução do problema. Uma investigação filosófica busca os conceitos na história da filosofia que podem servir como ferramentas para pensar o problema em questão. [...] nessa etapa da investigação, revisitamos a história da filosofia. Ela não é tomada como o centro do currículo, mas como um recurso necessário para pensar o nosso próprio tempo, nossos próprios problemas (GALLO, 2006, p. 28).

É a partir de uma incursão na História da Filosofia, no nosso caso, identificando as mulheres filósofas que dela participaram que se pode refletir sobre sua contribuição, sobre as causas de sua invisibilidade e de sua ocultação, explicitando o problema colocado e ajudando a solucioná-lo.

Por fim, a quarta e última etapa do método a **conceituação** é assim descrita por Gallo:

Se na investigação pela história da filosofia encontramos conceitos que são significativos para nosso problema, trata-se então de deslocá-los para nosso contexto, recriando-os de forma a apresentarem possíveis soluções; se, por outro lado, não encontramos conceitos que deem conta de nosso problema, certamente encontramos uma série de elementos que nos permitam criar um conceito próprio. Que fique claro então que a criação (ou recriação) do conceito não é uma tarefa impossível: não se cria no vazio, a partir do nada; são os próprios conceitos, colhidos na história da filosofia, ou seus elementos próprios, que nos darão a matéria-prima para nossa atividade de criação ou recriação a partir de nosso próprio problema (GALLO, 2006, p. 29).

Aqui se dá o movimento filosófico propriamente dito que é a criação de conceitos para explicar o problema. É importante registrar que nem sempre os alunos

chegam a esse estágio no percurso do método. Às vezes apenas recriam os conceitos adequando-os as transformações históricas e até mesmo os reproduzem, todavia, isso não se constitui propriamente num elemento que invalida a experiência pedagógica, na medida em que aprender sobre algo será sempre um processo em que a apreensão refletida de determinado conhecimento e determinado método não se dá uniformemente por todos que o vivenciam, face às diferenças sociais, culturais e cognitivas dos alunos.

4.1 METODOLOGIA

Passaremos agora a descrever o lócus onde se deu a experiência pedagógica de nosso relato de intervenção e como se desenvolveram as ações visando atingir o objeto da pesquisa a ser investigado. A partir de um estudo do PPP – Projeto Político Pedagógico da escola campo da pesquisa, documento que norteia as ações pedagógicas e é elaborado com a participação de toda a comunidade escolar referente ao ano de 2018, verificamos que:

A escola de Referência em Ensino Médio Vila Rica, está localizada na Avenida 01 Conjunto Residencial Vila Rica, S/N, CEP 54090.470, Bairro Vila Rica, na cidade do Jaboatão dos Guararapes, cidade situada na região metropolitana de Recife, pertencente à rede estadual de ensino de Pernambuco e foi fundada no ano de 1990 com a nomenclatura do Ensino Fundamental da 1ª a 4ª série e das 5ª e 6ª séries. Ampliando, em 1992, para a modalidade do Ensino Fundamental de 1ª a 8ª séries. Já no ano de 2000 a escola passou a oferecer o Ensino Médio.

O nome da escola “Vila Rica”, segundo consta no PPP, surgiu devido a uma rica e próspera família de usineiros que prosperou rapidamente com o plantio da cana-de-açúcar e que habitavam a área onde hoje está construída a escola.

Em 2010, a Escola foi transformada em Escola de Referência em Ensino Médio, oferecendo à comunidade a modalidade de Ensino Integral. Atualmente é composta por 09 turmas, sendo três turmas com alunos de primeiro ano, três turmas com alunos de segundo ano e mais três turmas com alunos de terceiro ano. Possui em seus quadros 15 professores efetivos, seis contratados e 279 alunos matriculados.

O índice de desenvolvimento educacional do estado de Pernambuco – IDEPE, criado pelo governo de Pernambuco e calculado com base no Sistema de Avaliação da Educação Básica de Pernambuco (SAEPE), que mede anualmente o grau de

domínio dos estudantes nas habilidades e competências consideradas essenciais em cada período de escolaridade avaliado, referente ao último ano de 2017, constatou que a escola obteve de 5,25 de desempenho superando a meta estabelecida que era de 4,75 o que fez com que ela atingisse o cumprimento da meta em 100%, fazendo com que todos os professores fizessem jus ao bônus educacional a ser pago pelo estado no ano de 2018.

A clientela que frequenta a EREM Vila Rica é oriunda de pequenas comunidades localizadas no próprio bairro de Vila Rica e em bairros circunvizinhos como: Boa Esperança, Jardim Belo Horizonte, Lote 92 e de alguns bairros mais distantes, como: Centro, Vista Alegre, Malvinas e Engenho Velho todos localizados na regional (1) um da cidade de Jaboatão dos Guararapes que é a segunda maior cidade do estado de Pernambuco em número de habitantes e em arrecadação de impostos. Essas comunidades apresentam aspectos de muita carência em diversos níveis: socioeconômico, estrutura familiar, moradias, saneamento básico e oportunidades de trabalho. E no que se refere ao acompanhamento escolar, os pais ou responsáveis tem se mostrado relativamente participativos e envolvidos na vida escolar dos estudantes.

O nível socioeconômico da clientela é classe média baixa e classe baixa. Os pais dos alunos, em geral, são profissionais liberais, motoristas, empregada doméstica, diaristas, autônomos e desempregados.

A média da faixa etária atendida é de 13 a 17 anos distribuída nas 1^a, 2^a e 3^a séries do Ensino Médio Integral. As famílias possuem baixa escolaridade, com renda mensal de até um salário mínimo, com mais de 30% da comunidade atendida pelo programa bolsa família. A maioria destas famílias mantém suas atividades de trabalho nas fábricas e no comércio local.

Um fator relevante a ser destacado é o interesse dos estudantes em submeterem-se aos vestibulares, cursos técnicos e estágio em grandes empresas, demonstrando, assim, que os mesmos têm projetos de vida.

A escola em seu Projeto Político Pedagógico (2018) pretende como visão de futuro: Ser reconhecida como referência em educação de qualidade entre as escolas do estado de Pernambuco e tem como missão formar cidadão éticos e solidários, capazes de dirigir suas vidas profissionais e pessoais, contribuindo construtivamente na transformação da sociedade.

A proposta pedagógica da escola tem foco na integração e contextualização. Segundo as dimensões do Ensino Médio (Trabalho, Cultura, Ciências e Tecnologia). A pesquisa é o princípio pedagógico, tendo o educando como protagonista.

Observamos que a preocupação central do Projeto Político Pedagógico (2018) da escola foi desenvolver um trabalho pedagógico consistente, almejando alcançar melhores índices de desempenho nas avaliações interno-externas (SAEPE, ENEM, VESTIBULARES), reduzindo, assim a repetência e a evasão escolar. E o que norteia o trabalho diário da escola são as DCNEB, a BNCC e as instruções normativas do Estado de Pernambuco.

Por pertencer à rede integral de escolas do estado de Pernambuco a Erem Vila Rica se propõe a uma educação com qualidade social, voltada para a formação da cidadania e uma educação baseada na formação humana integral, mediante os seguintes pilares: Aprender a ser, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a aprender.

Dentre os recursos físicos da Escola de Referência Vila Rica encontramos:

Tabela 3 – Espaço físico do EREM Vila Rica

NÚMERO	DEPENDÊNCIAS	OBSERVAÇÃO
09	SALA DE AULA	
01	BIBLIOTECA	
01	SECRETARIA	
01	SALA DO PROFESSOR	
01	SALA DE COORDENAÇÃO E SECRETARIA	
01	SALA DA DIREÇÃO	
01	DEPOSITO DE MERENDA	
01	COZINHA	
01	BANHEIROS DOS PROFESSORES	01 MASCULINO 01 FEMININO
01	BANHEIROS DOS FUNCIONÁRIOS	01 MASCULINO 01 FEMININO
02	BANHEIROS DOS ESTUDANTES	04 MASCULINO 04 FEMININO
01	BANHEIROS PARA PORTADORES DE DEFICIÊNCIA	01 MASCULINO FEMININO
01	BANHEIRO DOS TERCEIRIZADOS	
01	PÁTIO INTERNO	
01	PÁTIO EXTERNO COM AMPLO ESTACIONAMENTO	
01	SALA DE TV COM AUDIO E VÍDEO	
01	LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA	
01	LABORATÓRIO DE QUÍMICA E BIOLOGIA	
01	LABORATÓRIO DE FÍSICA E MATEMÁTICA	
01	LABORATÓRIO DE ARTE	
01	SALA DA BANDA MARCIAL	
01	SALA DO GRÊMIO ESCOLAR	
01	RECEPÇÃO DA ESCOLA	
01	SALA DE ASTRONOMIA/FILOSOFIA	
01	ALMOXARIFADO	
01	SALA DE MATERIAL DE LIMPEZA	

Fonte: O autor, 2019.

4.2 ESTRATÉGIA DE AÇÃO

A presente experiência durou um semestre e se desenvolveu nos períodos compreendidos entre os dias 04/08/ 2017 a 01/12/2017, quando a disciplina eletiva teve a sua culminância e apresentação de seus resultados para toda a comunidade escolar, visitantes de outras escolas da rede, e técnicos educacionais da Gerência Regional Metropolitana Sul do estado de Pernambuco da qual a escola faz parte.

As duas aulas semanais destinadas à disciplina, ocorriam sempre às sextas feiras, e eram ministradas na quarta e quinta aula do período da manhã. O total de aulas disponibilizado no calendário da escola foi de (36 H/A) trinta e seis horas aulas para vivenciar em sua totalidade a disciplina eletiva incluindo a culminância.

A primeira ação executada foi apresentar aos alunos as opções de disciplinas eletivas disponíveis no semestre para suas escolhas. Nesse semestre específico, que deu início a experiência piloto a que nos referimos anteriormente, foram ofertadas uma eletiva de filosofia, uma de artes e uma de robótica. A de Filosofia, objeto desse relato, teve 48 inscritos englobando as turmas de 1º, 2º e 3º anos do ensino médio da escola superando as expectativas, uma vez que para a turma ser formada precisaria de no mínimo vinte alunos matriculados recomendação essa feita pela Secretaria de Educação. Tivemos, pois, que reduzir três alunos para adequar ao espaço físico da sala de aula e as condições pedagógicas, ficando, portanto, a turma com 45 alunos.

Por ser de livre escolha dos alunos, sendo sua matrícula facultativa, consideramos muito importante essa etapa, na medida em que a escolha por parte dos alunos cria uma empatia na origem com a temática da eletiva, fazendo com que os estudantes estejam afetados pelo tema para poderem tomar a iniciativa de se matricular. Essa forma de apresentar a eletiva facilitou bastante o processo de sensibilização, etapa inicial dos procedimentos utilizados para estudar e ir “em busca das mulheres na filosofia” nos diversos períodos de sua história.

Passaremos agora a elencar as ações que foram desenvolvidas para atingir os objetivos com base na metodologia escolhida:

Na etapa do método caracterizada por Gallo (2006) como **sensibilização** - exibimos filmes que tinham como protagonistas as mulheres que deram contribuições a Filosofia e que traziam de alguma forma a temática do feminino no seu enredo. O objetivo do uso de filmes “Trata-se, em outras palavras, de fazer com que os estudantes vivam, “sintam na pele”, um problema filosófico, a partir de um elemento não filosófico” (Pág. 27 Gallo). Por possuímos uma carga horária disponível para a eletiva de trinta e seis horas/aula optamos por exibir os filmes na íntegra para a turma, com o objetivo de não fragmentar o enredo e o conteúdo, e lhes permitir uma visão mais abrangente, possibilitando-lhes a partir do uso da linguagem do cinema uma maior familiaridade com o tema, facilitando assim a problematização. Passamos o filme “Alexandria” que retrata a vida de Hipácia de Alexandria, filósofa pagã que foi a última intelectual a dirigir a biblioteca de Alexandria no Egito, e que deu grandes contribuições a Filosofia de seu tempo. “Em nome de Deus”, filme sobre as relações intelectuais e afetivas do filósofo medieval Pedro Abelardo, com a também filósofa Heloise de Paráclito que aborda de forma muito contundente as limitações sociais que eram impostas as mulheres na idade média.

Utilizamos seis horas/aula da carga horária da disciplina para a exibição dos filmes e dos debates que os sucediam com os alunos. Aqui os alunos eram provocados a se manifestarem sobre o filme, levantarem questões e se pronunciarem sobre de que forma entenderam o contexto histórico, cultural e filosófico do filme e de que maneira isso os afetava e se correlacionava com os dias de hoje. Começávamos a exercitar, ainda em fase embrionária a segunda etapa do método que é a problematização.

Ainda na fase da sensibilização, utilizamos a letra e a música de Chico Buarque “Mulheres de Atenas”, para ilustrar a problemática, que retrata a condição social da mulher na Polis de Atenas onde o pensamento filosófico exerceu grande influência, para estabelecer uma comparação com a condição da mulher em Esparta, outra cidade-estado grega, verificando se a condição social da mulher era a mesma em ambas as cidades. Por se tratar de uma letra muito erudita, os alunos tiveram que pesquisar termos que desconheciam e fazer uma pesquisa do contexto histórico e da condição da mulher nas duas cidades, para estabelecerem o comparativo.

Usamos também a letra e a música “Mulher” de Ana Cañas, cantora e compositora brasileira, uma música contemporânea que trata das muitas possibilidades do ser mulher. Num dos versos da canção ela se refere à mulher da seguinte forma: “Sou preta, sou branca. Sagrada, profana. Sou puta, sou santa. Mulher. Sou gay. Hétero, bi. Dandara. Mulher de Zumbi”. A cantora e compositora possui uma linguagem mais identificada com os adolescentes e observamos na discussão da letra e na receptividade da música por parte dos estudantes uma grande participação no debate que se sucedeu. Considerando que a escola possui um grande contingente de alunos e alunas evangélicos tivemos algumas polêmicas em relação a alguns termos da letra da canção que administramos conjuntamente sem maiores repercussões. Finda essas atividades a turma estava preparada para fazer a transição para a etapa seguinte do método a problematização.

A **problematização** no dizer de Gallo (2006) se dá quando:

[...] estimulamos o sentido crítico e problematizador da filosofia, exercitamos seu caráter de pergunta, de questionamento, de interrogação. Desenvolvemos também a desconfiança em relação às afirmações muito taxativas, em relação às certezas prontas e às opiniões cristalizadas. Quanto mais completa a problematização, mais intensa será a busca por conceitos que possam nos ajudar a dar conta do problema (GALLO, 2006, p. 28).

Problematizar é interrogar, ver as diversas facetas de um tema. Observar de que forma as possíveis nuances do tema se relacionam entre si. Estabelecer comparativos para propiciar um maior entendimento das variáveis que a temática apresenta. Nesse sentido fizemos algumas escolhas como educador que foi avaliar e sugerir a necessidade de uma pesquisa fora dos livros didáticos, na medida em que eles ocultam as filósofas, para que os estudantes pudessem a partir dos dados coletados, estabelecerem seus próprios questionamentos sobre o que iam pesquisando e trazendo para a sala de aula e até mesmo buscar uma identificação com as filósofas encontradas, com o objetivo de dar respostas à pergunta de onde se procurar as mulheres na filosofia e com a finalidade de já os ir preparando, para posteriormente poderem propor que tipos de material didático deveriam produzir como culminância da disciplina.

Após uma pesquisa em sites, blogs, Wikipédia, livros relacionados à filosofia e uma bibliografia sugerida, os alunos foram trazendo dados sobre as filósofas encontradas em seus estudos para que os dados fossem apresentados em sala de aula para o conjunto da turma. Nesse ponto, discutimos e problematizamos a confiabilidade das fontes, o conteúdo da vida e obra dessas filósofas procurando sempre situá-las do ponto de vista dos períodos da história da filosofia e levantando possíveis explicações sobre elas estarem pouco presente nos livros didáticos.

Dividimos a turma em nove grupos de cinco alunos (as) cada para facilitar a interação e organizar melhor a exposição dos resultados de suas pesquisas. Cada grupo passou a ser designado por uma filósofa cuja escolha foi feita pelo próprio grupo. O objetivo aqui era sedimentar cada vez mais a empatia com o objeto que os alunos estudavam. A partir daí as demais etapas do método tiveram esse formato. O total de aulas disponibilizado para essa fase foi de dez horas aula.

Na medida em que os alunos iam expondo o resultado de suas pesquisas, e sendo provocados a problematizarem suas leituras já ia sendo possível vislumbrar algumas possíveis respostas a ocultação dessas filósofas. Para isso, fez-se

necessário um maior esclarecimento sobre conceitos como gênero, dominação patriarcal e uma maior análise sobre o discurso preconceituoso dos filósofos sobre as mulheres. Esses elementos começavam a aparecer, serem identificados e se tornarem significativos como fonte de ocultação das filósofas.

Passamos agora a descrever como se desenvolveu na prática a etapa seguinte do método denominada de **investigação**. Como o próprio Gallo (2006) afirma: “Trata-se de buscar elementos que permitam a solução do problema. Uma investigação filosófica busca os conceitos na história da filosofia que podem servir como ferramentas para pensar o problema em questão” (GALLO, 2006, p. 28).

Nessa etapa, foram destinadas 14 horas aula para atender a demanda de pesquisas, estudos de textos, debates, esclarecimentos de conceitos e exposições dos grupos em sala de aula.

A investigação realizada pelos alunos na história da filosofia revelou que as mulheres filósofas sempre estiveram presentes nos diversos períodos da filosofia o que de certa forma aumentava a inquietação e ao mesmo tempo os motivava na busca de explicações sobre as causas da invisibilidade.

Aqui utilizamos uma série de leitura de textos sobre o tema utilizando o referencial teórico da pesquisa que foram debatidos em sala de aula com os educandos. Nesta atividade continuamos a dividir a turma em grupos de cinco alunos para que pudessem ler e entender os principais conceitos encontrados nos textos, e escolhendo um representante de cada grupo para expor seu conteúdo procurando refletir e extrair alguns itinerários a serem mais bem esclarecidos.

Além das pesquisas de comentadores das filósofas optamos por trabalhar também textos e fragmentos das próprias filósofas, em especial das antigas, com o objetivo de entender um pouco das suas reflexões filosóficas.

Foi utilizado um texto fragmento da obra da filósofa pitagórica Aesara de Lucania que chegou aos nossos dias, do livro “Sobre a Natureza Humana” e outro texto fragmento intitulado “Sobre a Moderação das Mulheres” da também filósofa pitagórica Phintys de Esparta. Os textos foram extraídos da obra “A History of Women Philosophers” Volume um de Mary Ellen Waithe *apud* H.V. Piovezani que os traduziu.

No fragmento “Sobre a Natureza Humana”, Aesara de Lucania afirma que:

A natureza humana parece-me propiciar um padrão de lei e justiça tanto para o lar como para a cidade. Ao seguir as trilhas dentro de si mesmo, qualquer um que busque fará uma descoberta: a lei e a justiça estão dentro dele e são o arranjo ordenado da alma. Sendo tripla, a alma é organizada de acordo com triplas funções: aquela que realiza o julgamento e o pensamento é a mente; aquela que realiza a força e a habilidade é o espírito elevado e aquela que realiza o amor e a bondade é o desejo. Estas estão de tal forma dispostas em relação umas às outras, que a melhor parte está no comando, a mais inferior é governada e aquela intermediária mantém-se no meio e tanto governa como é governada (AESARA *apud* PIOVEZANI, 2016, p. 75).

A partir da leitura desse texto fragmento de Aesara de Lucania estabelecemos um comparativo sobre a forma como Platão entendia a natureza da alma na medida em que o filósofo grego falava de uma alma que estava aprisionada ao corpo e se dividia também em três partes: A alma racional responsável pelo raciocínio que é capaz de discernir o que é bom e o que é mau e que através do pensamento tem a faculdade de se orientar para a verdade, a bondade e a justiça controlando os impulsos do corpo. A alma concupiscível ou irracional que comanda os impulsos, os desejos e as necessidades do homem e a alma irascível que se indigna e luta pela justiça da razão e funciona como auxiliar da alma racional.

No debate que fizemos com os alunos a partir desse comparativo pareceu-nos ficar evidente a aproximação entre a interpretação de Aesara de Lucania sobre a natureza da alma humana e as interpretações de Platão. Essa constatação foi evidenciada por vários alunos nas intervenções dos grupos.

Em relação ao texto de Phintys de Esparta “Sobre a Moderação das Mulheres” a filósofa afirma que:

Talvez muitos pensem que não é apropriado para uma mulher filosofar, assim como não é apropriado a uma mulher andar a cavalo ou falar em público. Mas eu penso que algumas coisas são peculiares ao homem, algumas à mulher, algumas são comuns a ambos, algumas pertencem mais ao homem do que à mulher, algumas mais a mulher do que ao homem.

Peculiares ao homem são o servir em batalhas, a atividade política e o falar em público. Peculiares à mulher são permanecer no interior do lar, receber e servir seu marido. Mas eu digo que a coragem, a justiça e a sabedoria são comuns a ambos [...] (PHINTYS *apud* PIOVEZANI, 2016, p. 81).

O fragmento texto de Phintys de Esparta pode ser interpretado pelas mulheres feministas emancipadas contemporâneas com certa frustração, por transparecer e reforçar a ideia de uma mulher submissa ao homem, e com atribuições muito restritas fora do espaço doméstico. Todavia, não podemos esquecer que estamos lendo um texto de uma mulher que viveu por volta de 400 A.C, numa sociedade caracterizada por uma forte dominação dos homens que, não obstante, foi capaz de refletir sobre semelhanças e diferenças entre os gêneros e de identificar a sabedoria, objetivo de todos que se dedicam a filosofia, como possível de ser compartilhada por homens e mulheres indistintamente. A filósofa espartana vai mostrar que a moderação é uma característica intrínseca a mulher e vai colocar a ética como eixo central do filosofar.

Foi interessante notar na discussão com os alunos sobre o texto fragmento de Phintys de Esparta, que muitas alunas se identificaram com a atribuição das mulheres mais restrita as atividades do lar como defendia a filósofa na sua época, e outra parte que fez profundas críticas a essa concepção por parecerem ter um maior aprofundamento no conhecimento do debate feminista contemporâneo. Isso só vem ressaltar o amalgame, ou seja, a mistura de elementos diversos que é a sala de aula, em que concepções diferentes se confrontam cotidianamente.

Nessa etapa da conceituação utilizamos seis horas aula da carga horária destinada à disciplina, incluindo a culminância que é o momento em que o material pedagógico produzido, bem como os conhecimentos adquiridos são apresentados a comunidade escolar pelos alunos. Passaremos agora a explicar como se deu a etapa denominada de conceituação ou produção de conceitos na prática da sala de aula:

Gallo (2006) sobre essa etapa do método nos adverte que:

Uma vez mais é importante dizer que não estamos em busca da originalidade; o que queremos é que os estudantes possam vivenciar a experiência de pensamento. E é isso que deverá ser avaliado: a qualidade da experiência, e não o fato de um conceito absolutamente novo ter sido ou não criado, e não a qualidade do conceito criado ou recriado ou apropriado (GALLO, 2006, p. 26).

Considerando que a experiência que estávamos vivenciando em sala de aula tratava-se de um tema até certo ponto incomum para os educandos, ou seja, a presença/ausência das mulheres na filosofia e eventualmente de elas terem dado contribuições à filosofia apesar de elas terem sido invisibilizadas. Chamou-nos a

atenção a formulação feita por um dos grupos que remete a uma concepção dialética da filosofia ao constatarem a partir dos estudos feitos que seja um fato que as filósofas existem e estão presentes na História da filosofia numa quantidade relativamente substancial, todavia, essa presença é encoberta intencionalmente pelos filósofos e historiadores da filosofia na medida em que não lhes fazem a devida menção de que elas são merecedoras tornando-as, nesse sentido, invisíveis. Com essa formulação, os alunos desse grupo em especial, demonstraram uma compreensão mais apurada do processo dialético na filosofia ao identificar a presença/ausente das mulheres na construção do saber filosófico. Embora não possamos considerar essa formulação propriamente como uma construção de conceitos dos alunos que vivenciaram a disciplina, em virtude do conceito de dialética ser por demais pensado e repensado na filosofia, há que se atribuir méritos a eles por terem tido a capacidade de ter refletido e adequado, um conceito de um grau elevado de complexidade até mesmo para estudiosos mais experientes, a uma situação particular, explicitado através da denominada presença/ausência, termos opostos, para caracterizar a condição das filósofas mulheres na história da filosofia. Esse nos parece um exemplo de termos obtido algum êxito, na medida em que nos indica que os estudantes vivenciaram aquilo que Gallo chama de experiência do pensamento apesar das limitações que toda prática pedagógica comporta.

Todo o processo experienciado nesse relato foi finalizado com a culminância da disciplina, onde algumas alunas se caracterizaram com figurinos da época de cada filósofa, e se posicionavam ao lado dos banners das filósofas (ver apêndices) expostos no pátio da escola para que pudessem apresentar aos visitantes da exposição seus conhecimentos de cada filósofa estudada, cujo público era composto de alunos e alunas da própria escola, pais de alunos, visitantes de outras escolas da rede estadual, de técnicos educacionais da Gerência Regional Metropolitana Sul e da Secretaria de Educação do Estado.

Desde a primeira exposição, o material didático produzido para essa exposição, composto de faixa e vinte banners de filósofas (ver apêndices) de todos os períodos da história da filosofia e caracterizado de exposição itinerante, vem sendo solicitado para apresentações em escolas da rede estadual e municipal, e essa experiência vem sendo compartilhada, no componente curricular filosofia, pelo professor que a conduziu nos diversos espaços de capacitação profissional da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, através de comunicações orais e oficinas,

sendo o mais recente durante a II Mostra de Experiências Exitosas Práticas Inovadoras na Escola: Um Caminho Possível realizado no dia 05 de dezembro de 2018, na UNIBRA Recife-Pe.

5 CONCLUSÃO

Essa experiência pedagógica que desenvolvemos na Escola de Ensino Médio Vila Rica na cidade de Jaboatão dos Guararapes foi extremamente enriquecedora, tanto para o educador que a promoveu quanto para os alunos que dela participaram. Isso ficou demonstrado através dos questionários avaliativos que disponibilizamos ao termo de cada etapa concluída. Observar o engajamento com que as atividades foram realizadas por eles, o grau de comprometimento com o roteiro pedagógico que foi traçado conjuntamente, poder verificar certo grau de empoderamento juvenil por parte das adolescentes frutos dos debates, estudos e elaborações teóricas vivenciadas ao longo da disciplina que resultou da ênfase dada ao protagonismo das mulheres filósofas, faz com que possamos acreditar cada vez mais no potencial dos nossos jovens e na capacidade que eles possuem de serem ativos no processo de ensino-aprendizagem na escola e de participarem de experiências pedagógicas exitosas.

Muitas dificuldades foram encontradas ao longo do processo, muitas delas fruto da heterogeneidade cultural, social e cognitiva de que a juventude que frequenta as escolas públicas é possuidora. Mas, cabe a nós como educadores comprometidos nos lembrar sempre do que nos diz com tanta verdade Paulo Freire (2002):

Entre nós, mulheres e homens, a inconclusão se sabe como tal. Mais ainda, a inconclusão que se reconhece a si mesma, implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca. Histórico-sócio-culturais, mulheres e homens nos tornamos seres em quem a curiosidade, ultrapassando os limites que lhe são peculiares no domínio vital, se torna fundante da produção do conhecimento. Mais ainda, a curiosidade é já conhecimento. Como a linguagem que anima a curiosidade e com ela se anima, é também conhecimento e não só expressão dele (FREIRE, 2002, p. 23).

Seria demasiado frustrante ao descrever uma experiência educativa como esse falar só de sucesso e metas atingidas, quando sabemos da natureza inconclusa de nós seres humanos, e mais ainda desconhecer que os obstáculos são ensinamentos para que possamos superá-los, possibilitando que a nossa curiosidade se mantenha aguçada para dar novas soluções a situações inéditas que sempre aparecem no caminho do conhecimento.

Aconteceram dias em que as aulas na escola foram monótonas, e outros que foram uma efervescência de diálogos, novidades e reflexões. Mas, ouvir das alunas que o estudo das mulheres filósofas criou uma empatia maior com a disciplina de filosofia e que a partir desse estudo elas começaram a se identificar mais com o saber filosófico, já é suficiente para o êxito do trabalho desenvolvido nessa experiência de pensamentos compartilhados. Pois, como afirma Matos (2015), se referindo a escola como uma coletividade de aprendentes:

A escola é um locus privilegiado de produção e reprodução de múltiplos discursos: políticos, jurídicos, morais, religiosos etc. Como tal, é uma realidade marcada por ideologias diversas que justificam determinados processos de formação da pessoa humana. É um processo sociopolítico-pedagógico, caracterizado por uma tradição, instalado num presente e lançado num futuro (MATOS, 2015, p. 33).

Tomamos a iniciativa de transformar o nosso locus privilegiado em um processo sociopolítico-pedagógico que procurasse iniciar os adolescentes do ensino médio no estudo das mulheres filósofas com o objetivo de retirá-las da invisibilidade a que foram relegadas pela tradição androcêntrica da filosofia. Acreditamos ter atingido o objetivo e de ter lançado uma centelha para o futuro.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar ao longo de toda a nossa pesquisa que as mulheres filósofas sofreram uma dupla invisibilidade, tanto na história da filosofia como também nos livros didáticos. Procuramos demonstrar que a pouca presença delas no cânone filosófico e nos livros didáticos de filosofia adotados nas escolas de ensino médio não se deu por falta de interesse das mulheres pelo conhecimento filosófico e pelo exercício do filosofar, na medida em que elas sempre se interessaram pela filosofia desde a sua origem, e quando aprofundamos a investigação as encontramos em todos os períodos da filosofia.

Na verdade, o que ocorreu foi um violento processo de ocultação da produção filosófica das mulheres, uma enorme violência simbólica, realizada por uma forte tradição de dominação patriarcal presente na formação da sociedade ocidental desde seu início, que sempre privilegiou os homens em detrimento das mulheres. Pudemos demonstrar isso, quando verificamos que não obstante a forte influência patriarcal na sociedade grega, berço da filosofia, as vozes de Aspásia de Mileto, Diótima de Mantinea, Phyntis de Esparta, Hipátia de Alexandria e outras filósofas ecoaram e apesar da invisibilidade forçada, chegaram aos nossos dias.

Como nos afirma Tiburi (2016) corroborando com a formulação acima:

O mundo patriarcal não promoveu o diálogo entre os gêneros que ele mesmo construiu. O patriarcado opressor sempre foi a verdadeira 'ideologia de gênero'. Nessa ideologia, os homens em geral sempre trataram as mulheres como incapazes para o conhecimento e o poder [...] A misoginia, por sua vez, foi o sustentáculo, uma espécie de lastro que autorizava o comportamento contra o diálogo e a favor de toda essa violência (TIBURI, 2016, pp. 48-49).

Aliado a essas características, outra causa que explica a pouca presença das mulheres na filosofia, a qual procuramos demonstrar em nossa pesquisa, foi um discurso quase uníssono dos filósofos, e o modo como eles representaram as vozes das mulheres, procurando desqualificar as que enveredaram pelo campo da filosofia, atribuindo a elas uma suposta inabilidade para lidar com as questões filosóficas, fazendo inclusive piadas depreciativas com aquelas que se dedicavam a filosofia. Como afirma Ferreira (2010) sobre os filósofos: "Por vezes, as teses que defendiam sobre a natureza humana e a condição feminina contradiziam mesmo o sistema global

que tinham edificado” (FERREIRA, 2010, p. 10). O fato é que os filósofos têm responsabilidade sobre o silenciamento e a ocultação que as mulheres sofreram ao longo da história da filosofia.

Em sua obra “As Mulheres na Filosofia”, Ferreira (2009) nos provoca ao constatar que:

Muitos temas novos surgiram no panorama filosófico do séc. XX, desmentindo os defensores de uma filosofia perene, para os quais tudo de importante já foi pensado e dito. Alguns novos filosofemas inscrevem-se num paradigma que muito deve a contributos femininos – o cuidado. Circunscritas durante séculos a privacidade de um espaço doméstico, as mulheres nele aprenderam determinados valores que hoje pretendem transpor para o domínio público, reivindicando para si, e para todos, uma maneira diferente de estar no mundo (FERREIRA, 2009, pp. 32-33).

Talvez esteja aqui, no exercício de uma ética do cuidado, aprendido na reclusão da privacidade do espaço doméstico, que as mulheres tenham uma contribuição decisiva a dar ao vasto campo do saber filosófico. Sabemos o quanto o mundo, as pessoas e a vida de um modo geral estão precisando de cuidados nesse tempo estranho em que vivemos.

O fato é que de certa forma os autores e autoras dos livros didáticos de filosofia do ensino médio acabaram reproduzindo o falso discurso da incapacidade das mulheres para o filosofar proclamado pelos filósofos da tradição presente em toda a história da filosofia, na medida que por omissão, incompreensão ou talvez até mesmo convicção, não ousaram dar um maior destaque a contribuição das mulheres filósofas em suas obras didáticas de filosofia.

Acreditamos ter concluído a tarefa a que nos propusemos quando iniciamos esta investigação, tendo em vista que a intenção foi o de acender uma pequena fagulha que possa desafiar outros pesquisadores a percorrer o caminho de resgatar a contribuição que as filósofas deram em todas as épocas na construção do grande edifício do saber comumente chamado de filosofia ocidental.

REFERÊNCIAS

ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo?**. Rio de Janeiro: Abril Cultural / Brasiliense, 1986.

ARANHA, M. L. D. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: Introdução à Filosofia, Volume Único. 6ª. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

BEAUVOIR, S. D. **O segundo sexo a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, S. D. **O segundo sexo fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BERQUÓ, T. A. Aspásia de Mileto: Mulher e Filosofia na Atenas Clássica I. In: PACHECO, J. **Filosofas**: A presença das mulheres na filosofia. Porto Alegre: Fi, 2016. p. 28-43.

BERQUÓ, T. A. Diótima de Mantinéia: Mulher e filosofia na Atenas clássica II. In: PACHECO, J. **Filósofas**: A presença das mulheres na filosofia. Porto Alegre: Fi, 2016. p. 44-63.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARVALHO, M. D. P. F. D. S. D. As observações kantianas sobre o belo sexo. In: TIBURI, M.; MENEZES, M. D.; EGGERT, E. **As Mulheres e a Filosofia**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002. p. 47-67.

CHAUÍ, M. **Iniciação à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2016.

DUPUIS, M. **Orar 15 dias com Edith Stein**. Aparecida: Santuário, 2017.

EREM VILA RICA. **Projeto Político Pedagógico**. Jaboatão: [s.n.], 2018.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.

FERREIRA, M. L. R. **As mulheres na filosofia**. Lisboa: Colibri, 2009.

FERREIRA, M. L. R. **O que os filósofos pensam sobre as mulheres**. São Leopoldo: UNISINOS, 2010.

FERREIRA, M. L. R.; AMARAL, M. G. Faces de Eva. **Estudos Sobre a Mulher**: As mulheres e a filosofia, Lisboa, v. 36, p. 123-131, Dezembro 2016. ISSN 0874-6885.

FILHO, J. S. **Filosofia e filosofias existência e sentidos**. Belo Horizonte: autêntica, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GALLO, S. **A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade**. ETHICA, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 17-35, 2006.

GALLO, S. **Filosofia experiência do pensamento**. São Paulo: Scipione, 2017.

GALLO, S. **Metodologia do ensino de filosofia uma didática para o ensino médio**. Campinas: Papirus, 2012.

GLEICHAUF, I. **Mujeres filósofas en la historia: desde la antigüedad hasta el siglo XXI**. Barcelona: Icaria, 2010.

KANT, I. **Textos Seletos**. Petropolis: Vozes, 2005.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARIZ, D. **Reflexões acerca do corpo do trabalhador no pensamento da filósofa francesa Simone Weil**. Terapia Ocupacional, São Paulo, v. 25, p. 194-198, Maio 2014. ISSN 2238-6149.

MATOS, J. C. **Dialogação Filosofia da Educação**. Curitiba: CRV, 2015.

MÉNAGE, G. **Historia de Las Mujeres Filósofas**. Barcelona: Herder, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **PNLD 2018: filosofia – guia de livros didáticos**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

OLIVEIRA, L. **10 lições sobre Hannah Arendt**. Petrópolis: Vozes, 2012.

PACHECO, J. **Mulher e Filosofia: As relações de gênero no pensamento filosófico**. Porto Alegre: FI, 2015.

PATEMAN, C. **O contrato Sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: contexto, 2008.

PINHEIRO, M. E.; EGGERT, E. Hildegarda de Bingen: As autorias que anunciam possibilidades. In: PACHECO, J. **Filósofas: A presença das mulheres na filosofia**. Porto Alegre: Fi, 2016. p. 84-101.

PIOVEZANI, H. V. **As mulheres na filosofia: A antiguidade**. Belo Horizonte: Nova Acrópole, v. I, 2016.

PIOVEZANI, H. V. **As Mulheres na Filosofia: Idade Média e Renascença**. Belo Horizonte: Nova Acrópole, v. II, 2016.

RESENDE, V. D. M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso Crítico**. São Paulo: Contexto, 2006.

SAGAN, C. **Cosmos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

SILVA, Itamar Nunes da. **Educação em Direitos Humanos: Reverberação do discurso da diversidade nas escolas da rede pública estaduais de Pernambuco**. Recife: UFPE 2015.

TIBURI, M. **As mulheres e a filosofia como ciência do esquecimento**. Marcia Tiburi, 2003. Disponível em: <http://www.marciatiburi.com.br/textos/asmulheres.htm>. Acesso em: 14 dez. 2018.

TIBURI, M. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TIBURI, M.; MENEZES, M. D.; EGGERT, E. **As mulheres e a filosofia**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

TIBURI, M.; MENEZES, M. D.; EGGERT, E. **As Mulheres e a Filosofia**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

VALLE, B. O feminino e a representação da figura da mulher na filosofia de Kant. In: TIBURI, M.; MENEZES, M. D.; EGGERT, E. **As Mulheres e a Filosofia**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002. p. 69-90.

WAITHE, M. E. **A history of women philosophers**. Boston: Martinus Nijhoff Publishers, 1987.

WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. São Paulo: Unb, v. II, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A – FAIXA DA EXPOSIÇÃO



APÊNDICE B – BANNER 1: OLYMPE DE GOUGES (1748 – 1793)

Φ

OLYMPE DE GOUGES (1748 – 1793)

* Lutou pela igualdade de gênero no período da Revolução Francesa. Naquela época, durante o processo revolucionário, pregava-se a liberdade, igualdade e a fraternidade, principais lemas da revolução.

* Esses direitos não incluíam a todos, principalmente as mulheres. Ela lutou pela conquista da igualdade de gênero, exigindo o direito a cargos públicos e ao voto para as mulheres.

* Foi uma das primeiras mulheres a dedicar-se à causa antiescravagista, sendo por isso, presa pela primeira vez.

* Em 1789, foi publicada a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão que buscava direitos sociais mais igualitários.

* Isso influenciou a Gouges, a escrever a Declaração dos Direitos da Mulher e da cidadã fazendo desse documento um marco na busca pela igualdade de gênero.

* Foi acusada, por aqueles que se diziam defensores da liberdade, pois a julgaram de ter querido ser homem e ter esquecido as verdadeiras virtudes específicas do seu sexo. No ano de 1793 foi decapitada.



Organização Profª. Iran Mendes

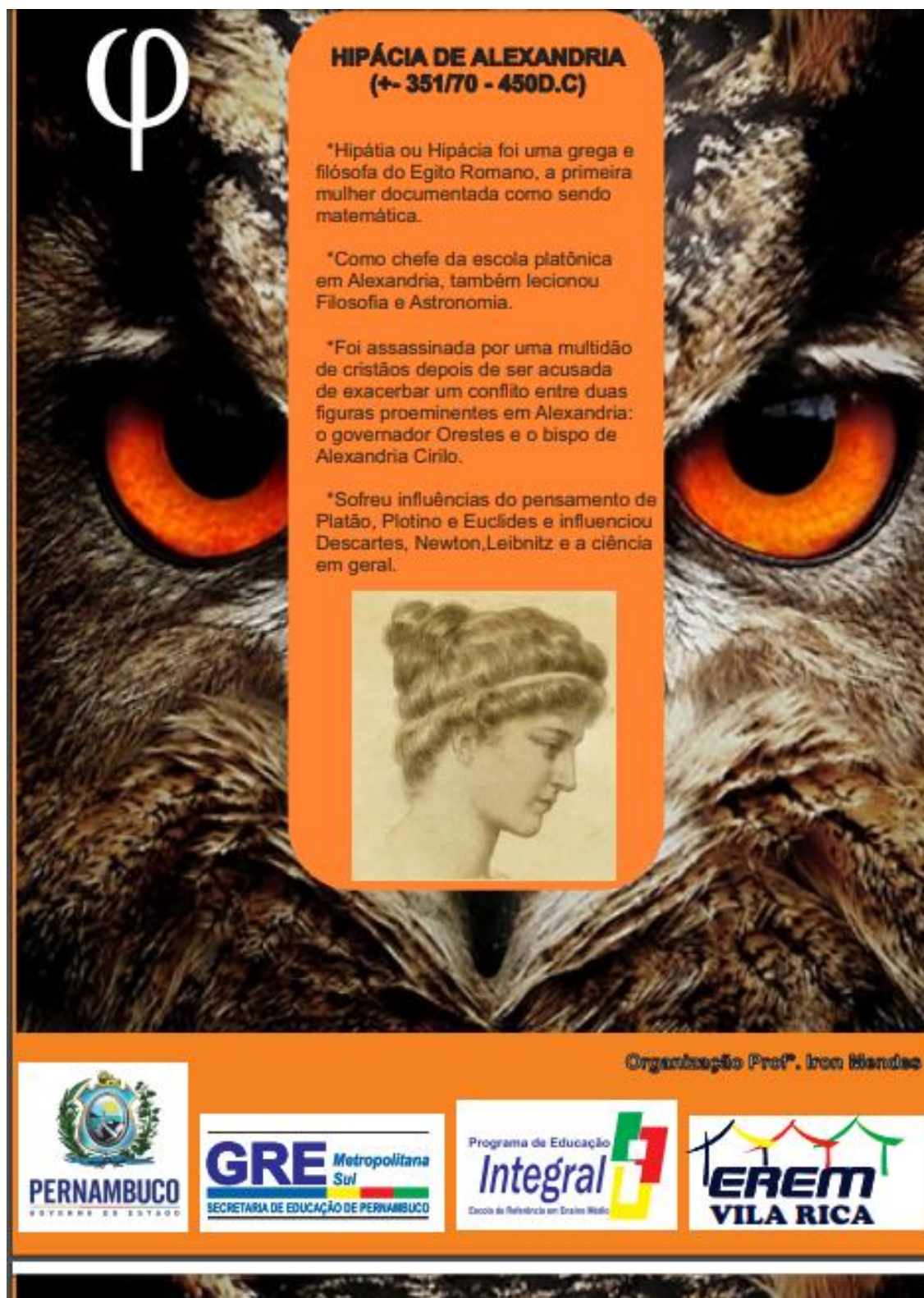

PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO


GRE Metropolitana Sul
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO


Programa de Educação
Integral
Escola de Referência em Ensino Médio


EREM
VILA RICA

APÊNDICE C – BANNER 2: HIPÁCIA DE ALEXANDRIA (+- 351/70a.C. – 450d.C.)



φ

HIPÁCIA DE ALEXANDRIA
(+- 351/70 - 450D.C)

*Hipátia ou Hipácia foi uma grega e filósofa do Egito Romano, a primeira mulher documentada como sendo matemática.

*Como chefe da escola platônica em Alexandria, também lecionou Filosofia e Astronomia.

*Foi assassinada por uma multidão de cristãos depois de ser acusada de exacerbar um conflito entre duas figuras proeminentes em Alexandria: o governador Orestes e o bispo de Alexandria Cirilo.

*Sofreu influências do pensamento de Platão, Plotino e Euclides e influenciou Descartes, Newton, Leibnitz e a ciência em geral.



Organização Profª. Iraci Mendes


PERNAMBUCO
ESTADO DE PERNAMBUCO


GRE Metropolitana Sul
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO


Programa de Educação
Integral
Escola de Referência em Ensino Médio


EREM
VILA RICA

APÊNDICE D – BANNER 3: SARAH KOFMAN (1934 – 1994)

Φ

**SARAH KOFMAN
(1934 - 1994)**

*Filósofa francesa, uma das mais significativas pensadoras do pós guerra, na França.

*Autora de mais de vinte livros, incluindo várias obras sobre Freud e psicanálise, Nietzsche, feminismo e o papel das mulheres na filosofia ocidental, nas artes visuais e na literatura.

*Filha de judeus poloneses imigrantes e tendo perdido seu pai no Holocausto, Kofman também se interessou pelo judaísmo e pelo antissemitismo, especialmente na literatura e na filosofia.

*Sem motivos aparentes, aos sessenta anos, matou-se ingerindo uma overdose de soníferos no 150º aniversário de Nietzsche.

Organização Prof. Ivan Mendes

PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

GRE Metropolitana Sul
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO

Programa de Educação
Integral
Escola de Referência em Ensino Médio

EREM
VILA RICA

APÊNDICE E – BANNER 4: ANGELA DAVIS (1944)



φ

ANGELA DAVIS (1944)

*Filósofa socialista americana que alcançou notoriedade mundial na década de 1970 por sua militância pelos direitos das mulheres e contra a discriminação social e racial, e por ser personagem de um dos mais polêmicos e famosos julgamentos criminais da recente História dos Estados Unidos.

*Nasceu no estado do Alabama, um dos mais racistas do sul dos Estados Unidos e desde cedo conviveu com humilhações de cunho racial em sua cidade. Leitora voraz quando criança, aos 14 anos participou de um intercâmbio colegial que oferecia bolsas de estudo para estudantes negros sulistas em escolas integradas do norte dos país, o que a levou a estudar em Nova York, onde travou conhecimento com o socialismo teórico, sendo recrutada para uma organização comunista de jovens estudantes.

*Na década de 1960, tornou-se militante e participante ativa dos movimentos negros e feministas que sacudiam a sociedade norte-americana da época, de movimentos e organizações políticas como o Black Power e as Panteras Negras.



Organização Profª. Iren Mendes


PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO


GRE Metropolitana Sul
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO


Programa de Educação
Integral
Escola de Referência em Ensino Médio


EREM
VILA RICA

APÊNDICE F – BANNER 5: HILDEGARDA DE BINGEN (1098 – 1179)



**HILDEGARDA DE BINGEN
(1098 - 1179)**

*É uma santa e doutora da Igreja Católica. Seus vários e extensos escritos mostram que ela possuía uma concepção mística e integrada do universo.

* Além de mística, filósofa, teóloga e pregadora, foi poetisa e compositora talentosa, deixando obra de vulto e original. Também fez muitas observações de natureza com uma objetividade científica até então desconhecida.

* Foi a primeira de uma longa série de mulheres influentes tanto na religião como na política, e uma representante típica da aristocracia cultural beneditina. Orgulhosa de pertencer a uma elite social e espiritual mostrou-se, no entanto, humilde e submissa a Deus.

*Depois de um longo período de obscuridade, sua vida e obra vêm recebendo atenção crescente desde a Segunda metade do século XX; seus escritos começaram a ser traduzidos para várias línguas.



Organização Prof. Iron Bezudes

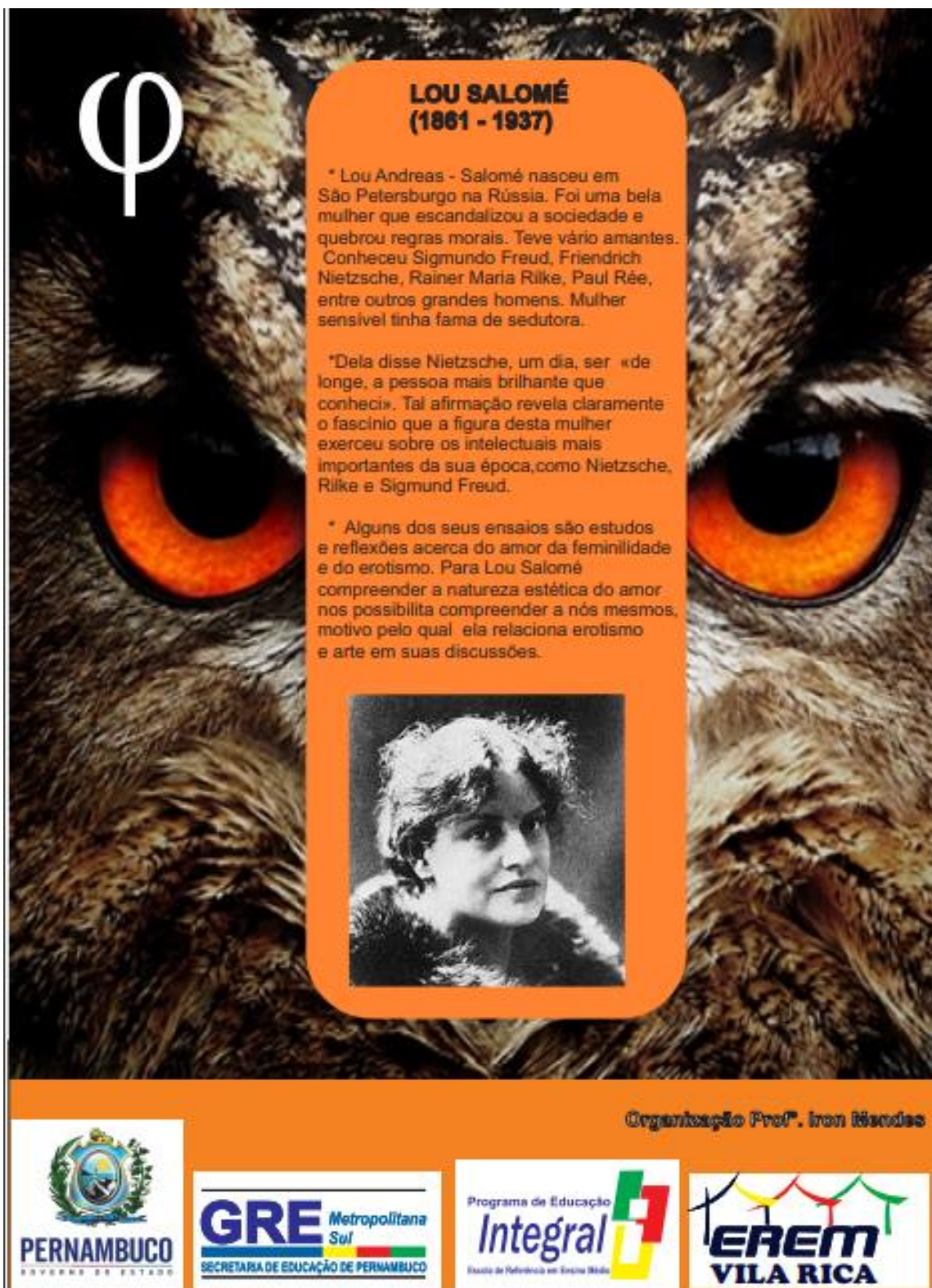

PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO


GRE Metropolitana Sul
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO


Programa de Educação
Integral
Escola de Referência em Ensino Médio


EREM
VILA RICA

APÊNDICE G – BANNER 6: LOU SALOMÉ (1981 – 1937)



φ

LOU SALOMÉ
(1861 - 1937)

* Lou Andreas - Salomé nasceu em São Petersburgo na Rússia. Foi uma bela mulher que escandalizou a sociedade e quebrou regras morais. Teve vários amantes. Conheceu Sigmundo Freud, Friedrich Nietzsche, Rainer Maria Rilke, Paul Rée, entre outros grandes homens. Mulher sensível tinha fama de sedutora.

* "Dela disse Nietzsche, um dia, ser «de longe, a pessoa mais brilhante que conheci». Tal afirmação revela claramente o fascínio que a figura desta mulher exerceu sobre os intelectuais mais importantes da sua época, como Nietzsche, Rilke e Sigmund Freud.

* Alguns dos seus ensaios são estudos e reflexões acerca do amor da feminilidade e do erotismo. Para Lou Salomé compreender a natureza estética do amor nos possibilita compreender a nós mesmos, motivo pelo qual ela relaciona erotismo e arte em suas discussões.



Organização Prof. Iron Mendes


PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO


GRE Metropolitana Sul
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO


Programa de Educação
Integral
Escola de Referência em Ensino Médio


EREM
VILA RICA

APÊNDICE H – BANNER 7: HELOISE DE PARÁCLITO (+- 1090 – 1164)



φ

HELOISE DE PARÁCLITO (+-1090 - 1164)

*Heloise de Argenteuil ou Heloise de Paráclito foi uma freira, escritora, erudita e abadessa francesa, mais conhecida por seu amor e correspondências com o filósofo Pedro Abelardo.

*Ela era brilhante estudiosa de latim, grego e hebraico, e tinha uma reputação de inteligência e perspicácia. Abelardo escreve que ela era muito conhecida por seu dom da escrita e leitura.

*O que se sabe é que ela era funcionária de um tio, um cônego em Paris chamado Fulbert. Em algum momento de sua vida, provavelmente já adolescente, ela se tornou aluna de Pedro Abelardo, que foi um dos mais populares professores e filósofos, em Paris.



Organização Profª. Iran Mendes

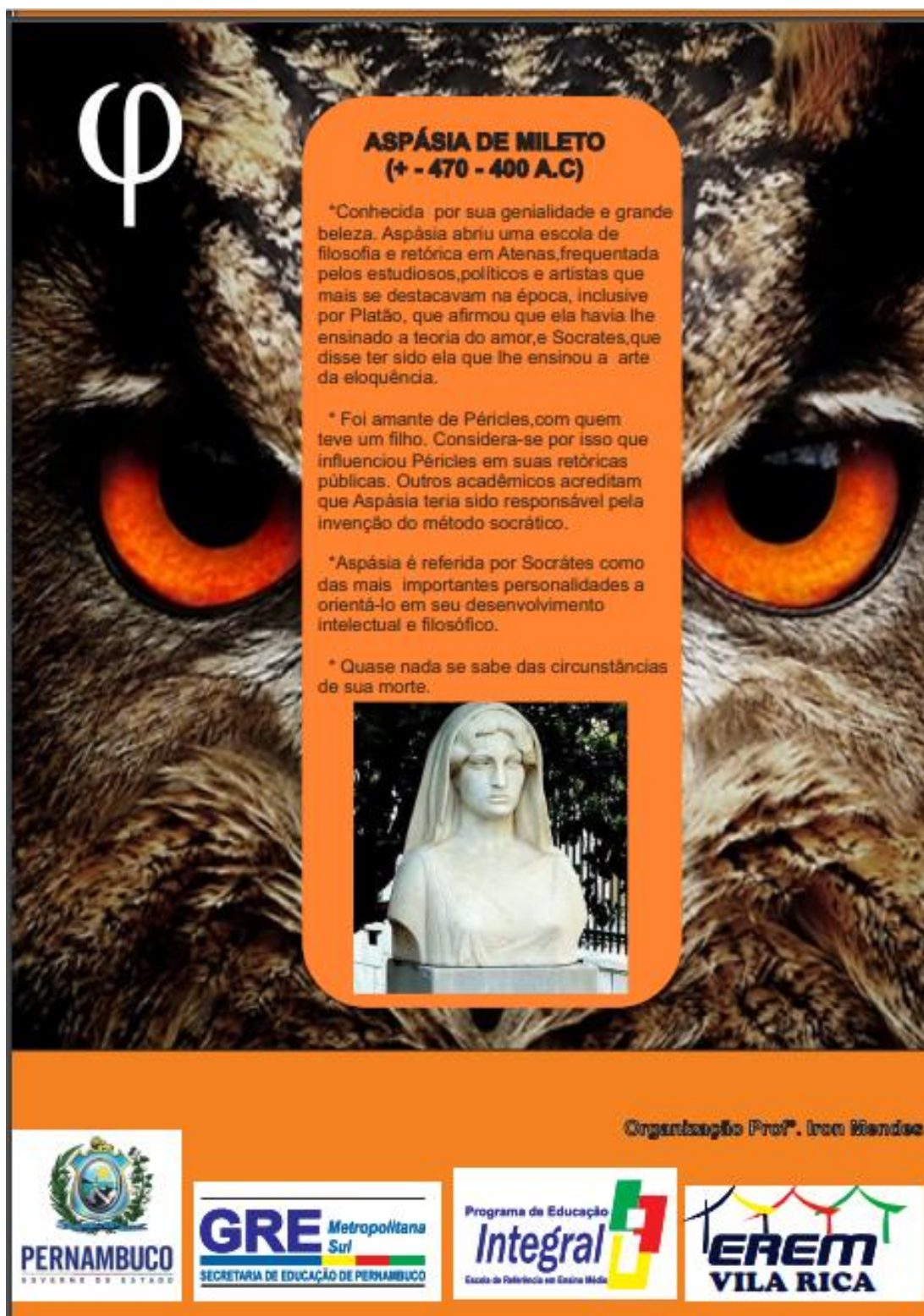

PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO


GRE Metropolitana
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO


Programa de Educação
Integral
Escola de Referência em Gestão Escolar


TEREM
VILA RICA

APÊNDICE I – BANNER 8: ASPÁSIA DE MILETO (+- 470 – 400 a.C.)



ASPÁSIA DE MILETO
(+ - 470 - 400 A.C)

*Conhecida por sua genialidade e grande beleza, Aspásia abriu uma escola de filosofia e retórica em Atenas, frequentada pelos estudiosos, políticos e artistas que mais se destacavam na época, inclusive por Platão, que afirmou que ela havia lhe ensinado a teoria do amor, e Sócrates, que disse ter sido ela que lhe ensinou a arte da eloquência.

* Foi amante de Péricles, com quem teve um filho. Considera-se por isso que influenciou Péricles em suas retóricas públicas. Outros acadêmicos acreditam que Aspásia teria sido responsável pela invenção do método socrático.

* Aspásia é referida por Sócrates como das mais importantes personalidades a orientá-lo em seu desenvolvimento intelectual e filosófico.

* Quase nada se sabe das circunstâncias de sua morte.



Organização Prof.º Ivan Mendes


PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO


GRE Metropolitana Sul
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO


Programa de Educação
Integral
Escola de Referência em Ensino Médio


TEREM
VILA RICA

APÊNDICE J – BANNER 9: SAFO DE LESBOS (+- 630 a.C)



φ

SAFO DE LESBOS
(+- 630A.C)

*Safo foi membro da aristocracia e importante representante feminina da lírica grega. Teria nascido na ilha de lesbos e teria passado a maior parte de sua vida na cidade de Mitilene.

*Devido a seus escritos e sua posição social e política, Safo foi exilada para Sicília quando jovem. Após cinco anos de exílio, retornou a ilha de Lesbos e em Mitilene inaugurou uma escola para mulheres.

*Nessa escola, Safo ensinava poesia, dança, arte, filosofia e música para suas alunas, também se desenvolviam atividades físicas, banquetes, cultos religiosos e concursos de beleza. As alunas, chamadas de hetarai (companheiras), vinham de todos os lugares da Grécia para serem discípulas de Safo.

*Lá as alunas aprendiam a serem mulheres completas», ou seja: graciosas, femininas e elegantes, segundo a ideia de feminilidade de Safo. Há alguns que dizem que a poesia as preparava para o casamento.



Organização Profª. Iran Mendes


PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO


GRE Metropolitana Sul
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO


Programa de Educação
Integral
Escola de Referência em Ensino Médio


EREM VILA RICA

APÊNDICE K – BANNER 10: SIMONE DE BEAUVOIR (1908 – 1966)



φ

SIMONE DE BEAUVOIR
(1908 - 1966)

*Foi uma escritora, intelectual, filósofa existencialista, ativista política, feminista e teórica social francesa. Teve uma influência significativa tanto no existencialismo feminista quanto na teoria feminista.

*Estudou filosofia na Universidade de Paris (Sorbonne), onde conheceu outros jovens intelectuais, como Maurice Merleau-Ponty e Jean-Paul Sartre, com quem manteve um relacionamento aberto por toda a vida.

*Ela é conhecida por seu tratado, O Segundo Sexo, de 1949, uma análise detalhada da opressão das mulheres e um tratado fundamental do feminismo contemporâneo.

*Ela faleceu aos 78 anos de idade por conta do agravamento de uma pneumonia.
Seu corpo foi enterrado no Cemitério de Montparnasse, no mesmo túmulo de Sartre.



Organização Profª. Iraci Mendes

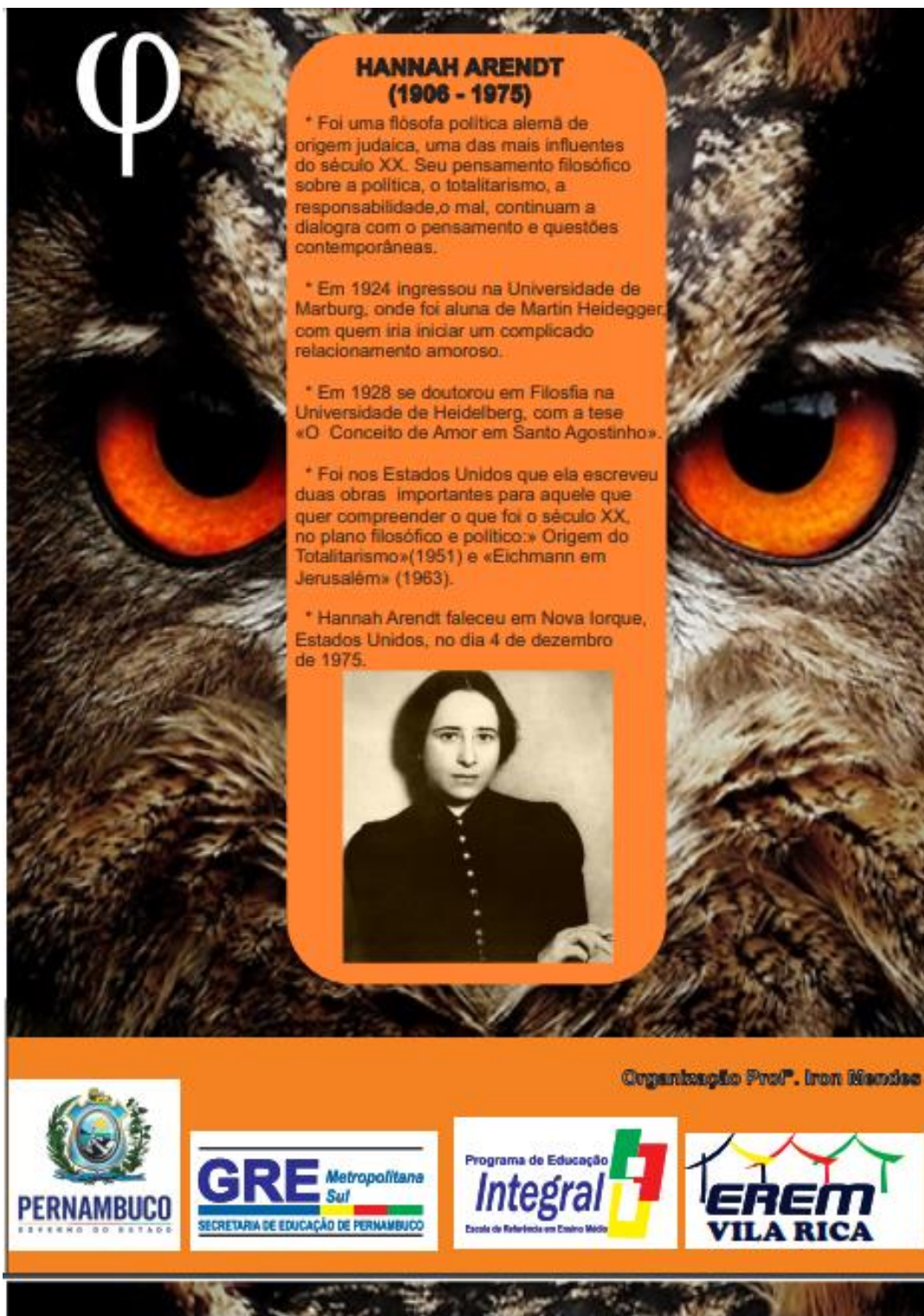

PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO


GRE Metropolitana Sul
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO


Programa de Educação
Integral
Escola de Referência em Ensino Médio


EREM
VILA RICA

APÊNDICE L – BANNER 11: HANNA ARENDT (1906 – 1975)



HANNAH ARENDT
(1906 - 1975)

* Foi uma filósofa política alemã de origem judaica, uma das mais influentes do século XX. Seu pensamento filosófico sobre a política, o totalitarismo, a responsabilidade, o mal, continuam a dialogar com o pensamento e questões contemporâneas.

* Em 1924 ingressou na Universidade de Marburg, onde foi aluna de Martin Heidegger, com quem iria iniciar um complicado relacionamento amoroso.

* Em 1928 se doutorou em Filosofia na Universidade de Heidelberg, com a tese «O Conceito de Amor em Santo Agostinho».

* Foi nos Estados Unidos que ela escreveu duas obras importantes para aquele que quer compreender o que foi o século XX, no plano filosófico e político: «Origem do Totalitarismo» (1951) e «Eichmann em Jerusalém» (1963).

* Hannah Arendt faleceu em Nova Iorque, Estados Unidos, no dia 4 de dezembro de 1975.



Organização Prof. Iron Mendes

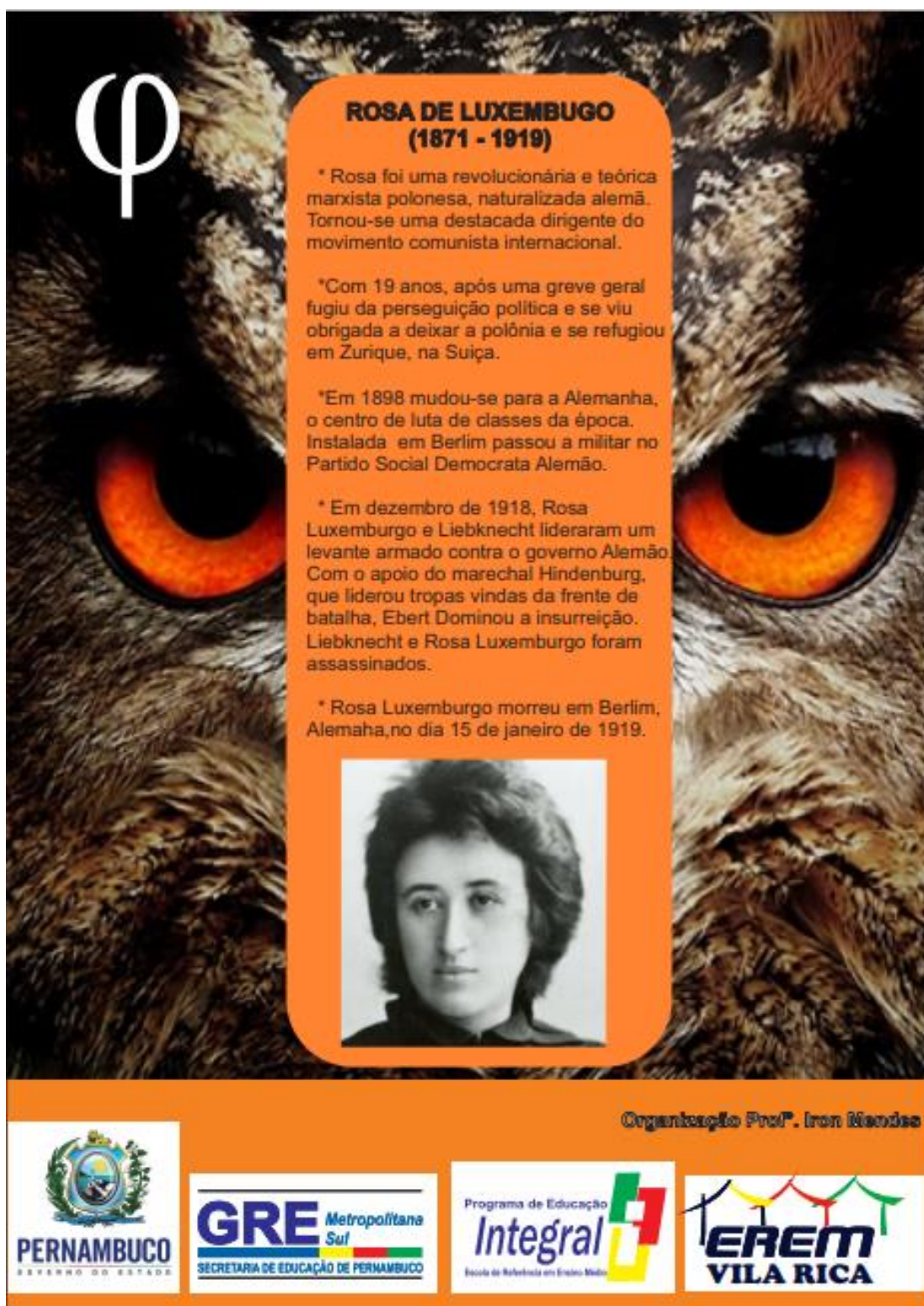

PERNAMBUCO
ESTADO


GRE Metropolitana Sul
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO


Programa de Educação
Integral
Escola de Referência em Ensino Médio


EREM
VILA RICA

APÊNCIDE M – BANNER 12: ROSA DE LUXEMBURGO (1871 – 1919)



φ

**ROSA DE LUXEMBURGO
(1871 - 1919)**

* Rosa foi uma revolucionária e teórica marxista polonesa, naturalizada alemã. Tornou-se uma destacada dirigente do movimento comunista internacional.

* Com 19 anos, após uma greve geral fugiu da perseguição política e se viu obrigada a deixar a polônia e se refugiou em Zurique, na Suíça.

* Em 1898 mudou-se para a Alemanha, o centro de luta de classes da época. Instalada em Berlim passou a militar no Partido Social Democrata Alemão.

* Em dezembro de 1918, Rosa Luxemburgo e Liebknecht lideraram um levante armado contra o governo Alemão. Com o apoio do marechal Hindenburg, que liderou tropas vindas da frente de batalha, Ebert Dominou a insurreição. Liebknecht e Rosa Luxemburgo foram assassinados.

* Rosa Luxemburgo morreu em Berlim, Alemanha, no dia 15 de janeiro de 1919.



Organização Prof. Iron Mendes

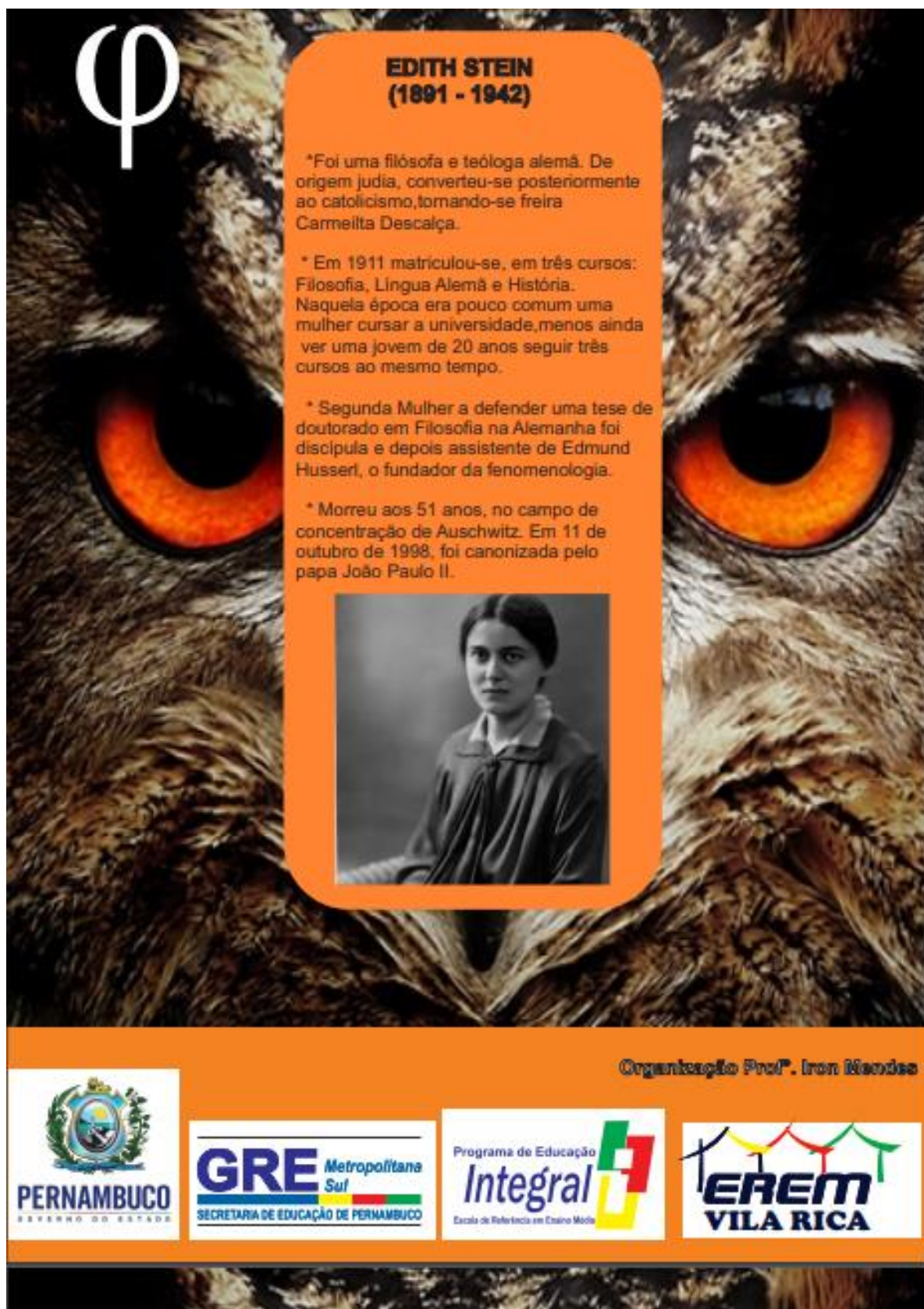

PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO


GRE Metropolitana
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO


Programa de Educação
Integral
Escola de Referência em Ensino Médio


TEREM
VILA RICA

APÊNDICE N – BANNER 13: EDITH STEIN (1891 – 1942)



φ

EDITH STEIN
(1891 - 1942)

* Foi uma filósofa e teóloga alemã. De origem judia, converteu-se posteriormente ao catolicismo, tomando-se freira Carmelita Descalça.

* Em 1911 matriculou-se, em três cursos: Filosofia, Língua Alemã e História. Naquela época era pouco comum uma mulher cursar a universidade, menos ainda ver uma jovem de 20 anos seguir três cursos ao mesmo tempo.

* Segunda Mulher a defender uma tese de doutorado em Filosofia na Alemanha foi discípula e depois assistente de Edmund Husserl, o fundador da fenomenologia.

* Morreu aos 51 anos, no campo de concentração de Auschwitz. Em 11 de outubro de 1998, foi canonizada pelo papa João Paulo II.



Organização Profª. Iron Mendes

 **PERNAMBUCO**
GOVERNO DO ESTADO

 **GRE** Metropolitana
Sul
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO

 Programa de Educação
Integral
Escola de Referência em Ensino Médio

 **EREM**
VILA RICA

APÊNDICE O – BANNER 14: LOUISE LABÉ (1524 – 1566)



Φ

**LOUISE LABÉ
(1524 - 1566)**

- * Loise recebeu uma educação refinada para a época, consistindo de latim, italiano, música, equitação e até mesmo esgrima. Bonita e independente, aos dezesseis anos disfarçou-se de homem e sob a alcunha de «capitão Loys» acompanhou um de seus amantes ao cerco de Perpignan e chegou mesmo a tomar parte de combates.
- * Defende uma pauta feminista: direito das mulheres à educação, a liberdade de pensamento e a escolha de parceiros.
- * Embora perseguida e repreendida por vários reacionários ela, foi saudada por seus colegas poetas da época como uma nova Safo.
- * Ela morreu em 1566, e foi sepultada em sua propriedade próximo a Paris.



Organização Profª. Iracema Mendes


PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO


GRE Metropolitana Sul
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO


Programa de Educação
Integral
Escola de Referência em Ensino Médio


TEREM
VILA RICA

APÊNDICE P – BANNER 15: MARILENA CHAUÍ (1941)



φ

**MARILENA CHAUÍ
(1941)**

- * É uma filósofa especialista na obra de Baruch Espinoza e escritora brasileira, professora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.
- * É reconhecida por sua participação no âmbito político e intelectual do Brasil, sendo integrante fundadora do Partido dos Trabalhadores. Foi Secretária da Cultura de São Paulo e tem papel ativo na vida política do país.
- * Sua produção acadêmica conquistou grande êxito, mas alguns de seus trabalhos, escritos em estilos didático e singelo, de fácil compreensão, propiciam seu sucesso também entre as pessoas leigas, desvinculadas do universo acadêmico.
- * Em sua obra é possível encontrar temas como ideologia, cultura, universidade pública, entre outros. Destacam-se os livros *Repressão Sexual*, *Da Realidade sem Mistérios ao Mistério do Mundo*, *Introdução à História da Filosofia*, *Convite à Filosofia*, *A Nervura do Real*, *Simulacro e Poder*.



Organização Prof.º Iron Mendes


PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO


GRE Metropolitana Sul
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO


Programa de Educação
Integral
Escala de Referência em Ensino Médio


TEREM
VILA RICA

APÊNDICE Q – BANNER 16: JUDITH BUTLER (1956)



**JUDITH BUTLER
(1956)**

- * Judith Butler nasceu em 1956, em Ohio, numa família judaica. Estudou na escola hebraica, recebendo educação sobre ética judaica.
- * É uma filósofa pós-estruturalista americana, uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, filosofia política e ética.
- * Recebeu o diploma de filosofia em Yale 1978, e seu doutorado em 1984, que versava sobre o estudo de gênero. Lecionou em algumas Universidades, até chegar a Berkeley no ano de 1993, onde ensina e pesquisa até hoje.
- * Ela envolveu-se nos esforços de crítica ao estruturalismo presente na teoria feminista ocidental (Claude Lévi-Strauss), questionando os termos do feminismo vigente.



Organização Prof. Iron Mendes

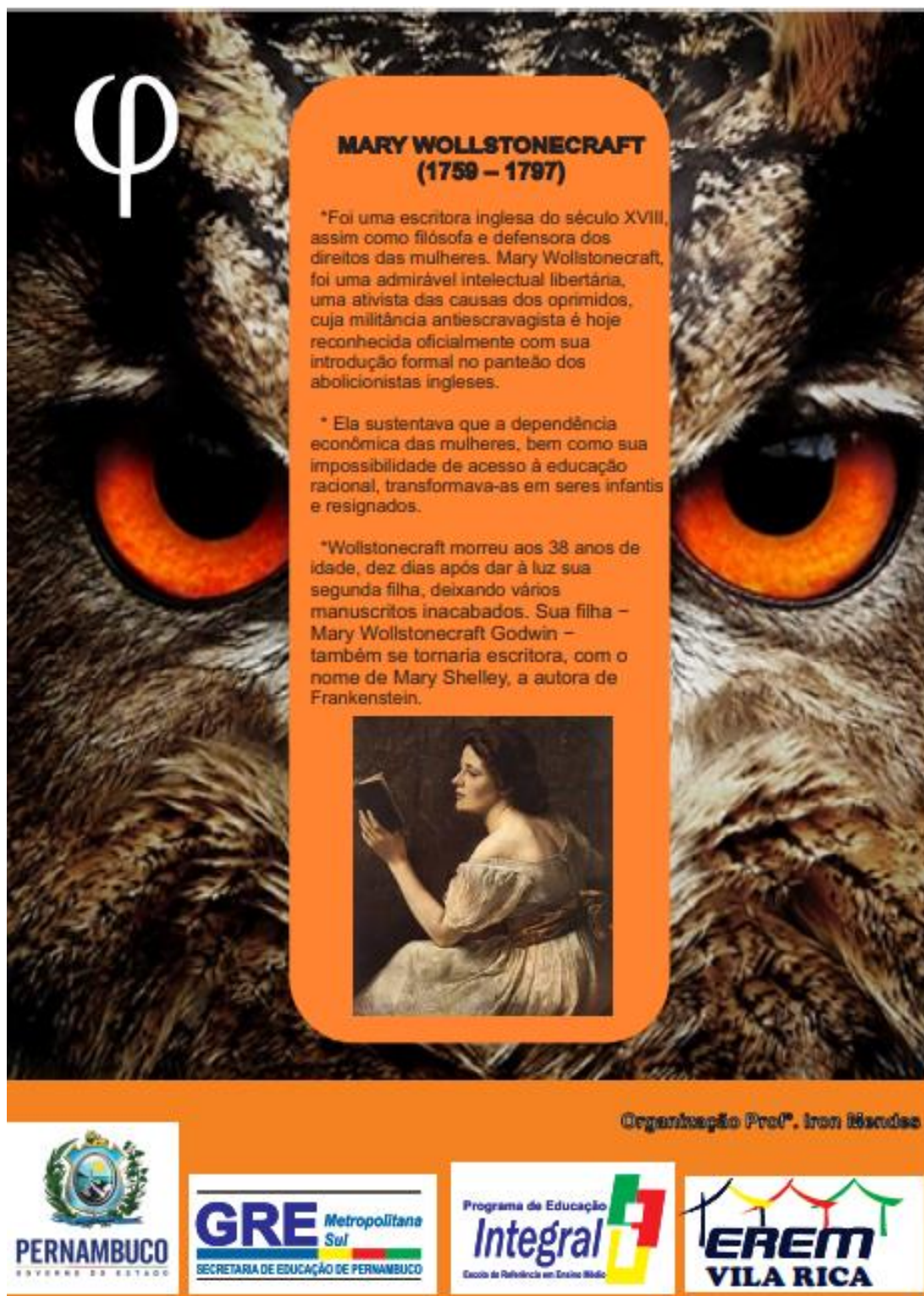

PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO


GRE Metropolitana Sul
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO


Programa de Educação
Integral
Escola de Referência em Ensino Médio


EREM
VILA RICA

APÊNDICE R – BANNER 17: MARY WOLLSTONECRAFT (1759 – 1797)



φ

**MARY WOLLSTONECRAFT
(1759 – 1797)**

*Foi uma escritora inglesa do século XVIII, assim como filósofa e defensora dos direitos das mulheres. Mary Wollstonecraft, foi uma admirável intelectual libertária, uma ativista das causas dos oprimidos, cuja militância antiescravagista é hoje reconhecida oficialmente com sua introdução formal no panteão dos abolicionistas ingleses.

* Ela sustentava que a dependência econômica das mulheres, bem como sua impossibilidade de acesso à educação racional, transformava-as em seres infantis e resignados.

*Wollstonecraft morreu aos 38 anos de idade, dez dias após dar à luz sua segunda filha, deixando vários manuscritos inacabados. Sua filha – Mary Wollstonecraft Godwin – também se tornaria escritora, com o nome de Mary Shelley, a autora de Frankenstein.



Organização Profª. Iron Biscudes


PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO


GRE Metropolitana Sul
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO


Programa de Educação
Integral
Escola de Referência em Ensino Médio


EREM VILA RICA

APÊNDICE S – BANNER 18: MÁRCIA TIBURI (1970)

φ

**MÁRCIA TIBURI
(1970)**

- * É doutora em filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1999) com ênfase em filosofia contemporânea seus principais temas são ética, estética, filosofia do conhecimento e feminismo.
- * Escreve também para jornais e revistas especializadas, assim também para a grande imprensa.
- * Seu livro como Conversar com Um Fascista, publicado pela Editora Record, fala sobre temas como genocídio indígena, racismo, homofobia, feminicídio e manipulação de crianças.
- * É professora do programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Organização Profª. Irani Mendes

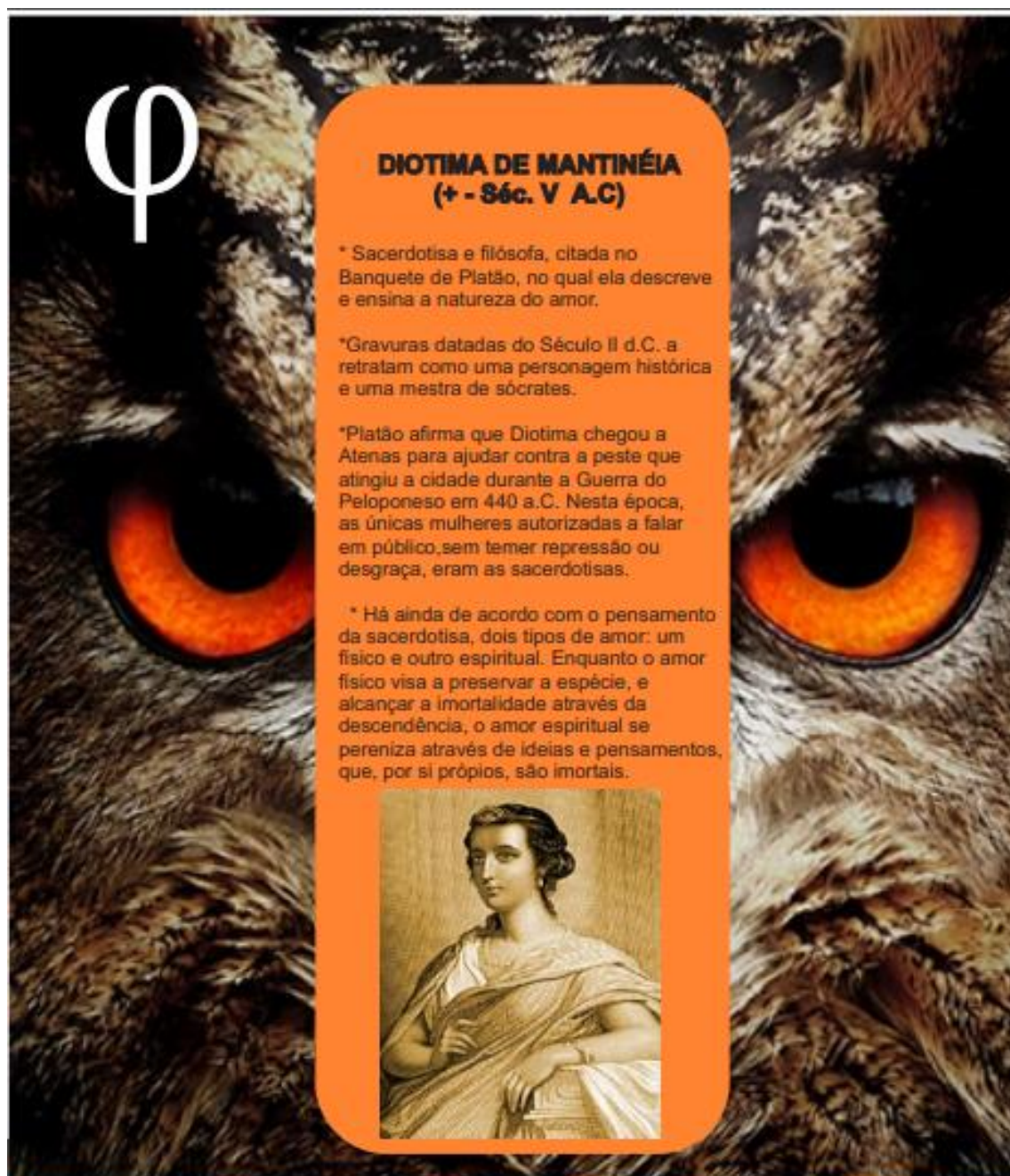
PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

GRE Metropolitana Sul
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO

Programa de Educação
Integral
Escola de Referência em Ensino Médio

EREM
VILA RICA

APÊNDICE T – BANNER 19: DIOTIMA DE MANTINÉIA (+- SÉC. V a.C.)



φ

DIOTIMA DE MANTINÉIA
(+ - Séc. V A.C)

* Sacerdotisa e filósofa, citada no Banquete de Platão, no qual ela descreve e ensina a natureza do amor.

* Gravuras datadas do Século II d.C. a retratam como uma personagem histórica e uma mestra de sócrates.

* Platão afirma que Diotima chegou a Atenas para ajudar contra a peste que atingiu a cidade durante a Guerra do Peloponeso em 440 a.C. Nesta época, as únicas mulheres autorizadas a falar em público, sem temer repressão ou desgraça, eram as sacerdotisas.

* Há ainda de acordo com o pensamento da sacerdotisa, dois tipos de amor: um físico e outro espiritual. Enquanto o amor físico visa a preservar a espécie, e alcançar a imortalidade através da descendência, o amor espiritual se pereniza através de ideias e pensamentos, que, por si próprios, são imortais.



Organização Profª. Iran Mendes



PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

GRE Metropolitana Sul

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO

Programa de Educação

Integral

Escola de Referência em Ensino Médio



EREM
VILA RICA

APÊNDICE U – BANNER 20: SIMONE WEIL (1909 – 1943)



Φ

**SIMONE WEIL
(1909 – 1943)**

Foi uma escritora, mística e filósofa francesa, que se tornou operária da Renault para escrever sobre o cotidiano dentro das fábricas, revelando precocemente uma inteligência notável e uma personalidade excêntrica.

"O itinerário de vida de Simone vai ser um contínuo servir, um despojar-se, um "abaixar-se" para uma união amorosa cada vez mais profunda, uma proximidade cada vez mais solidária com os pequenos, os humildes, os desprezados, os "párias" da modernidade.

"Em 1931, Simone Weil tornou-se professora numa escola secundária para moças em Le Puy, onde ganhou outro apelido exótico: "Virgem Vermelha", algo como um misto de freira e anarquista.

"Morreu de parada cardíaca aos 34 anos de idade no Sanatório Grosvenor, em Ashford, Kent. Uma rua da cidade foi batizada com o seu nome.



Organização Profª. Iron Mendes

 **PERNAMBUCO**
ESTADO DO ESTADO

 **GRE** Metropolitana Sul
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO

 Programa de Educação
Integral
Escola de Referência em Ensino Médio

 **EREM**
VILA RICA

APÊNDICE V – FOTOS DA CULMINÂNCIA DA DISCIPLINA 1**APÊNDICE W – FOTOS DA CULMINÂNCIA DA DISCIPLINA 2**

APÊNDICE X – FOTOS DA CULMINÂNCIA DA DISCIPLINA 3



APÊNDICE Y – FOTOS DA CULMINÂNCIA DA DISCIPLINA 4



APÊNDICE Z - FOTOS DA CULMINÂNCIA DA DISCIPLINA 5**APÊNDICE A1 – FOTOS DA CULMINÂNCIA DA DISCIPLINA 6**